

eBook **Gratuito**

divulgado pela **EDITORA FIEL**

A Editora Fiel divulga conteúdo gratuito e promoções exclusivas através do Informativo Fiel. Cadastre o seu email para o receber.

Acesse:

editorafiel.com.br/informativo

Todos os direitos são reservados.

É expressamente proibido editar ou vender este eBook.



**TORTURADO
POR
SUA**

FE



HARALAN POPOV

**TORTURADO
POR
SUA
FE**

HARALAN POPOV



EDITORA FIEL

Torturado por sua Fé

Traduzido do original em inglês:

TORTURED FOR HIS FAITH

Copyright © Haralan Popov

ISBN N^o. 85-99145-18-5

Oitava edição em português © 2006 Editora Fiel

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução deste livro, no todo ou em parte, sem a permissão escrita dos Editores.

Tradução: João Bentes

Revisão: Marilene Paschoal

Francisco Wellington Ferreira

Ana Paula Eusébio Pereira

Diagramação: Christiane de Medeiros dos Santos

Capa: Edvanio Silva

Direção de Arte: Rick Denham

EDITORA FIEL DA

MISSÃO EVANGÉLICA LITERÁRIA

Caixa Postal 81

12201-970 São José dos Campos - SP



Índice

Prefácio	5
Seqüestrado de meu lar	7
Começam as noites intermináveis	9
“Bem vindo à Casa Branca, prisioneiro Popov!”	13
Um ateu empedernido encontra Cristo	15
A Mão de Deus sobre um homem	19
A Bulgária transformou-se na “Pequena Rússia”	20
Antes espiões do que mártires cristãos	21
As paredes da prisão falam	23
A “Dieta de Morte”	29
A cela de punição	30
O quarto dia diante da parede	33
O décimo dia	34
O décimo quarto dia	36
Pregando o evangelho para a Polícia Secreta	43
Levando Mitko a Cristo	47
A luta final	51
O cântico dos tamancos	56

Quebrado, mas não derrotado	58
O trágico sofrimento dos familiares	65
“Você é um homem morto, Haralan Popov!”	69
Classificado como não-reformado	74
Ruídos noturnos	77
Um presente de Deus	81
Persin — uma ilha de horror	85
Mensagem secreta em uma fotografia	90
A véspera de Natal	95
Dias de Natal na prisão	98
Trabalho escravo em Persin	101
Na câmara de morte	103
Nove meses na cova	107
O incidente do feijão	108
Ministério como pastor da prisão	113
Memorizando 47 capítulos	116
Pregando pelo telégrafo da prisão	118
Perdi meu Novo Testamento	124
Estudos Bíblicos no pátio da prisão	125
Os frutos do aprisionamento	135
Admirável “ <i>babba</i> ” Maria	142
Espiões da igreja vigiam os espiões	145
Subterrânea com Deus	148
Evangelismo de aniversário	149
O lixeiro de Bíblias	152
“Fábrica subterrânea de Bíblias”	155
Minha missão urgente	159
Uma mensagem da Igreja Subterrânea	165



Prefácio

Durante treze anos e dois meses, retido em prisões comunistas, fui sustentado por duas certezas. A primeira: eu sabia que a minha vida estava realmente nas mãos de Deus e não nas mãos de meus carcereiros comunistas. A segunda: eu queria sobreviver para dar meu testemunho e contar o que presenciei.

O propósito deste livro não é mostrar a depravação dos homens — o que experimentei dia e noite durante mais de treze anos, e sim mostrar *o irresistível amor de Deus*. Se temos de salientar algo neste livro, que seja a verdade *avassaladora do amor de Deus* em meio à *bestialidade* humana.

Na prisão, aprendi a lição do amor, como nunca havia aprendido. Embora eu já tivesse pregado sobre o amor de Deus em muitos púlpitos, percebi o amor dEle com um novo aspecto, no intenso desespero de celas subterrâneas e na fisionomia de incontáveis companheiros de prisão. Destituído de todas as coisas materiais e todas as distrações, encontrei em Deus uma realidade maior do que já conhecera. A verdade com frequência brilha mais intensamente onde as circunstâncias são mais obscuras.

Não faço ataques políticos neste livro, pois vejo o comunismo não apenas como uma força política, mas também como “sintoma” de uma *enfermidade espiritual* muito mais profunda. É a “religião” do ateísmo militante. A incapacidade de destruir a fé em Deus é o

“calcanhar de Aquiles” do comunismo. Os comunistas temem desesperadamente a fé em Deus. Nunca estas palavras de Paulo se mostraram tão verdadeiras: “Nossa luta não é contra o sangue e a carne”.

Mas tenho outra razão para haver escrito este livro. Hoje há muitos rumores falsos, no estrangeiro, de que o comunismo está “se abrandando” para com o cristianismo e que as práticas do passado, apesar de serem más, acabaram. Fiquei chocado ao ver como essa ilusão dos comunistas é amplamente aceita. Este é um boato totalmente falso. Na verdade, por trás da Cortina de Ferro, o cristianismo está sendo atacado com maior severidade, do que fora antes. Muitos continuam morrendo nas prisões.

Em vez de tentar destruir a Igreja atacando-a *externamente*, na Rússia e em outros países, o comunismo está subvertendo-a e controlando-a *internamente*. Em vez de dar fim à Igreja com um único ataque brutal, o comunismo atualmente procura estrangular a Igreja lentamente. O ataque, em nossos dias, tanto é mais sutil como é mais perigoso.

Nos países comunistas, o cristianismo não é livre e franco, como alguns proclamam. Mas também não pode ser destruído. Está vivo e crescente, mesmo sob perseguição, como sucedeu à Igreja Primitiva. De fato, uma Igreja Subterrânea está viva no mundo comunista. Suas similaridades com a Igreja Primitiva são extraordinárias. Para apresentar o meu testemunho e a história da Igreja Subterrânea, escrevo este livro. Dedico-o aos milhares de irmãos em Cristo que morreram encarcerados, muitos deles ao meu lado. Também o dedico ao corpo de Cristo que, em nossos dias, é torturado no mundo comunista.

Haralan Popov



Seqüestrado de meu lar

Às quatro horas da madrugada, no dia 24 de julho de 1948, a campainha começou a tocar insistentemente. Levantei-me sonolento, vesti o roupão e fui atender. Achavam-se ali três estranhos; dois estavam com vestes civis, e o outro, com roupas militares. “Viemos para revistar sua casa”, disse o líder, trajando vestes comuns, ao mesmo tempo em que passava por mim, impetuosamente, em direção ao interior da casa silenciosa.

Minha esposa, Rute, ouviu o barulho e veio unir-se a mim, na sala, onde, perplexos, observávamos os três homens vasculharem a casa inteira. Enquanto vasculhavam, pensei: *finalmente, chegou a hora.*

Procuraram por toda parte — entre os livros, nas camas, nas estantes, nos armários, nas gavetas — durante três horas. Não deixaram de ver coisa alguma! Quando o sol começou a brilhar, cerca de sete horas da manhã, voltaram-se para mim e ordenaram-me que os acompanhasse. Eu teria de ir com eles, apenas para “*um ligeiro interrogatório*”, conforme explicaram.

Eu não tinha a menor idéia de que o “*ligeiro interrogatório*” se prolongaria por intermináveis treze anos de tortura e encarceramento. Quando me empurravam pela porta de saída, mal vestido, Rode, minha filhinha, acordou e veio correndo para a sala. Com a rápida percepção de uma criança, ela entendeu que seu pai estava

sendo levado embora. Rompeu em lágrimas e começou a chorar, copiosamente — soluçante, ela tremia.

“Estão levando o papai. Estão levando o papai”, repetia ela. A cena simplesmente era demais para mim, e lágrimas afloraram de meus olhos, quando abracei Rode. Por muitas vezes, assegurei-lhe que voltaria logo, embora, no íntimo, eu soubesse ser aquele o golpe que estivera aguardando. O coração de Rode estava desolado e, apesar de todas as minhas promessas, ela não se consolava. Acho que, de algum modo, ela sabia — à maneira peculiar de uma criança — que não veria seu pai novamente.

Durante tudo aquilo, meu filhinho Paulo dormia, e não tive oportunidade de dizer-lhe “adeus”. Mais tarde, Rute me disse que, após termos partido, ela se ajoelhou e, chorando, suplicou a Deus que eu fosse devolvido antes do cair da noite. Após duas ou três horas, ela foi visitada pela esposa do pastor Manoloff, que lhe contou que seu marido também havia sido levado.

Caminhando para a delegacia, entre os três homens, por volta das sete horas da manhã, eu mantinha a cabeça erguida. Enquanto o “desfile” de quatro homens descia a rua, pude sentir os olhos de meus amigos, vizinhos e membros da igreja fixos em mim. Eu sabia que, desde a minha conversão, servira exclusivamente a Deus e que estava nas mãos dEle. Do fundo do coração, clamei a Deus, pedindo-Lhe sua graça para suportar tudo quanto estivesse à minha espera.

Na delegacia, fui revistado da cabeça aos pés e trancado em uma cela. Ali, já havia outro homem, um armênio. A cela era imunda, repleta de papéis e lixo. Em um canto, estava um pote de barro, velho e rachado, que nos servia de “banheiro”. Transbordava e exalava um mau cheiro horrível. Passei o dia andando para frente e para trás, das oito da manhã às oito da noite, profundamente preocupado com Rute, Rode e Paulo.



Começam as noites intermináveis

Às oito horas da noite, abriu-se a porta da cela. Um jovem me ordenou que o acompanhasse. Ele me levou para baixo, ao segundo pavimento, a um escritório belamente mobiliado, onde me apresentou a outro jovem. Disseram-me que deveria chamá-lo de “Sr. Inspetor”. Permaneci em frente ao “Sr. Inspetor”, que lançou sua primeira pergunta:

“Sabe qual é a diferença entre a milícia e a polícia?”

Pensei que a pergunta fosse uma piada e respondi: “Não, não sei. Nunca me interessei por essas questões policiais”. Minha resposta o irritou, e ele gritou: “Não tente brincar comigo, prisioneiro Popov. Fique de pé, olhando para a parede e não se mova!”

Isto parece uma punição insignificante, mas posso assegurar que é algo muito extenuante e doloroso para o corpo inteiro, especialmente para o cóccix.

O “Sr. Inspetor” continuou a fazer-me a mesma pergunta, das oito horas da noite até à meia-noite, estando eu rigidamente de pé. A cada cinco ou dez minutos a pergunta era repetida: “Você sabe a diferença entre a milícia e a polícia?” Procurei explicar que não sabia. Quando percebi que não estava chegando a lugar nenhum, parei de responder. Ele gritou: “Nós lhe ensinaremos uma lição! Levante os braços e não mova um músculo!”

Finalmente, perto da meia-noite, o “Sr. Inspetor” disse: “Vou lhe dizer a diferença entre a milícia e a polícia. A polícia é empregada para resguardar os interesses dos capitalistas ricos, e a milícia cuida dos interesses do povo trabalhador e honesto”. Então foi-me permitido baixar os braços.

Acabara de aprender uma dura “lição” em semântica comunista.

Meus braços pesavam como troncos. Então, ele me fez outra pergunta. “Diga exatamente por que está aqui”. Respondi que naquela manhã, três homens tinham ido à minha casa, e me haviam trazido para ali. Estivera em uma cela o dia inteiro, e ninguém me dissera coisa alguma. Porém, ele replicou: “Não, você sabe por que está aqui”.

“Mas não tenho certeza”, respondi, embora tivesse uma boa idéia do motivo.

Depois de haver repetido a pergunta por uma hora. O “inspetor” disse: “Agora eu vou embora. Fique aqui de pé até pela manhã, quando chegarei cedo para ouvir sua resposta; então, veremos se você ainda se mostrará esperto”.

Ele me deixou aos cuidados de um jovem chamado Jordan, que me retirara da cela. Jordan passou a noite sentado em uma cadeira, atrás de mim, enquanto eu permaneci em pé, olhando para a parede. Eu não sabia que não passaria apenas uma noite “em frente da parede” mas que seria forçado, posteriormente, a fazer isso por duas semanas!

As últimas horas da noite, entre as três da madrugada e as sete da manhã, foram as mais difíceis. Após ter permanecido com o rosto voltado para a parede a noite inteira, sem um momento de sono, aquelas horas me pareceram longas como a eternidade. Finalmente, raiou a manhã, e Jordan levou-me de volta à cela. O armênio quis dar-me alguma coisa para comer, mas preferi esticar-me no beliche de tábuas e descansar. Estava tão cansado, que só queria dormir; mas percevejos em profusão, que haviam no leito, além de vários bichinhos rastejantes, me mantinham acordado. Antes de dar-me conta, meu corpo estava coberto por aquelas criaturas; era impossível dormir. Tive de levantar-me e caminhar para lá e para cá. Mais tarde, ouvi comentários de que as celas eram propositalmente infestadas de insetos, piolhos e vermes, para agravar as condições dos prisioneiros. Nunca descobri se isso era verdade, mas suspeito que assim fosse. Havia exércitos de insetos.

Agora era domingo, 25 de julho; pela primeira vez, em muitos anos, não passei um domingo com a igreja. Ajoelhei-me em minha cela, e meus pensamentos se voltaram para meus irmãos e irmãs em Cristo, que estariam no culto, naquele momento. Orei em favor de meus filhos e esposa, a quem eu deixara sem dinheiro e alimentos. Como eu gostaria de estar com eles! Pedi ao Senhor que cuidasse deles no futuro, independente do que este lhes reservasse. Eu sabia que a Grande Perseguição tivera início, por amor a Cristo. Através da história da Igreja, isso já acontecera muitas vezes. E, de todo o coração, pedi a Deus que me desse forças para equiparar-me aos discípulos e mártires da Igreja Primitiva. Por certo, eu não poderia fazê-lo com minhas próprias forças. Um grilo cantou em algum lugar, entre as tábuas apodrecidas da cela; a minha alma abatida sentiu-se enlevada, e minha fé em Deus, renovada.

Os interrogatórios que duravam toda a noite continuaram por uma semana. O método era sempre o mesmo. Logo que escurecia, eu era levado para baixo e tinha de ficar em pé a exatamente vinte centímetros da parede. Ali, das sete horas da noite até cerca das oito da manhã, eu era interrogado, não me sendo permitido fechar os olhos. Se meus olhos se mostrassem sonolentos, Jordan pularia, gritando: “Pare! Pare! Isso não é permitido!” Durante o dia, eu tinha de combater os insetos, que eram abundantes, então, não podia descansar. A ninguém era servido qualquer alimento, na prisão. Todavia, a minha esposa conseguiu descobrir onde eu estava e me enviava alimentos de casa. Eu queria desesperadamente ver meus familiares, saber como estavam, mas isso não era permitido.

Em uma noite de sábado, ninguém veio levar-me para baixo. Contudo, por volta da meia-noite, ouvi o som de uma chave na fechadura, e uma voz desconhecida gritou: “Popov, saia daí! Você foi transferido”.

Despedi-me do armênio. Havíamos nos tornado amigos prontamente, e descobri, no ano seguinte, que amizades íntimas e verdadeiras se desenvolvem entre prisioneiros que compartilham dos mesmos sofrimentos.

A polícia me levou para fora, onde um carro policial, comumente apelidado de “Corvo Negro”, estava à espera, com dois soldados em

seu interior. Seguimos pela rua principal de Sofia; e, em apenas alguns minutos, chegamos a um grande edifício branco. Era o quartel-general da “DS” — a temida Polícia Secreta.



“Bem-vindo à Casa Branca, prisioneiro Popov!”

A Polícia Secreta chamava-se Dershavna Sigornost ou DS. Seu centro de operações ficava em um grande edifício branco que o povo apelidara de “A Casa Branca”. Mas asseguro que essa “Casa Branca” era bem diferente da Casa Branca norte-americana! Muitos dos melhores homens de nosso país foram levados à “Casa Branca” e dali nunca saíram vivos. Havia até boatos de que a “Casa Branca” tinha seu próprio “cemitério” subterrâneo, para se livrar dos corpos de suas vítimas.

Para o povo da Bulgária, o nome DS significava desaparecimento, sofrimento e morte. Por cima da porta de uma cela, estava escrita uma citação da *Divina Comédia*, de Dante: “Abandonai toda a esperança, vós que aqui entráis”. Quão apropriado! Maior é o número de pessoas que morrem ali, do que o número das que saem vivas; e aquelas que saem não sobrevivem por muito tempo, em consequência das torturas a que são submetidas. Falava-se que as pessoas, ao passarem perto do edifício da Polícia Secreta, podiam ouvir gritos que atravessavam as pedras do piso da rua, gritos provenientes do extenso complexo de celas subterrâneas. Mais tarde, descobri que isso era verdade.

Quando o “Corvo Negro” parou, e fui introduzido no edifício, temor e insegurança invadiram-me o coração. Eu havia experimenta-

do uma semana de insônia e interrogatórios; meu corpo tremia e balançava. Quando atravessasse a porta, vieram-me à memória as palavras de Salmos 73.28: “No SENHOR Deus ponho o meu refúgio”.

Eu sabia que não poderia esperar ajuda de ninguém ali na “Casa Branca”. Sussurrei uma oração: “Ó Deus, minha vida está em tuas mãos”. Meus temores começaram a desvanecer. Fui tomado por um forte sentimento de paz. A tensão de meu corpo desapareceu. Talvez a morte me esperasse na “DS”, a “Casa Branca”, mas meu coração louvava e adorava ao Senhor.

Quando um homem enfrenta a morte, examina a si mesmo e medita sobre a sua posição diante de Deus. Percebe as coisas com muita clareza. Eu me resignara ao pensamento de que minha vida terrena acabaria em breve e de que em pouco tempo estaria com o Senhor. Para mim, era evidente que eu fora levado ali para morrer. Na semana que se passara, eu tinha perdido tudo o que era precioso para mim — esposa, família, igreja, lar — mas senti Deus bem ao meu lado, quando passei pela porta que me levaria ao interior do centro de operações.

O guarda fitou-me com ironia e disse: “Bem-vindo à Casa Branca, prisioneiro Popov”. Fui novamente despido e revistado; depois, conduzido ao terceiro andar. Ao subir as escadas, percebi que havia uma rede de arame por sobre o poço da escada, uma rede colocada para que nenhum prisioneiro escapasse lançando-se da escada. Evidentemente, tantos prisioneiros tentaram cometer suicídio, que a rede fora colocada para apanhá-los.

No terceiro andar, fui levado ao longo de um corredor escuro que tinha janelas sujas, fechadas com barras, de um lado, e fileiras de portas escuras e enferrujadas, do outro lado. Na porta das celas, havia um pequeno buraco com uma tampa corrediça. Esse buraco permitia que os guardas observassem os prisioneiros. Gemidos quase inaudíveis eram suspirados pelos ocupantes das celas. Os guardas usavam sapatos feitos de pano grosso, para que os prisioneiros não os ouvissem ao se aproximarem.

Mas deixe-me contar-lhe como cheguei a esse ponto, em minha vida...



Um ateu empedernido encontra a Cristo

Nasci e passei a juventude na pequena, bela aldeia de Krasno Gradiste, na Bulgária. Em nossa família, havia quatro filhos, três irmãos e uma irmã. Todos nascemos em uma antiga casa de fazenda construída em estilo turco, que consistia de um quarto e uma cozinha. O teto era tão baixo que meu pai tinha de encurvar-se para não bater a cabeça nos caibros do telhado. A casa tinha um assoalho de terra, que minha mãe pintara com uma mistura de esterco, barro e água. Não cheirava bem, mas era um tipo de desinfetante, e o esterco impedia que o chão rachasse.

Todos dormíamos no único quarto, no chão coberto de tapetes feitos de canas trançadas. Em um dos lados da cozinha, havia uma lareira grande e enegrecida, sobre a qual permaneciam uma série de painéis de barro, rachadas e cobertas de fuligem. O feijão que minha mãe cozinhava para nós, naqueles dias, era tão bom como a dieta diária de qualquer outro dos habitantes da aldeia.

Mamãe costumava dizer: “Se alguém quiser um bom feijão, terá de cozinhá-lo em água boa”. Portanto, nós, as crianças, íamos até ao rio, algumas centenas de metros distante de casa, buscar água para o feijão. Então, o feijão era cozinhado nas painéis de barro, o que lhes dava um sabor todo especial. Tenho muitas recordações agradáveis de meus anos de infância. Os dias se passavam rapidamente: alguns

repletos de risos; outros, de disputas, travessuras de crianças e aventuras. Havia dias de pobreza, trabalho árduo e tristeza em nosso lar, mas nenhuma dessas coisas fez com que nosso amor mútuo diminuísse. De fato, serviram para nos achegarmos mais uns aos outros.

Não tínhamos um grande sítio, por isso, os filhos eram enviados a trabalhar em fazendas.

As coisas se tornaram especialmente difíceis para nós durante os anos de guerra, entre 1914 e 1918. Papai foi convocado ao serviço militar, e o ano seguinte quase nos levou à inanição. No inverno de 1917/1918, quando eu tinha dez anos de idade, fui enviado a trabalhar para o homem mais rico de nossa aldeia, “Vovô” Kolyo. Eu não recebia salário, mas, em troca de alimentos, conduzia os bois, enquanto “Vovô”, que tinha oitenta e sete anos, mas parecia e agia como se fosse mais novo, arava os seus campos. No verão, fui cuidar de ovelhas, na propriedade de meu tio, que ficava perto de nossa casa.

A guerra terminou e meu pai voltou para casa, o que me permitiu continuar os estudos. Embora fôssemos pobres, meus pais conseguiram matricular-me em uma pequena escola em uma aldeia vizinha. Meus pais sentiam-se orgulhosos de minha capacidade de ler e faziam tudo quanto podiam para que eu continuasse estudando. Comecei a freqüentar as aulas vestido com roupas remendadas, feitas de tecidos preparados em casa, e usava sapatos do tipo mocassim, feitos de couro cru de porco, com os pelos voltados para fora. Era um espetáculo!

Quando cheguei às aulas mais adiantadas, eu me sentia envergonhado por não ter o uniforme e os sapatos bons que os alunos deveriam usar. Como resultado passei a evitar a companhia de outros meninos e me retraía. Adquiri meu primeiro par de sapatos apropriados quando tinha dezessete anos de idade. Quando os calcei, minha auto-estima cresceu muito (talvez até demais!) e comecei a procurar amigos entre os meus colegas de escola. Cresci tanto egoísta como ateu. Esta é uma péssima combinação!

Quando terminei o curso na escola da aldeia, fui para Ruse, uma cidade grande às margens do rio Danúbio, em busca de trabalho. Em Ruse, eu conhecia somente uma pessoa, um ex-vizinho chamado Christo, que se mudara para a cidade alguns anos antes. Christo tinha

um emprego na área de saneamento e morava no local de trabalho, em um quartinho com menos de dois metros quadrados. Embora fosse tão pequeno, e a maior parte do espaço fosse ocupada por uma cama, ele concordou em dividi-lo comigo. Assim, nos tornamos bons amigos. Isso aconteceu em novembro de 1925. Naquela época, houve um grande surto de desemprego na Bulgária; e eu não podia encontrar trabalho permanente. Fazia serviços ocasionais e vivia, na maior parte do tempo, do salário de meu amigo Christo.

Uma noite, ele me convidou para ir a uma igreja batista, embora soubesse que eu era ateu convicto. Por causa de minha amizade com ele, não pude negar-lhe o convite. Aquela foi a primeira vez que entrei em uma igreja protestante. Eu conhecia somente a Igreja Ortodoxa e pensava que todas as igrejas eram semelhantes; por isso, fiquei surpreso ao descobrir que o interior da igreja batista era diferente da Igreja Ortodoxa. De fato, tudo era diferente! O culto era realizado em búlgaro, e não na antiga língua eslava, que os padres habitualmente empregavam e que pouquíssimos compreendiam.

Em vez dos cânticos monótonos da missa ortodoxa, ouvi belos hinos, cantados nas melodias de Bach, Mendelssohn, Beethoven e outros grandes compositores. Ali, a congregação inteira participava; nas igrejas ortodoxas, somente os padres e o coro cantavam.

Cheguei a ver hinários! Christo já havia aprendido os cânticos e os entoava, enquanto eu seguia as letras das músicas no hinário. As belas letras, escritas para louvar a Deus, causaram profunda impressão em meu espírito. Nunca esperava ouvir um pastor educado e inteligente pregar tão gloriosamente sobre a sua fé em Deus, e em uma língua que eu entendia. Em nossa vizinhança, não havia uma só pessoa inteligente que ousasse reconhecer que cria em Deus. Em minha opinião, a “religião” era para os velhos e os que tinham a mente fraca.

Depois da reunião, conversamos com duas senhoras idosas que eram conhecidas na cidade como pessoas de boa educação. Elas falaram conosco sobre Deus, procurando provar que Ele existe; mas, a despeito de tudo quanto vira e ouvira na igreja, e de tudo quanto as senhoras tinham dito, meu intelecto orgulhoso se recusava a reconhecer a existência de Deus.

No entanto, pela primeira vez, comecei a me perguntar se eu estava certo.

Naquela noite, começou uma luta espiritual em meu íntimo, uma luta que durou por muitos dias. A questão era: Deus existe mesmo? Na Igreja Ortodoxa Grega daquele tempo, os sacerdotes não precisavam ter qualquer educação e somente pessoas idosas freqüentavam as missas. Você nunca via uma pessoa educada que acreditava em Deus. Pelo menos era assim que os ateus gostavam de pensar.

Nós, que tínhamos alguma instrução, desprezávamos aqueles homens e mulheres “simples” que afirmavam ter uma “religião” ou crer em Deus. Agora eu ouvia pessoas educadas e cultas testemunhando abertamente que Deus existe! Essas pessoas contavam o que Jesus significava para elas e o que Ele fizera por elas. Isso me impressionou mais do que todos os sermões, e até hoje creio fortemente na eficácia de “testemunhas vivas” para levar os homens a Cristo.

Falei com Christo sobre o meu conflito, e ele disse que me apresentaria a um homem que poderia me ajudar. Pouco tempo depois, Christo convidou um homem a nos visitar. Seu nome era Petroff. Ele leu trechos da Bíblia. Não era um pregador eloqüente, mas cada palavra que dizia provava que Deus existia. Testemunhou sobre como experimentava a presença pessoal de Deus. Quando dizia o que Jesus significava para ele, seu rosto brilhava com o amor de Deus.

Tornou-se óbvio para mim, naquele momento, que Deus existe. Eu via a Deus naquele piedoso homem.

O testemunho de Petroff convenceu-me da existência de Deus, e comecei a buscar sincera e intensamente a Deus. Descobri que *eu* não estava buscando a Deus tanto quanto Ele estava me buscando. Recebi a maravilhosa experiência de salvação em Jesus Cristo, que transformou minha vida. Petroff tornou-se meu pai espiritual. Pouco tempo depois fui morar com Petroff, a fim de estar mais próximo de suas instruções bíblicas. E, com ajuda dele, consegui um emprego na estrada de ferro do governo. O trabalho era pesado, mas a felicidade de minha recém-encontrada salvação em Jesus Cristo me fazia flutuar de alegria e paz. Sentia-me imensamente feliz em Cristo!

A mão de Deus sobre um homem

Todas as noites, Petroff e eu líamos a Bíblia, conversando sobre a Palavra de Deus, durante horas. Com o passar do tempo, outros se uniram a nós, até formar-se um bom “rebanho” de crentes. Gradualmente, nossa pequena congregação foi tomando a forma de uma igreja, e, sob o ministério profundamente espiritual de Petroff, fomos grandemente abençoados por Deus.

No mês de fevereiro de 1929, Petroff declarou: “Haralan, Deus tem a sua mão sobre você. Ele o quer em sua obra”. Eu também havia sentido a mão de Deus sobre mim, guiando-me naquela direção. Amava profundamente meu recém-achado Senhor e orava todas as noites, prometendo-Lhe: “Deus, minha vida inteira Lhe pertence. Estou pronto para consagrar-Lhe tudo quanto tenho”.

Nos anos seguintes, essa promessa foi sujeitada a testes severos, mas nunca me arrependi de havê-la feito.

Servir ao Senhor é maravilhoso, mas sofrer por Ele é um privilégio ainda maior.

A fim de preparar-me para o serviço de Cristo, freqüentei institutos bíblicos em Danzig e na Inglaterra, onde conheci uma jovem estudante da Bíblia, vinda da Suécia. Seu nome era Rute. Tal como sua homônima das Escrituras, ela era profundamente dedicada ao Senhor.

Rute me disse: “Haralan, para onde você for, eu irei também”. Portanto, voltei à Bulgária não somente com o conhecimento da Palavra de Deus, mas também com uma esposa.

Os anos seguintes foram uma dádiva divina. Houve grande tempo de colheita espiritual na Bulgária, e, em poucos anos, eu estava pastoreando a maior igreja evangélica do país. Ao mesmo tempo, evangelizava em muitos lugares. A mão de Deus mostrou-se abundante sobre todos nós, e a Palavra de Deus cresceu poderosamente na Bulgária. Por mais de dezesseis anos, pastoreei minha igreja e “me duplicava” como evangelista nas aldeias e vilas da região montanhosa, onde a Palavra de Deus ainda não se estabelecera firmemente. Então, chegaram os anos da guerra e as coisas tornaram-se difíceis, mas

isso foi apenas uma pequena amostra da grande tribulação que nos esperava.

Em 1944, uma negra ameaça se estendeu por todo o nosso país, trazida pelo exército russo: a ameaça do comunismo. Pouco a pouco, os comunistas conquistaram o poder, enquanto nosso país estava prostrado aos pés do Exército Vermelho.

A princípio, o Partido Comunista mostrou-se bastante cooperador com os outros partidos políticos, formando até um governo de coalizão. Mas, em três anos, os outros partidos foram proscritos, os seus líderes, aprisionados, e o Partido Comunista obteve controle total.

A Bulgária transformou-se na “Pequena Rússia”

Nós tínhamos ouvido falar de nossos irmãos em Cristo na Rússia e de como sofriam, mas não fazíamos idéia de que a Bulgária se tornaria tão parecida com a Rússia que seria chamada — e ainda é — de “Pequena Rússia”. Preparamo-nos para enfrentar o pior, mas, estranhamente, o golpe que esperávamos não veio. De fato, estabeleceu-se um período “crepuscular” de liberdade religiosa. O fato não era que os comunistas estivessem *a favor* da liberdade religiosa; eles simplesmente estavam *muito ocupados*, consolidando seu poder político e firmando tudo em suas mãos, antes de se voltarem para “cuidar” de nós, conforme afirmavam. Portanto, em vez do golpe que esperávamos, recebemos subitamente um grande dom de Deus: três anos — de 1944 a 1947 — durante os quais Deus restringiu as mãos dos comunistas, permitindo-nos trabalhar.

E como trabalhamos! Noite e dia, mês após mês, evangelizamos, propagamos o evangelho e edificamos a fé dos crentes, antes que a noite escura do comunismo caísse sobre nós. Tal como havíamos sido advertidos, sabíamos que os comunistas logo viriam “cuidar” de nós. Labutamos ardentemente, com o senso de que o tempo estava se esgotando; e Deus honrou nossos labores com um grande período de colheita em toda a Bulgária. Realizei vários batismos em massa, no Mar Negro, para os muitos jovens que tinham encontrado a Cristo.

Sem dúvida alguma, nosso trabalho árduo por Cristo, durante aqueles três anos “anteriores à tempestade”, fez com que nos

escolhessem para receber o tratamento “especial” que nos sobreviria nas prisões comunistas.

A própria *intensidade* do nosso trabalho, durante a “calmaria antes da tempestade”, nos tornou homens marcados. Não tínhamos muito tempo. Logo que os comunistas consolidassem seu poder, sabíamos que chegaria a nossa hora.

Antes “Espíões” do que “Mártires Cristãos”

O primeiro sinal de que chegara a nossa hora foi uma campanha para caluniar os principais pastores evangélicos do país. Todavia, apesar dessa campanha, o avivamento se propagou, e novas igrejas se formaram. Por isso, o governo elaborou um procedimento mais sutil. Gradualmente, os pastores das igrejas foram tirados e substituídos por pessoas que seriam “instrumentos dóceis” nas mãos dos comunistas, os quais concentraram seus esforços na colocação de seus fantoches nos púlpitos.

Pastores dedicados logo perderam seu lugar e conseguiram apenas trabalhos servis, tais como o de varredores de ruas. Quando os pastores-fantoches foram colocados em muitos púlpitos, os comunistas escolheram o próximo alvo: os principais líderes da igreja búlgara, das denominações batista, metodista, congregacional e evangélicas em geral. Eu era um deles.

Iniciou-se uma maliciosa campanha de difamação. Éramos acusados de ser “espíões”. Era melhor sermos chamados de “espíões” do que “mártires cristãos”. Éramos descritos como “instrumentos do imperialismo”. A princípio, quando ouvi isso, sorri, perguntando a Rute: “Bem, o que você acha de estar casada com um ‘instrumento do imperialismo’?”

“Então, é isso que você é!”, ela respondeu, sorrindo. A verdade nada significava para aqueles que estavam resolvidos a destruir a Igreja Cristã. Nós, os quinze líderes das denominações evangélicas da Bulgária, fomos citados publicamente.

Obviamente, não éramos culpados das acusações lançadas contra nós, mas uma campanha difamatória foi iniciada para distorcer tudo quanto tínhamos dito e feito, a fim de nos denegrir. Foi

divulgado, por meio dos jornais e outros meios de comunicação, que tínhamos revelado segredos de nosso país para os ingleses e os americanos. Deste modo, iniciou-se a campanha que nos conduziria à prisão e à tortura.

Durante os treze anos e dois meses seguintes que passei na prisão, perguntei-me freqüentemente por que razão Deus nos permitiu tal coisa. O longo período de exame próprio ajudou-me a compreender melhor o ensino bíblico que diz que precisamos passar por sofrimento antes de entrarmos no reino de Deus.

Paulo e Barnabé ensinaram aos discípulos da Ásia Menor: “Através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus” (Atos 14.22). O apóstolo Pedro diz a mesma coisa: “Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo” (1 Pedro 1.6-7).

A primeira reação natural do homem, quando contempla o sofrimento, é pensar que ele é intenso demais para ser suportado. Procuramos evitá-lo; mais tarde, porém, descobrimos que o sofrimento se torna de grande valor, e é mais precioso do que o ouro. O sofrimento foi um fogo pelo qual nossas igrejas tiveram de passar, a fim de que toda a palha e todo o restolho fossem queimados, deixando o ouro puro a resplandecer mais fulgurantemente do que nunca. Nesse processo, a “estrutura” da igreja seria destruída ou subvertida, mas permaneceria uma igreja verdadeira, viva, o Corpo de Cristo, a Igreja Subterrânea. Tudo isso estava à nossa espera.

Esses foram os acontecimentos que me tiraram da posição de ateu fervoroso para a atual posição de pastor que estava enfrentando a tortura por causa de Cristo, na temida “Casa Branca”.



As paredes da prisão falam

Fui conduzido ao longo do corredor até à cela de número 21. A chave volumosa rangeu na fechadura e fui empurrado para dentro. E, mais uma vez, fui afastado do mundo exterior. Na cela havia um jovem, chamado Tsonny que me disse estar ali por três meses, sem nunca lhe haverem dado o motivo para seu encarceramento. Em um canto da cela, havia um balde que, pelos seis meses seguintes, seria nossa privada. Esses baldes eram uma característica padronizada da vida na prisão. Eram esvaziados apenas raramente e, às vezes, transbordavam. Por muitas vezes, levavam a tampa, e o mau cheiro era insuportável. Havia somente o cimento frio do chão para dormirmos; e as paredes eram de pedra encardida. Elas estavam repletas de lemas, orações, slogans e citações, rabiscadas na superfície, com algum objeto duro, por ocupantes anteriores.

As paredes eram quase um diário ou crônica de condenados. Em certos lugares, as paredes pareciam ter sido pintadas de vermelho escuro; mas, sob um exame minucioso, percebi que aquele vermelho não era tinta. Era o sangue de inúmeros perceiveres que, enquanto se arrastavam pelas paredes, tinham sido mortos por outros prisioneiros. As “paredes vermelhas” de outras celas também se tornariam uma visão comum, nos anos seguintes. Naquela primeira noite na DS, matei quinhentos e trinta e nove perceiveres, muitos dos quais tinham sugado o meu sangue. Para desviar nossos pensamentos da situação,

Tsonny e eu os contamos (Nunca mais tentamos isso!).

Nas paredes, podíamos ler as aflições e anseios dos prisioneiros anteriores. Eu quase podia descrever a personalidade, os pesadelos, as esperanças e os sonhos deles refletidos naquelas escritas tristes. Uma das escritas dizia: “Quando você entrar aqui, creia em Deus e ore a Santa Teresa”; evidentemente, isso havia sido gravado por um católico romano. Uma elegia de Pushkin estava escrita em russo, em todo o comprimento da parede. Continha três versos, os quais memorizei. Por cima da porta, alguém rabiscara um antigo provérbio latino: “Dum spiro spero”, que significa: “Enquanto eu respirar, esperarei”. Senti que conhecia os ocupantes anteriores daquela cela, devido aos rabiscos na parede.

Quantas narrativas de bravura humana, desespero e sonhos despedaçados pude ver nas paredes daquela cela e de incontáveis outras, durante treze anos!

Criei a prática de escrever versículos da Bíblia e palavras de consolo nas paredes de cada cela que ocupasse, na esperança de que tais palavras proporcionariam consolo e ajuda aos próximos ocupantes. As paredes das celas não foram somente o “papel” no qual eu rabisquei versos bíblicos, mas também foram, mais tarde, “tábua de ressonância” do “Telégrafo da Prisão”, pelo qual eu enviava mensagens da Palavra de Deus aos homens de celas adjacentes.

Quão admirável e justo, pensava eu, era que as paredes erguidas para aprisionar homens se tornassem “papel” para a Palavra de Deus e “fio” para o Telégrafo da Prisão, a fim de transmitirem as boas-novas.

Mas, visto que aquela era a primeira vez em que passava por tal provação e que a primeira semana fora tão chocante, foi-me difícil preservar a coragem.

Todos os prisioneiros garantem que os primeiros meses são sempre os piores. Eu pensava comigo mesmo: “Se o homem que rabiscou na parede as palavras ‘Enquanto eu respirar, esperarei’ pôde manter viva a sua esperança, certamente eu, que sou crente, poderei colocar toda a minha vida nas mãos de Deus”. Preguei um sermão para mim mesmo e me senti melhor. Embora não soubesse o que aconteceria naquele dia, senti segurança, serenidade e paz em meu

coração. Assim como o apóstolo Paulo, eu resolvera que ficaria “contente em toda e qualquer situação”.

Passei exatamente cinco meses na cela 21, de 1º de agosto a 31 de dezembro. A cela 21, na “Casa Branca” da DS, tornou-se uma “câmara de tortura” para mim. Cada vez que penso naquela cela, um frio me perpassa a espinha. Em 2 Coríntios 12.4, o apóstolo Paulo falou sobre “palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir”. Contudo, eu gostaria de falar sobre o indescritível sofrimento que é difícil de ser expresso em linguagem humana ou na forma escrita.

Visto que eu me sentia exausto por ficar de pé cada noite, por uma semana, deitei-me sobre o assoalho frio e me estiquei. Repentinamente, havia um estalido fortíssimo, como se um tiro de rifle automático tivesse sido dado no corredor. “Que foi isso?”, perguntei a Tsonny. Ele sorriu e explicou que o ruído era feito intencionalmente pelos guardas, a fim de assustar os prisioneiros e impedi-los de dormir. O ruído era feito com um golpe forte de uma barra de ferro, dado nas portas das celas; isso produzia ruídos como de um tiro de rifle. Naquela noite, foi repetido a cada dez minutos; e por todas as noites, durante cinco meses. Era quase impossível dormir, e esse era, exatamente, o resultado tencionado.

Na manhã de 2 de agosto, fui levado de minha cela a um confortável escritório, no andar térreo. Para minha surpresa, encontrei ali um jovem que eu conhecia bem. Seu nome era Veltcho Tchankov. Meu coração saltou de alegria quando vi aquele jovem! Eu o conhecia desde que ele era menino.

Também sabia que ele era um comunista. Quando os comunistas chegaram à Bulgária, nos calcanhares do Exército Vermelho, em 1944, Veltcho se unira imediatamente a eles. Nos três anos seguintes, ele se tornara o chefe da Polícia Secreta de Burgas. Apesar das diferenças de nossa maneira de viver, há muito parecia que tínhamos uma espécie de respeito mútuo. Portanto, alegrei-me por vê-lo novamente e pensei que aquele seria o primeiro raio de esperança, desde meu aprisionamento. Mas, como ele havia mudado! Um mês depois, fiquei sabendo que Veltcho, meu “velho amigo”, fora o organizador de toda a campanha contra os pastores evangélicos! Eu vi o que o poder é capaz de fazer com um homem.

Quando os comunistas estão fora do poder, frequentemente se mostram cordiais, cooperadores e brandos. Mas, se chegarem ao poder, veremos o que eles realmente são! Aqueles que “brincam” com o comunismo devem lembrar-se da história de Veltcho, o “gentil” comunista que obteve poder.

Os partidos comunistas quando estão fora do poder parecem propositalmente “razoáveis” e gentis; mas, logo que chegam ao poder, revelam a sua verdadeira natureza. As prisões estavam repletas de pessoas que pensavam que os comunistas eram somente outro partido político.

Muitas das pessoas que diziam serem os comunistas “apenas outro partido político”, e que os toleravam, foram executadas quando eles tomaram o poder. Os países ocidentais que toleram partidos comunistas devem tomar cuidado! Aqueles “pequenos” partidos talvez pareçam brandos agora, mas, se conquistarem o poder, esses países verão a verdadeira natureza dos comunistas, assim como aconteceu conosco!

Eu disse: “Veltcho, é ótimo vê-lo novamente”. Ele me olhou com hostilidade e disse: “Conhecemo-nos um ao outro, Popov, e eu lhe aviso que, se quiser ver novamente sua esposa, terá de fazer exatamente o que eu lhe disser”.

“Mas, o que fiz eu, Veltcho?”

Ele replicou, gritando: “Nunca me chame de Veltcho, novamente. Sou o Camarada Tchankov, e você é o prisioneiro Popov. Nunca esqueça isso!”

Ele prosseguiu: “Você precisa reprovar os seus crimes. Se confessar isso, será muito mais fácil para você. O Governo do Povo é muito clemente, e perdoaremos todos os seus crimes. Sabemos que você é uma pessoa boa, mas terá de conformar-se a nós e à nova sociedade que estamos erigindo”.

Eu ouvi estas palavras — “terá de conformar-se a nós”, durante treze anos. Em seguida, uma torrente de palavras fluiu dos lábios de Veltcho.

“Repito: você precisa conformar-se a nós e confessar os seus crimes!”, gritou ele. “Se você se recusar a obedecer-me, estará fazendo o pior erro de sua vida; e só terá de lamentar-se. Aprenderá que não

estamos brincando e não permitiremos que você se transforme em um mártir religioso. Você gostaria disso, não é mesmo, Popov? Pois bem, não vamos lhe dar essa chance. Se fizéssemos de você um mártir religioso, isso fortaleceria os cristãos. Não permitiremos que isso aconteça. Você pensa que somos estúpidos? Vamos caluniá-lo e difamá-lo até os cristãos mencionarem o seu nome com desgosto”.

Fiquei espantado ante as palavras de Veltcho. Seu plano era diabolicamente astuto e ele falava como um homem insuflado pelo maligno.

Eu repliquei: “O povo da Bulgária me conhece. Eles saberão a verdadeira razão”. Veltcho apenas riu. Mais tarde percebi que eu estava lutando contra especialistas em fazerem o preto parecer branco, e a verdade parecer mentira.

Os nazistas eram cruéis, mas os comunistas são cruéis e diabolicamente astutos. Na prática, esta é a *verdadeira* diferença entre os nazistas e os comunistas. As ameaças de Veltcho se cumpriram mais tarde, com precisão matemática, ponto por ponto.

Veltcho ordenou-me que voltasse à cela. Retornei em completo desespero. Contei a Tsonny a conversa que tivera com Veltcho. Ele me aconselhou a nunca confessar qualquer coisa que eu não tivesse feito. O conselho era bom, mas impossível de ser seguido nos meses que se passariam.

Sentei-me, quase atordoado. Eu pensara que os comunistas eram apenas homens mal orientados. Mas aquele encontro com Veltcho me abalou profundamente. Percebi que estava combatendo a astúcia e a maldade do *próprio Satanás*. Pela primeira vez, a enormidade do que eu enfrentava e a astúcia daqueles homens diabolicamente inspirados me atingiram.



A “Dieta de Morte”

Essa dieta começou com a fome. Os sentimentos de fome — tal como os de amor — são impossíveis de descrever. Minha ração alimentar diária consistia de duas fatias de pão e seis colheres de “sopa”, que, na realidade, não passava de água temperada, viscosa e pútrida. A dieta era cuidadosa e cientificamente designada para sustentar escassamente a vida — e nada mais. Os prisioneiros chamavam-na “Dieta de Morte”. Consistia principalmente de água, sendo suficiente apenas para manter um pulso fraco. Ao mesmo tempo, era suficiente para estimular os sucos gástricos, fazendo com que a pessoa sentisse fome com mais intensidade do que se nada tivesse para comer.

Se uma pessoa não come nada, ela morre gradualmente, mas as suas papilas gustativas ficam neutralizadas, e a pessoa é misericordiosamente poupada das dores infernais da fome. Não fui poupado disso. As duas fatias de pão e as seis colheres de “sopa” chegavam às seis horas da tarde. Desapareciam em dois minutos e não havia mais alimento até ao dia seguinte, à mesma hora. O alvo era “quebrantar-me”, e confesso que a fome é um instrumento terrível e eficaz. E, por causa da fome, sentia-me como atacado por malária. Tais sensações me acompanharam, dia e noite, durante os cinco anos seguintes.

Deve ser entendido que os comunistas não procuravam aplicar-me uma “lavagem cerebral”. Sabiam que nunca conseguiriam isso. A

lavagem cerebral implica em modificar completa e permanentemente o caráter de uma pessoa, fazendo com que sua mente torne-se totalmente dedicada a uma maneira de pensar diferente.

Os comunistas sabiam que nunca conseguiriam fazer isso comigo e nem o tentaram. O intuito deles era *quebrar a minha vontade* — ameaçando, insistindo, torturando, abusando e submetendo-me à fome, até que minha vontade ficasse totalmente vencida, e arruinada. Eles sabiam que, depois de minha vontade ter sido completamente quebrada e de haverem arrancado de mim tudo quanto desejassem, eu recuperaria a vontade e voltaria ao bom senso.

Portanto, a tática deles não foi a de aplicar-me uma lavagem cerebral, e sim a machucar-me e levar-me tão além do limite da resistência humana, que, por algum tempo, eu simplesmente perderia a vontade própria. A lavagem cerebral exige um tratamento alternadamente bom e mau. Destruir a vontade de uma pessoa é mais simples — requer apenas espancamentos brutais e incansáveis, fome e tortura que aumente progressivamente em intensidade de horror, até chegar a um clímax em que a pessoa não mais tenha vontade própria. Essa foi a tática deles... e começaram-na com fúria e brutalidade.

Fome, insônia e ficar de pé com a face voltada para a parede, semana após semana, são os principais “instrumentos” no quebrantamento da vontade de um homem. Este tratamento pode transformar uma pessoa racional e inteligente em um animal. A única coisa que resta, depois desse tratamento, é o instinto animal de procurar algo para comer. Meu guarda costumava dizer que eu “deveria tornar-me mais quieto do que a água e mais baixo que a grama”.

A cela de punição

Em 5 de agosto, sob a “dieta de morte”, fui posto em prisão solitária e sujeitado a um interrogatório ininterrupto de vinte e quatro horas por dia. Havia três interrogadores, cada qual trabalhando por oito horas. Isso lhes permitia conservar a tortura física e psicológica por vinte e quatro horas diárias. A cela de confinamento solitário tinha uma aparência bastante incomum. As paredes eram branquíssimas, pintadas com uma tinta de esmalte branco lustroso. Foi-me ordenado

que permanecesse em frente da parede, à distância de vinte centímetros, e que conservasse os olhos abertos, bem abertos.

Meu interrogador começou gritando:

“Não se mova um centímetro!”

“Não feche os olhos por um momento sequer!”

“Não divida seu peso numa perna por vez!”

“Não mova um músculo!”

“Não faça isto... Não faça aquilo...”

Assim ele gritava, enquanto eu permanecia em frente da parede. Após alguns momentos, meus olhos queimavam como se houvesse ferros quentes encostados neles. A vinte centímetros, eu estava tão perto daquela parede branquíssima que os meus olhos não conseguiam mais centralizar-se. Sugiro que os leitores experimentem isso por alguns momentos apenas. Os olhos da pessoa se rebelam. Lutam para fechar-se ou para focalizar-se em algo, mas não podem. É algo terrivelmente doloroso; e, quando eu somente piscava, meu interrogador batia no lado de meu rosto.

A dor em meus olhos se tornava insuportável. “Fale-me sobre as suas atividades como espião!”, gritava o interrogador.

“Sou pastor”, eu respondia, “tenho trabalhado para Cristo durante toda a minha vida. Nunca espionei”. O interrogador me dava outro golpe no lado da cabeça. Meus ouvidos tinham com o impacto da pancada; ele gritava novamente: “Conte-me como você espionava para os americanos”.

Novamente eu retrucava: “Sou pastor, um servo de Deus. Tenho trabalhado somente para Ele. Nada sei a respeito de suas acusações de espionagem”.

Mais tarde, no decorrer dos anos de brutalidade, fiquei tão insensível a tais espancamentos, que eles me afetavam apenas fisicamente. Todavia, no começo de meu aprisionamento, aqueles golpes me afetavam e desorientavam, tanto física como psicologicamente.

O interrogador que me espancava era um homem enorme e severo. Nos anos seguintes, encontrei tempo para refletir sobre aqueles guardas e interrogadores. Sempre procurava orar mais por um guarda quando ele me espancava. Percebia que, em certo sentido, eles eram casos mais tristes do que nós, a quem eles espancavam.

Que tragédia imensa era a deles!

Pouco a pouco, enquanto brutalizavam os prisioneiros e os maltratavam, desciam a escala de humanidade até chegarem ao nível das feras. Seus rostos, após certo tempo, desafiavam a descrição e tornavam-se como animais.

Nós, os prisioneiros, eventualmente nos recuperávamos, mas os guardas sofriam um alejamento permanente de sua humanidade. Assim, durante os espancamentos, eu procurava conservar minha perspectiva e orava em favor deles. Descobri que, verdadeiramente, isso diminuía a dor dos golpes.

“Fale-me sobre o seu trabalho como espião!”, gritava o interrogador. “Sou pastor e...” — antes que eu pudesse terminar a sentença, outro golpe violento me atingia o lado do rosto. Surgiu um padrão de procedimento durante aquele primeiro longo dia. Eu era forçado a permanecer absolutamente parado, sem mover um músculo, os olhos queimando como bolas de fogo, a olhar fixamente para a parede rebrilhante, a vinte centímetros de distância. Por detrás de mim, a voz de meu interrogador continuava gritando: “Fale-nos sobre suas atividades como espião!” Eu respondia: “Sou apenas um pastor. Nunca fiz outra coisa, senão pregar o evangelho”.

Recebia um golpe violento na cabeça, seguido de alguns minutos de silêncio. Novamente, era feita a pergunta; em seguida, havia a minha resposta e, outra vez, recebia a pancada. À medida que as horas se passavam, as perguntas se tornavam menos freqüentes. Eu perguntava a mim mesmo por que motivo o interrogador esperava tanto entre as perguntas. Após uma hora ou duas, a verdade brilhou em meu cérebro: o próprio tempo era uma arma deles. O tempo estava do lado deles, que contavam com o seu efeito fatigante para quebrantar-me. Hora após hora, naquele primeiro dia, repetiu-se aquele padrão de pergunta: resposta, golpe, pausa, pergunta, resposta, golpe.

Perdi todo o senso de passagem do tempo. Eu sentia apenas aquele fogo em meus olhos, e fechá-los, ao menos por um minuto, tornou-se uma obsessão para mim. Meu corpo estava entorpecido. Eu perdera todo o senso do tempo, e só era trazido de volta à realidade pelo som diferente da voz de um novo interrogador; isso indicava que se haviam passado oito horas e que um novo turno se iniciara.

Agora as pausas entre as perguntas eram mais longas; às vezes, chegavam a uma hora inteira. Eles não tinham pressa. A noite chegava e passava como uma eternidade. O sono me fazia pesar as pálpebras, mas, se as fechasse momentaneamente, eu recebia um golpe. Minhas pernas doíam. Meu corpo inteiro se rebelava; mas eu não podia mover um músculo sequer. Tudo se tornava enevoado, e o próprio tempo parecia cessar.

Entorpecido, repentinamente ouvi a voz aguda e nova de meu primeiro interrogador, que gritava: “Então, Popov, você continua aqui! Pois bem, estou descansado. Começaremos tudo de novo!” Então, percebi que um dia inteiro se passara, e o primeiro de meus interrogadores voltara à sua tarefa.

A fome brotava em meu estômago. Antes eu já fora sujeitado à fome, recebendo apenas migalhas de pão. Agora, porém, eu não tinha nem mesmo migalhas. Quando eu recebera a ração, aquelas migalhas pareciam tão pouco. Agora, não tendo nada, até as migalhas pareciam um banquete!

O quarto dia diante da parede

Hora após hora se passou. Os dias chegavam e terminavam. O período da meia-noite até à manhã era o pior. Agora, fazia quatro dias em que eu não dormia, não comia, nem me mexia. O interrogador me observava com especial cuidado para apanhar-me quando a cabeça inclinava ou os olhos fechavam. Os interrogadores se deleitavam especialmente quando me apanhavam movendo um músculo ou piscando os olhos, como desculpa para me darem um golpe. Além disso, usavam sapatos de feltro, de modo que eu não sabia dizer se estavam bem atrás de mim ou do outro lado da sala.

No quarto dia, a fome desapareceu, e uma profunda sede tomou o seu lugar. O sangue começou a descer para as pernas, que começaram a inchar. Meus lábios ficaram ressequidos, rachados e sangrentos. Então, iniciou-se outro nível de punição. Os interrogadores começaram a comer ruidosamente e a beber água perto mim, para aumentar minha sede. A tortura não era somente física, mas também mental.

A sede profunda e intensa não se comparava a nada que eu já houvesse experimentado ou ouvido antes. Era como uma bola de lava incandescente queimando o estômago e rachando os lábios.

Uma terrível febre consumia e destroçava o meu corpo. Estabeleceu-se a desidratação, e a agonia tornou-se quase insuportável. Até hoje, quando leio sobre um homem que morre de sede no deserto, as intensas dores da sede atingem-me novamente e, onde quer que eu esteja, preciso beber grandes goles de água.

Outra pessoa sorvia água prazerosamente a pouca distância de mim. Mas bastava um leve tremor em meus lábios partidos e ressecados, para que eu fosse espancado sem qualquer aviso.

A sede assolava dentro de mim, como se fosse uma febre intensa. Até hoje não sei explicar como pude permanecer de pé, durante todos aqueles dias e noites. Tinha de ser Deus comigo, pois ninguém possui tal força dentro de si mesmo.

Lentamente, o interrogatório cessou e se transformou em um jogo de espera, em que os interrogadores aguardavam meu colapso. Em minha condição febril, comecei a ter alucinações. Pequenas manchas, na parede branca, à minha frente, tornaram-se vivas. Eu via rostos de pessoas: de Rute, Paulo e Rode; e, depois, dos guardas. Padrões girantes de cores vivas assemelhavam-se a um caleidoscópio maluco diante de mim. Eu tinha certeza de que estava ficando louco.

O décimo dia

O colapso ainda não chegara. Perdi todo o senso do tempo. Um dia se obscurecia em outro. Minhas pernas inchadas tornaram-se imensas, entupidas de sangue, devido à completa imobilidade. Meus lábios abriram-se em grandes rachaduras e sangravam. Minha barba estava longa, pois, desde que fora aprisionado, não me fora permitido lavar-me ou barbear-me. Meus olhos eram bolas de fogo. No entanto, de alguma maneira, eu continuava de pé.

Na décima noite, algum tempo depois da meia-noite, ouvi que meu interrogador roncava, enquanto dormitava involuntariamente. Movimentei meu pescoço endurecido para a direita e para a esquerda. À esquerda, a menos de dois metros, havia uma janela. Visto que

estava escuro do lado de fora, pude ver o reflexo na janela, como num espelho. Recuei, horrorizado. Era *o reflexo de um monstro!* Vi uma figura horrível, enfraquecida, pernas inchadas, olhos como buracos vazios na cabeça, uma longa barba coberta de sangue, escorrido de lábios partidos, sangrentos e horrendamente inchados.

Era uma figura grotesca, horrorosa. Fui repellido por ela.

Subitamente, ocorreu-me: aquela figura horrenda, sangrenta e grotesca, era *eu mesmo!* Eu era aquele “*monstro*”.

Minha mente entorpecida absorveu lentamente aquele fato, e lágrimas me vieram aos olhos. Repentinamente, senti-me esmagado, tão sozinho, tão desamparado. Senti-me próximo de como Cristo deve ter se sentido quando exclamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Eu não podia derramar lágrimas, mas o meu corpo suspirava com lágrimas não derramadas.

Então, naquele momento de desespero completo e esmagador, ouvi uma voz tão clara e distinta como qualquer voz que costumava ouvir. Dizia: “Nunca te deixarei, nem te abandonarei”.

Foi uma voz tão audível que olhei para meu interrogador, que cochilava, certo de que ele também a ouvira; mas ele continuava dormindo.

A presença de Deus encheu a Cella de Punição e um calor divino me envolveu, infundindo forças à casca que era o meu corpo. Isso produziu um efeito físico definido e surpreendente sobre mim.

Meu interrogador acordou num sobressalto. Chegou ao meu lado e pôde sentir que algo tinha acontecido. Ele não sabia dizer o que era, mas estava tão cômico da diferença que correu para fora e voltou com outro oficial. Não podiam compreender. Ouvi as vozes ansiosas e murmurantes dos interrogadores, por trás de mim, procurando descobrir o que acontecera.

Parecia que eu estava tão revigorado e vivo, inspirado com força nova. Em minha vida, nunca me sentira tão próximo de Deus como naquele momento. Ele se tornou tão próximo de mim; meu coração anelava por vê-Lo. Senti a presença de Deus tão perto e era tão maravilhoso, superior a qualquer outra sensação que já tive. Foi um prelúdio de como será estar com Deus na eternidade; e eu não queria que acabasse.

Orei pedindo a morte. Anelava pela morte, que era uma porta bendita mediante a qual eu veria a Cristo, a quem amava e servia há muito tempo.

O décimo quarto dia

A presença de Deus enlevou-me por longo tempo, mas, no décimo quarto dia, a fome, a sede e o ardor intenso em meus olhos tornaram-se excessivos. Era claro que eu estava morrendo. Eu me sentia desligado de tudo. *Então, é assim que se morre*, eu pensei.

A qualquer minuto verei a Cristo.

O guarda percebeu que alguma coisa estava acontecendo e saiu correndo, tendo voltado com um médico. O médico olhou para mim e disse ao oficial: “Este homem está morrendo!” Suas vozes pareciam vir de longe. Evidentemente, não estavam preparados para deixar-me morrer, porque senti que estavam me levando para algum lugar. O que deve ter sido uma hora depois, voltei à consciência, em minha cela. A julgar pelo olhar de horror, estampado na face de Tsonny, penso que minha aparência era horrível. Eu não podia mover-me. Minhas pernas estavam inchadas como as de um elefante. Meus lábios estavam rachados e sangravam. Meus olhos eram profundos buracos negros na cabeça, e as pupilas estavam vermelhas como o fogo. Durante uma semana não pude focalizar os olhos nem usá-los adequadamente.

Quando a consciência retornou lentamente, Tsonny me disse em que data estávamos. Eu não podia acreditar. Eu estivera de pé, sem alimentos e sem água por catorze dias! Não posso explicar como aquilo fora possível. Mais tarde, naquele mesmo dia, trouxeram-me alimentos e água e me permitiram descansar. Em meio a muita dor, meu colega de cela ajudou-me a levantar minhas imensas pernas inchadas, amparando-as contra a parede, para que o sangue diminuísse a pressão. Caí em profundo sono e pensei que o pior já tinha passado.

Mas não tinha.

Na noite seguinte, depois da meia-noite, fui chamado outra vez ao andar térreo, para ser interrogado, dessa vez por um oficial de nome Eleas. Havia quatro ou cinco homens esperando por mim, na

sala. Quando entrei, fui recebido com zombaria, escárnio e humilhações. Então, começaram a esmurrar-me. Rodei pelo cômodo e cáí; fui levantado do chão e esmurrado novamente. É óbvio que eles tinham resolvido adicionar mais torturas físicas à tortura mental.

Durante todas essas coisas, permaneci em silêncio. Embora eu tivesse adquirido um pouco de forças, com o descanso, ainda estava muito fraco, e o menor empurrão me fazia cair. Não me batiam severamente, pois isso me teria feito cair inconsciente. Finalmente, Eleas carregou sua pistola, segurou-me pelo colarinho e foi me puxando para o corredor. Eu sangrava profusamente no nariz. O ambiente estava escuro como carvão. Ele foi me empurrando à sua frente até ao fim do corredor, onde havia uma pequena luz que brilhava. Eleas mantinha a sua pistola pressionada contra as minhas costas em todo o tempo. Quando chegamos na luz, ele gritou: “Pare! Fique de frente para a parede!”

Fiquei na posição habitual, observando respingos de sangue e perfurações do impacto das balas no reboco da parede. É óbvio que o escuro fundo daquele corredor subterrâneo era o lugar onde muitos tinham encontrado a morte. Eleas apagou a luz. Estava frio e muito escuro. A morte pairava pesadamente na atmosfera opressiva. Eleas pressionou a pistola na parte de trás de meu pescoço.

“Popov”, ele disse, “já toleramos bastante a sua teimosia. Esta é a sua última noite. Você terá de morrer devido à sua obstinação por ser recusar a confessar sua espionagem. Estou lhe dando a última oportunidade. Enquanto eu conto até cinco, você poderá pensar de novo e confessar que é um espião. Se você for sensato, viverá, mas, se não, atirarei ao contar cinco”.

Eu estava certo de que ele atiraria em mim, pois milhares haviam sido mortos a tiros na “Casa Branca” da DS, antes de mim. Eu sabia que aquela gente cumpria suas ameaças.

O pensamento da morte como uma ponte para a eternidade relampejou em minha mente. Eu veria a Jesus! Eu estava certo de que aquele tormento infernal logo acabaria. Era como se a eternidade já estivesse começando para mim e restasse apenas a formalidade da morte. Mentalmente, eu estava preparado e já me achava “com Cristo”. Agora esperava somente que o tiro ecoasse, e eu seria levado

ao céu, nas asas dos anjos — para Jesus, meu Salvador. Havia um imenso anseio no coração por aquele magnífico momento em que eu veria a Jesus. Quão atraente tudo aquilo era para mim. Toda aquela tortura terminada. Ver a Jesus! Estar com Cristo!

Muitas pessoas não gostam de pensar sobre a morte. Temem e tremem diante dessa palavra, porquanto encaram a morte como uma figura terrivelmente negra. *Por que* as pessoas temem a morte? Primeiramente, porque não crêem em Deus. Para aqueles que ainda não aceitaram a Jesus Cristo como seu Salvador, a morte é a mais terrível das experiências. As pessoas temem a morte porque não têm certeza de sua salvação. Seu pecado as torna cômicas de que terão de prestar contas após a morte.

No entanto, para aquele que crê em Jesus e está certo de sua fé e de sua salvação, por meio do sangue purificador de Cristo, não existe morte. Não cremos na morte porque ela não existe para aqueles que estão em Cristo Jesus. Em João 11.26, Jesus disse a Marta, irmã do falecido Lázaro: “Todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente”. Em seguida, dirigiu a Marta uma notável pergunta: “Crês isto?”

Se existe uma certeza neste mundo incerto, esta certeza é a Palavra de Deus. Passarão os céus e a terra, mas a Palavra de Deus nunca passará. Até aquele momento eu não imaginava como seria a morte; contudo, para mim a morte não era um espectro obscuro, e sim um anjo que viria libertar-me. Para mim a morte não parece escura e repugnante. Pelo contrário, é cheia de luz e alegria, visto que Apocalipse 14.13 nos diz: “Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor”. E Salmos 116.15 nos diz: “Preciosa é aos olhos do SENHOR a morte dos seus santos”. Verdadeiramente, para aqueles que são salvos, a morte não somente é um portal para os céus, mas também um arco de triunfo pelo qual marchamos com alegria triunfante e um cântico glorioso.

Ela começou a contar vagarosamente, fazendo uma longa pausa entre cada número, para dar-me chance de gaguejar a minha confissão. “Um...” — uma longa pausa; “dois...” — outra longa pausa; “três...” Ele contava muito demoradamente, pressionando, em todo o tempo, a pistola em minha cabeça, para que eu pudesse senti-la. Ele

acreditava que a morte me assustaria. Mas Eleas não podia ver o que acontecia dentro de mim! Não sabia que eu estava *aguardando* o momento em que eu veria o meu Mestre, a quem eu amava mais do que qualquer outra coisa, a quem eu servia e a respeito de quem eu havia pregado.

Quando Eleas continuou com um longo e arrastado q-u-a-t-r-o, algo quase inacreditável aconteceu. O Espírito Santo desceu sobre mim em maior medida do que antes. Aconteceu comigo o mesmo que aconteceu com Gideão, relatado em Juízes 6.34: “Então, o Espírito do SENHOR revestiu a Gideão”. E tornei-me tão corajoso quanto Gideão, e tão forte como Sansão. Não me considero um homem corajoso, mas o Deus de Gideão é o meu Deus; Ele estava comigo naquele escuro corredor.

Eleas fez uma pausa, depois de haver contado até “quatro”, mas fez uma pausa longa demais para mim. Ouvi uma voz que vinha de dentro de mim — sem temor, forte, exigente. Gritava: “*Não espere, não espere. Atire, direto na cabeça*”. Eleas deu um salto para trás, tomado de pânico e terror. Ele nunca esperara aquilo, nem eu o tinha esperado!

Ele não conseguia entender (nem eu) de onde me viera aquela força! Eu estava tão fraco e debilitado que dificilmente podia andar. Eleas, porém, ficou ainda mais surpreso do que eu. Eu me preparei para receber o tiro mas, em vez disso, recebi uma pancada seca contra a parte de trás do crânio. Naquele momento fugaz, antes que a inconsciência tomasse conta de mim, percebi que Eleas apenas tentara me enganar, para arrancar uma confissão, e não quisera realmente matar-me. Uma dor de desapontamento — tão real quanto a dor física — brotou em meu coração, uma dor muito maior do que a dor que rachava a minha cabeça.

Fiquei profundamente, profundamente desapontado. Estava pronto para enfrentar a morte, porém ainda me encontrava nesta vida... tão pronto para encontrar-me com Cristo, mas ainda estava com Eleas. Por que a morte me fora negada? Antes de a inconsciência toldar-me os sentidos, clamei no profundo de meu coração: “Deus, fui fiel até à morte, mas ela não veio”.

Fui levado de volta à cela, onde me jogaram, inconsciente. Quando

acordei, Tsonny havia me empurrado contra a parede e estava enxugando o sangue que escorria atrás de minha cabeça. Ter estado tão perto de Deus e despertar em uma cela da DS! Isso foi um desapontamento esmagador. Mas consegui balbuciar uma oração: “Senhor, não seja feita a minha vontade, e sim a tua”. Caí em profundo e demorado sono.

Mais tarde, a porta da cela foi aberta e um novo prisioneiro ali colocado. Sentou-se em um canto da cela, como se estivesse envergonhado, e não disse uma palavra sequer. Gradualmente, tornou-se mais conversador. Disse que seu nome era Nickolai Gantchef, que servira por muitos anos na guarda do palácio real de nosso anterior rei Boris e que fora detido sob a acusação de ser monarquista e haver tomado parte em conspirações.

Tsonny suspeitou dele, mas eu, em minha credulidade, e ainda sofrendo dos espancamentos, acreditei em todas as declarações de Nickolai como verdadeiras. Mais tarde, fiquei sabendo que aquele homem fora colocado em nossa cela para espionar Tsonny e a mim.

Pouco tempo depois, Tsonny foi retirado da cela. Um ano mais tarde, encontrei-o novamente em outra prisão. Ele me contou que Nickolai fora aos líderes e disse que Tsonny lhe parecia esperto e desconfiara dele. Por isso, os líderes deveriam tirar Tsonny da cela, a fim de que ele, Nickolai, continuasse seu trabalho de tentar quebrantar-me. Nickolai e eu ficamos sozinhos na cela. Ele conseguiu muitas informações a meu respeito, informações que, em minha inocência, lhe dei. Mais tarde, fiquei sabendo que colegas da prisão eram obrigados a espionar seus companheiros de celas, por meio de ameaças de dano a seus familiares. Depois, percebi que a aparência desanimada de Nickolai, quando o vi pela primeira vez, era de vergonha. Mas a Polícia Secreta aprendia rapidamente quais eram os pontos mais vulneráveis de um prisioneiro — seus filhos, sua esposa, por exemplo; e usava essa arma sem misericórdia.

O trabalho de Nickolai consistia em descobrir o meu ponto vulnerável. Não tardou em descobri-lo. Naturalmente, era minha esposa e meus filhos. Eu me sentia extremamente preocupado a respeito deles. Rute estava sozinha, com dois bebês para alimentar e cuidar, e, eu estava incapacitado de ajudá-la.

No entanto, até aqueles informantes que conheci na prisão e que ocasionalmente me causaram tanto castigo, eu procurava amar e compreender, ao invés de odiar. Eles também eram vítimas, tal como eu. Era comovente o fato de que os prisioneiros tentavam frequentemente falar com dureza sobre sua esposa e seus filhos, para que a Polícia Secreta imaginasse que não se importavam com os familiares, deixando-os, assim, em paz e sem danos.

Muitas vezes, ouvi homens amaldiçoando sua esposa e seus filhos, como quem não se importava com eles; em seguida, tais homens, se voltavam, ocultavam o rosto entre as mãos e choravam em soluços.

Os informantes não se encontravam somente onde campanhas sistemáticas eram planejadas (como aquela que fizeram contra mim). Estavam em todos os lugares: prisões, acampamentos, casas, empresas e igrejas. A fim de melhorar sua situação nas prisões e aliviar os próprios sofrimentos, muitos prisioneiros se ofereciam para tornarem-se informantes.

Os comunistas não dormem tranquilos, enquanto não sabem a respeito de todos: o que as pessoas pensam sobre eles ou o que dizem sobre eles. Conseqüentemente, em toda a Bulgária, dificilmente existia uma cela, um quarteirão, uma empresa ou uma igreja sem um informante que denunciasse tudo o que era dito. Isto é tão ruim hoje como o foi naqueles dias.



Pregando o evangelho para a Polícia Secreta

No início de setembro de 1948, fui entregue aos cuidados de um advogado cujo nome era Peter Manoff, que deveria conduzir o interrogatório até que eu “confessasse”. Todas as noites eu era ordenado a escrever informações sobre mim mesmo, meu trabalho, meus amigos e os amigos de meus amigos — tudo quanto os comunistas quisessem saber a respeito de mim. Isso parecia inofensivo e me daria oportunidade de descansar, pelo que comecei a escrever. Resolvi incluir um testemunho sobre Cristo em todos os lugares possíveis. Queriam que eu registrasse, especialmente, tudo o que acontecera em minha vida. Isso se harmonizava, às mil maravilhas, com meu plano. Deu-me muitas oportunidades de contar aos meus interrogadores o que Cristo significava para mim! Eu sabia que eles tinham de ler o que eu escrevesse, pelo que preenchi tudo com a Palavra de Deus e com o meu testemunho.

Manoff estava ocupado o dia inteiro no tribunal, trabalhando como promotor público; à noite, ele vinha passar-me novas tarefas e escolher novo guarda. O único sono que usufruí, durante um mês inteiro, foram “cochilos” rápidos. Eu tinha permissão de voltar à cela de manhã, ao meio-dia e à noite, talvez por quinze minutos em cada vez. Continuava recebendo as duas fatias de pão e a água temperada que chamavam de “sopa”, todos os dias.

Eu usava aquele breve período para descansar e dormir um pouco. Sentia-me extremamente fraco, por causa da falta de sono e da desnutrição.

Seria interessante ler o que escrevi durante aquelas noites. Devo ter escrito mais de duas mil páginas ao todo, algumas vezes até quarenta páginas em uma única noite! A cada noite, eu recebia um assunto sobre o qual tinha de escrever. Tomar um assunto escolhido e encontrar um meio lógico de incluir um testemunho sobre Cristo tornou-se um jogo para mim. Realmente, tornei-me eficiente nisso.

Em qualquer assunto que me dessem, eu encontrava uma maneira de incluir um testemunho! Não penso que eles apreciavam isso, mas tudo estava tão bem conectado, que parecia fazer parte do restante da história. Isso os enfurecia; mas, afinal de contas, Cristo se tornara parte de minha vida diária desde que me converti. Embora odiassem a Palavra de Deus esta era a Palavra de Deus e, eles mesmos eram os que mais precisavam dela.

Tive uma das melhores oportunidades quando me ordenaram que escrevesse sobre o treinamento bíblico, em Danzig: contar que professores e amigos eu tive ali e que cursos me ensinaram. *Aquela foi, realmente, uma notável oportunidade.* Transcrevi as lições com detalhes, assim como os meus professores me haviam ensinado. Imagino que aqueles foram os primeiros interrogadores comunistas a receberem lições da Bíblia! Em seguida, perguntaram-me sobre os dias de instrução na Escola Bíblica, em Londres. Realmente arei com prazer aquele campo. Ali eu estava, em uma prisão comunista, usando papel e tinta comunistas para contar aos comunistas o que me fora ensinado da Palavra de Deus. Eles me tinham dito: “Popov, queremos todos os detalhes!” Eu lhes dava *todos* os detalhes. Aqueles foram alguns dos dias mais maravilhosos que tive na prisão. Escrever sobre as aulas bíblicas fez tudo voltar à memória.

Um dia, eles me disseram: “Popov, já é o bastante. Não queremos saber mais nada sobre a sua vida na Escola Bíblica e sobre o seu Deus lendário!” Mas, agradeço a Deus por aquele tempo; em que eles foram expostos à Palavra, gostando ou não. Ordenaram que me limitasse à situação na Bulgária. Eu sempre tentava encontrar um meio de voltar à Palavra de Deus e ao que o Senhor significava para

mim. Realmente “forcei” em alguns pontos, mas usualmente conseguia introduzir minha “mensagem do evangelho”. Com freqüência, me pergunto quantos comunistas foram alcançados por minha mensagem.

No entanto, eles também eram espertos. O grande volume de meus escritos capacitou-os a selecionar incidentes isolados, aqui e acolá, para distorcê-los. Sem meu conhecimento, as pessoas mencionadas no manuscrito eram interrogadas e assediadas.

Uma dessas pessoas era um irmão na fé, chamado Marko Kostoff, que trabalhava no cais de Burgas, um porto do Mar Negro. Perguntaram-lhe se tínhamos conversado no porto; e, nesse caso, o que havíamos conversado. Na Bulgária, um pastor visita habitualmente os membros de sua igreja em seus lares, pelo menos uma vez por mês. Durante as minhas visitas, eu falava sobre Deus, as necessidades da família e assim por diante. Se o chefe da família trabalhasse nos campos, eu conversava sobre a sementeira e a colheita. Se alguém trabalhasse na estrada de ferro, eu conversava com ele sobre o que fazia. Portanto, durante as minhas visitas pastorais, eu conversava com Marko sobre o porto e seu trabalho, bem como sobre assuntos espirituais.

Meus interrogadores resolveram tirar proveito disso. Marko relembrou, nos interrogatórios a que foi sujeitado, que às vezes conversávamos sobre o trabalho dele, no porto. Mencionou que, em certa ocasião, falamos a respeito de um barril de queijo. Estavam embarcando barris cujos rótulos continham o nome “marmelada”, em um navio que se destinava à Rússia, e aconteceu que um dos barris caiu no cais e estourou, revelando que continha queijo. Na Bulgária, naquela época, não havia como alguém obter queijo em parte alguma, porque as autoridades estavam enviando secretamente todo o suprimento de queijo para a Rússia, sob o rótulo de “marmelada”. Marko me falara sobre aquela “marmelada” de aparência estranha. E também lembrou que tínhamos conversado sobre aquele incidente.

Desta maneira, as autoridades afirmaram que eu “obtivera informações sobre atividades portuárias, passando-as aos ingleses e americanos”. De modo semelhante, os membros de minha igreja que eram operários da estrada de ferro ou de fábricas, lembraram que eu conversara com eles sobre o seu trabalho.

Com muito cuidado, as autoridades estavam criando um caso

contra mim, mostrando-se extremamente cautelosas para não transmitirem a impressão de que eu estava sendo perseguido por causa de minha fé em Deus. Certa noite, fui levado a uma sala, no quarto pavimento, onde recebi ordem para sentar e escrever. Nessa altura, eu era um esqueleto faminto, movimentando-me com estupor, em um mundo de semiconsciência.

A janela daquela sala dava para um pátio; e, no outro lado deste pátio, havia uma ala ocupada pela Polícia Secreta. Notei uma janela iluminada, do outro lado da ala. Através daquela janela, vi um homem sendo torturado. Ele era mantido no chão, com os pés para cima. Dois homens o seguravam embaixo, enquanto um terceiro, armado de um cacete de borracha dura, batia com toda a sua força nas solas nuas dos pés do pobre homem. Através das janelas fechadas, eu podia ouvir distintamente o ruído das pancadas, vindo do outro lado do pátio. O homem urrava de agonia e dor. Os golpes continuaram, até que o homem caiu em inconsciência; mas, apesar disso, os golpes não cessaram.

Certamente, aquele homem nunca mais conseguiu andar com os próprios pés e sem ajuda. A cena ficou gravada em mim. Naquele momento e em incontáveis noites que viriam, eu fechava os olhos, para não ver, e tapava os ouvidos, para não ouvir. E orei: “Ó Deus, ajuda-me a desligar o meu cérebro e não pensar!”

Mais tarde, reiniciei minha lenta e dolorosa escrita, porém os meus pensamentos não se afastavam daquele homem. Sentia-me profundamente triste por causa dele. Contudo, o invejava. Voluntariamente eu teria trocado de lugar com ele. Sua provação durou apenas algumas horas, mas, ainda que a tortura continuasse por dois dias, tudo teria terminado para sempre. Teria morrido e seu sofrimento, acabado. Desejei, de todo o coração, que me tratassem daquela maneira, para que meus sofrimentos terminassem. Agora eu entendia por que razão haviam colocado telas de arame por sobre o poço da escada e barras nas janelas dos andares superiores; não era para impedir fugas, mas suicídios. Se alguém morresse, os comunistas queriam que morresse do modo *deles*, não conforme as pessoas desejassem. Contudo, meu desejo não se cumpriu. Os pensamentos de Deus não são os nossos pensamentos, e o Senhor tinha um outro plano para mim. Não o compreendia, mas o aceitava.



Levando Mitko a Cristo

Nickolai deixou a cela em fins de outubro, e fiquei sozinho para descansar — mas a “Dieta de Morte” ainda continuava. Embora eu estivesse faminto, tinha permissão de dormir; e, por isso, um pouco de minhas forças retornou. Deixei de lutar contra os percevejos e outras criaturas que, em multidão, invadiam-me o corpo, quando eu dormia. Precisava mais do sono do que do sangue que extraíam de mim. Eu passava em oração a maior parte das minhas horas despertas. Deste modo, eu não tinha tanta consciência da fome, e meu espírito sentia-se elevado.

Alguns dias mais tarde, a porta da cela se abriu e um jovem, chamado Mitko, que tinha aproximadamente vinte e três anos de idade, foi trazido à cela. Pobre Mitko! Era tão jovem e estava tão assustado! Não parava de andar para lá e para cá, falando sem cessar: “Sou inocente. Sou inocente!”, embora não se dirigisse a alguém, em particular. Por quantas vezes aquelas paredes manchadas de vermelho escuro, devido a insetos esmagados, devem ter ouvido isso! Dava pena! Cada vez que passava um guarda nas proximidades, ele começava a gritar novamente: “Sou inocente!” Louvava a Lenin e ao comunismo em voz alta, esperando que os guardas o ouvissem falar como um “bom comunista” e o deixassem ir embora.

Era um esforço desesperado e comovente (tinha visto, com frequência, os prisioneiros fazerem isso). Meu coração se inclinava

para ele, comecei a falar-lhe de Cristo e da esperança que podemos ter na salvação. Durante dias, esforcei-me por penetrar além do absoluto pânico de Mitko, a fim de chegar até ele. Um dia, o olhar assustado desapareceu do seu semblante, e ele começou a ouvir-me. Meu coração se alegrou. Eu estava, realmente, chegando até ele. Dois dias mais tarde, Mitko disse: “Pastor, ore por mim!”

Ajoelhei-me juntamente com Mitko e oramos. Ele orava intensa e ansiosamente e, portanto, de todo o coração, de tal modo que o chão da cela, onde ele estava ajoelhado, ficou molhado com suas lágrimas. Ele teve uma admirável e verdadeira experiência com Cristo. Tornou-se tranqüilo, calmo, com profunda satisfação íntima da parte de Deus. Então, compreendi que, se nada resultasse de meu aprisionamento, a não ser aquela única alma conduzida aos pés de Cristo, valeria a pena.

Um dia, abriu-se a porta da cela, e um guarda entrou. Ele trazia um papel que declarava que Mitko deveria ser libertado. Mitko não podia acreditar, mas o guarda mostrou-lhe os papéis de soltura. O guarda partiu a fim de buscar Mitko um pouco mais tarde. Enquanto esperava para ir embora, Mitko me disse: “Pastor, nesta cela me encontrei com Deus por meio de você. Seguirei a Cristo todos os dias de minha vida”. O guarda retornou, e Mitko despediu-se de mim com um aperto de mão. Nunca mais o vi, mas estou certo de que ele permaneceu fiel a Cristo.

Fiquei sozinho por dez dias. Sentia-me tão perto de Deus, em minha prisão solitária, que passava o tempo louvando-O e adorando-O. Quão íntima é a comunhão com Deus! Eu conversava com Ele. Ele me consolava. Tudo foi um banquete espiritual para mim. Durante esse tempo, recebi novas forças, embora meu corpo estivesse reduzido a quase nada. Lágrimas de alegria me escorriam pelo rosto.

Ali, na prisão da DS, sozinho e sem nada, eu tinha tudo — Cristo. Destituído de tudo, sem quaisquer distrações mundanas, encontrei uma profunda e bela comunhão com Deus. Alegria e paz inundaram a minha alma. Meu corpo doía devido à fome, meu espírito, porém, nunca se sentiu tão próximo de Deus. Caído de fome, sozinho e fraco demais para movimentar-me, senti que podia elevar-me até Deus e ser recebido em seus braços.

Sentia-me mais livre naquela cela do que já me sentira do lado de fora. Livre do mundo, de todas as suas pressões e anseios, senti uma proximidade com Deus como nunca antes sentira em meus dias atarefados. A prisão me destituiu de todas as incômodas distrações da vida, e senti profundidade espiritual e união com Cristo. A prisão ou destrói um homem no íntimo ou lhe outorga profundo vigor espiritual. A prisão, onde alguém fica desligado da vida, freqüentemente traz à luz os recursos mais genuínos e profundos. Estranhamente, quando os homens se acham em sua pior condição, podem dar o melhor e o mais sacrificial de si mesmos.

Nos anos seguintes, vi prisioneiros cuidarem de outros, como se fossem seus irmãos mais achegados. Amizades eram forjadas no sofrimento comum. Com freqüência, vi um homem que morria de fome, na prisão, separar sua ração diária de migalhas de pão, para oferecê-la a outro prisioneiro mais fraco do que ele.

A presença de Deus me cercava, fortalecia e enchia. Nunca me esquecerei daqueles dez dias.

Cedo, pela manhã, no décimo dia, olhei para fora da janela, em direção da fábrica, do outro lado da rua. Para meu espanto, vi a forma clara de uma cruz sobre o telhado da fábrica! Penso que a sombra de duas grandes chaminés, causada pela luz do sol, provavelmente formava uma cruz. Para mim, entretanto, aquilo era um sinal da parte de Deus. Fiquei parado diante da janela da cela por longo tempo, contemplando aquela cruz e meditando sobre a cruz na qual Jesus morrera, bem como sobre seu amor e bondade. Subitamente, uma voz tão real como qualquer outra que eu já ouvira disse: “Meu filho, esta é a sua cruz, que você deve levar. Prepare-se para maiores sofrimentos”.

Embora eu soubesse que algo de terrível estava prestes a acontecer, o sinal daquela cruz me deu um sentimento de confiança em Deus, e, olhando através das barras da janela da cela, comecei a entoar um hino favorito:

*À sombra da cruz de Jesus
Contente tomo o meu lugar.
Sombra da poderosa rocha,
Em uma terra exausta:*

*Um lar no próprio deserto,
Um abrigo no caminho
Do calor intenso do meio-dia
E da fadiga de todo o dia.*

Com lágrimas a escorrer pelo rosto, continuei entoando:

*Ó cruz, tomo a tua sombra
Como meu lugar de habitação:
Não desejo ter outra luz
Senão a luz do teu rosto;
Contente por deixar o mundo ir,
para não conhecer ganho ou perda,
O eu pecaminoso somente me envergonho,
E a cruz é toda a minha glória.*

Entoei esse cântico até ao fim, e meu coração sentiu-se repleto de dulçor. Lágrimas escorriam pelo rosto. Não eram lágrimas amargas, e sim, como nós, crentes da Bulgária, costumamos dizer, “lágrimas doces”.

Quando terminei o cântico, a porta da cela foi aberta e fui levado para os andares inferiores, para outro período de tortura. Meus dez dias de comunhão tranqüila com Deus haviam acabado. Chegava a minha maior provação, e se aproximava o meu “juízo espetacular”.



A luta final

A data de meu “juízo público” já estava marcada; tudo estava preparado, mas eu ainda não me rendera. Os oficiais, a essa altura dos acontecimentos, estavam ficando desesperados. Precisavam quebrar minha vontade naqueles poucos dias, senão...

Eram exatamente oito horas da manhã quando fui levado para baixo, pelas escadas dotadas da tela de arame. Entrei novamente no escritório do camarada Manoff, o principal interrogador. Embora eu andasse como que sob os efeitos da grande bênção que acabara de receber, meu corpo estava extremamente debilitado. Minhas pernas quase cediam ante o meu peso, quando eu andava. Os efeitos acumulados do que eu estava experimentando cobravam seus juros. Mas a Palavra de Deus se cumpria em mim: o corpo estava enfraquecido, mas o espírito estava forte.

Cumprimentei Manoff com polidez, mas ele virou a cabeça, sem responder. Na sala, havia uma outra pessoa a quem eu nunca vira antes. Com um grito feroz, ele me ordenou que virasse para a parede. Assim, coloquei-me novamente naquela posição familiar. Tudo começou de novo. Manoff tinha três interrogadores para o auxiliarem. Eu podia perceber que aquela era a prova final.

A voz dos interrogadores estava carregada de ódio. Evidentemente, eles tinham sido repreendidos por não terem me quebrantado até àquele momento; e agora não queriam falhar. O mais

idoso ordenara que me virasse para a parede. Seu nome era Dimitri Avrahamoff. Os outros dois jovens pareciam estar apenas no começo de seus vinte anos. O mais jovem dos dois era um rapaz cujos olhos estavam repletos de ira devoradora. Seu rosto estava contorcido de ódio contra mim. Tão jovem, mas já reduzido a um ódio e agitação animalescos!

Como aquele homem precisava de Cristo!, eu pensei.

Os três serviam em turnos de oito horas, enquanto, novamente, eu ficava olhando para a parede, sem qualquer oportunidade de dormir, mantendo os olhos abertos, tal como fizera naqueles outros catorze dias. Naquela primeira ocasião, entretanto, eu tinha alguma reserva de energia. Agora, não tinha nenhuma. A “Dieta de Morte” cobrara caro.

À meia-noite, naquele primeiro dia, o jovem cheio de ódio começou o seu turno. Ele observava todos os meus movimentos, percebendo até se eu mudava o peso do corpo de um pé para outro, a fim de descansar um pouco ou se eu não ficava em posição de sentido. Ele me escarnecia e insultava. Conforme já mencionei, as horas depois da meia-noite são as mais difíceis para os prisioneiros, pois é naquele período que o corpo exige sono e tem de lutar para conservar-se desperto. Não importa o quanto tente permanecer acordado, mesmo estando em pé, o prisioneiro acaba cochilando, e cai. Quando isso acontecia, o jovem se arrastava silenciosamente por trás de mim e acertava uma pancada seca do lado da cabeça, que deixava o meu ouvido tinindo.

Imediatamente depois do golpe, ele me chutava nas canelas, com suas pesadas botas e toda a força de que dispunha. Certa vez, quando caí, fui ordenado a levantar os braços verticalmente. Após cerca de dez minutos, ficaram tão cansados que caíram. Praguejando em voz alta, ele gritou que eu levantasse novamente os braços, mas não tive forças para cumprir sua ordem. Outra pancada. Outro chute. Então, ele ordenou que me apoiasse contra a parede utilizando dois dedos, o que é ainda pior. Aqueles homens conhecem toda a contorção dolorosa que pode ser imposta ao corpo humano. As últimas horas da noite foram indescritivelmente dolorosas. Era apenas a primeira noite, mas, pelo menos, eu conseguira resistir.

Chegando o novo dia, minhas forças se renovaram. É interessante observar que uma pessoa não se sente tão cansada durante o dia como se sente à noite. Naquele tempo, aprendi muito sobre o corpo humano e sua resistência.

A tortura, os espancamentos e os chutes violentos continuaram durante o segundo, o terceiro e o quarto dia. O lado de minha cabeça estava inchado. Minhas canelas doíam constantemente, devido aos chutes. Fiquei mais fraco, sem receber alimentos e água. A minha fome desapareceu novamente, e, em lugar dela, surgiu a sede que eu experimentara antes. Uma vez mais, o sangue desceu da cabeça às pernas, que incharam até ficarem o dobro do tamanho normal. Meu rosto enrugou, minha barba cresceu muito, meus lábios racharam e o sangue correu novamente por sobre a barba. Eu estava experimentando aquilo por que já passara antes, mas dessa vez era muito mais doloroso.

Um dia entrava no outro imperceptivelmente. Muitas vezes perdi os sentidos e caí no chão. Eles me reanimavam com um balde de água e me levantavam de novo, cobrindo-me com golpes e maldições. Eu não sentia coisa alguma senão ardor, ardor intenso, proveniente da sede e da dor. Então, a Palavra de Deus relampejou em minha memória: “Tudo isto, porém, vos farão por causa do meu nome, porquanto não conhecem aquele que me enviou” (João 15.21); “Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo e não somente de credes nele” (Filipenses 1.29). Por causa de Cristo! Por causa dEle! Este glorioso pensamento renovou minhas forças. Meu espírito começou a conversar com Deus. As horas mais difíceis — aquelas depois da meia-noite — chegavam e terminavam, e eu nem sabia para onde fora a noite. Logo chegou a manhã do sétimo dia.

Manoff, o chefe dos interrogatórios, veio novamente e não se sentiu nem um pouco feliz por ver-me tão revigorado. Já era o sétimo dia de torturas, e ele esperava que eu me dobrasse. O julgamento estava marcado para breve, e eles estavam ficando desesperados. Ele deu uma ordem a Dimitri, que me segurou por trás, pelos ombros, e me sacudiu ferozmente. Senti que o Espírito do Senhor me encheu novamente. Dimitri virou-me para ele, fechou os punhos... então, algo me aconteceu.

Até hoje, não posso explicar o que aconteceu. Naquele momento, cada músculo de meu corpo tornou-se duro como uma pedra. A debilidade de momentos anteriores desapareceu completamente. Os efeitos de seis dias e seis noites de fome, do esforço para ficar em pé, das pancadas, das maldições e os três meses de tortura e desnutrição foram esquecidos num momento. Meu corpo enfraquecido e contraído reergueu-se. Cheguei perto de Dimitri totalmente ereto, reto como uma estátua. Dimitri me ultrapassava em estatura, pois era homem forte e enorme. Os seus três primeiros socos me acertaram diretamente entre os olhos. Meu nariz inchou e o sangue esguichou, mas eu não sentia qualquer dor. Meus músculos estavam firmes e meu corpo rígido. Nem balancei, nem caí de fraqueza.

Outros golpes se seguiram, mas, incrivelmente, não senti dor alguma. A frente de minha camisa ficou coberta de sangue. Dimitri me golpeava cruelmente. Meu rosto tornou-se uma massa de sangue a escorrer, de cortes abertos e inchaços. No entanto, eu não sentia qualquer dor! Ao invés disso, senti um imenso poder vindo sobre mim e ofereci o rosto a Dimitri, para que ele tivesse um alvo melhor. Movimentei-me em direção a Dimitri, que começou a recuar. Segui-o. Meu rosto estava perto dele, novamente. E gritei: “Bata-me! Então você compreenderá! Bata em mim! Bata em mim!” Abalado e pálido, Dimitri voltou-se com lentidão e caiu pesadamente em uma cadeira.

Eu o tinha seguido pela sala, exigindo que me espancasse, impedido por uma força que não era minha. Agora eu estava por sobre Dimitri, enquanto ele afundava na cadeira. Subitamente, a força sobrenatural que eu havia sentido desapareceu. Senti-me tão fraco que não pude manter-me de pé. Cai no chão em pedaços como um trapo molhado. A incrível experiência terminara. Eu estava caído, enquanto a sala se enchia de silêncio e de interrogadores perplexos. Finalmente, arrastaram-me e empurraram-me contra a parede. Encostei nela fracamente. Fiquei ali a noite inteira.

O dia seguinte era 7 de novembro, o dia em que perdi a vontade própria. Lembro-me de ter caído como se alguém tivesse acertado minha cabeça com uma barra de ferro. Comecei a ter alucinações. A sala parecia repleta de serpentes. Elas se arrastavam pelo assoalho, paredes e móveis, vindo diretamente contra mim, deslizando pelo meu

corpo. Os buracos na parede tornaram-se rostos — rostos loucos que riam histericamente de mim. Eu estava à beira da loucura.

As serpentes, os rostos — tudo parecia girar, girar ao meu redor, enquanto eu sentia que estava afundando, afundando cada vez mais. Afundara até à beira da loucura. Passando por meses de espancamento, fome e tortura, eu havia combatido o bom combate. Resistira mais do que um corpo humano poderia resistir. Cheguei ao fim de minha resistência. Exclamei: “Ó Deus!” Sim, minha vontade fora finalmente quebrada. Eles ganharam daquela vez.

Sob a influência desse tratamento psicológico e da tortura física, uma pessoa é transformada no que se assemelha a uma gravação, que fala e canta aquilo que nela houver sido gravado. Eles nos enchiam com as palavras, e, tal como máquinas, as repetíamos. Se me dissessem que eu assassinara minha própria mãe, eu teria repetido mecanicamente: “Sim, assassinei minha mãe”.

Eu não era mais um ser humano, e sim um gravador humano. Fora espancado, brutalizado, sujeito à fome, até transformar-me em um robô humano. Estava pronto para confessar qualquer coisa. Tendo-me reduzido a uma massa, Dimitri começou a moldar-me conforme desejava. E parece que era especialista nisso. Aquela não era a primeira vez que ele conseguia fazer um prisioneiro curvar-se à sua vontade. Ele então me disse: “Você é um espião de primeira categoria”.

“Sim”, respondi.

“É disso que eu gosto em você. Você está no trilho certo. Sente-se. Esperaremos até à vinda de Manoff; então, você poderá ir descansar em sua cela.” Sentei-me em uma cadeira. Minha cabeça girava de tontura. Daquele momento em diante, acreditei e fiquei sabendo que eu era um espião. Foi assim que todos os quinze dentre nós, líderes eclesiásticos, nos tornamos “espiões”.

Pela manhã Manoff chegou. Ao ouvir a notícia, sorriu de orelha a orelha. Fui levado à minha cela, recebi alimentos e fui deixado sozinho, para descansar. Fiquei deitado por longo tempo, enquanto se acalmavam meu corpo e meu sistema nervoso, e então caí em sono profundo.

Uma elaborada série de “confissões” estava preparada pelos comunistas para que eu as assinasse. Eu as assinei. Se me tivessem

ordenado que assinasse dizendo que Deus estava morto, eu o teria feito. Minha vontade própria havia ido tão longe, que não podia mais resistir. Em 31 de dezembro, às quatro horas da tarde, mandaram-me juntar minhas coisas. Eu tinha um colchão e um cobertor, que recebera de minha casa, após minha vontade ter-se dobrado, e os enrolei juntamente com minhas roupas e algumas outras coisas.

Dois guardas me levaram até um carro que esperava do lado de fora. O dia estava tristemente frio. Nas ruas de Sofia, as árvores e os postes telefônicos estavam cobertos por uma grossa camada de geada. Pareciam-me tão bonitos. Rodamos por um bom número de ruas e chegamos às portas traseiras da Prisão Central de Sofia.

A Polícia Especial tinha terminado sua obra. Eu deixara a “Casa Branca”. Eles já me tinham “preparado” para o julgamento.

O cântico dos tamancos

“Antes, porém, de todas estas coisas, lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome; e isto vos acontecerá para que deis testemunho” (Lucas 21.12-13). Com essas palavras, Jesus preparou os seus discípulos para o que aconteceria. Durante toda a história do cristianismo, essas palavras têm se cumprido muitas e muitas vezes e continuam se cumprindo em nossos dias. As igrejas evangélicas da Bulgária experimentaram-nas em grau especialmente intenso.

O “cárcere”, no meu caso, era um edifício de cinco andares, circundado por um grande pátio. Ao redor do pátio, havia um muro de pedras de cinco metros de altura e um metro de largura. Em cada um dos quatro cantos daquela fortaleza havia uma torre elevada, onde um guarda não afrouxava a vigilância. A Prisão Central é semelhante, em sua construção, a todas as demais prisões da Bulgária, porém é maior do que todas as outras. Construída muitos anos antes dos comunistas subirem ao poder, tinha mais de trezentas e cinquenta celas individuais; em cada uma das celas, havia um cama, uma mesa e uma cadeira. O chão era de cimento; por isso, os prisioneiros tinham de usar tamancos. Naquela prisão, construída para acomodar trezentos

ou talvez quatrocentos prisioneiros, agora havia mais de cinco mil!

Uma ala inteira da prisão fora separada para acomodar os pastores e as testemunhas, que chegavam ao total de cento e setenta pessoas. Após o julgamento, algumas dessas pessoas foram postas em liberdade, outras foram enviadas para outra prisão, e outras, para campos de concentração.

Minha cela ficava no fim de um corredor, ao lado de um banheiro. O banheiro era o lugar para onde os prisioneiros traziam seus baldes e os esvaziavam. Minha cela era como uma despensa fria, não parecia um lugar a ser ocupado por uma pessoa. O chão estava coberto de lixo. Coloquei meu colchão de palha e meu cobertor sobre o assoalho de cimento e me deitei ali. Era um dia extremamente frio, e, embora eu usasse cada peça do meu vestuário e me enrolasse no cobertor, não pude dormir devido ao frio.

Era a véspera do Ano Novo, e fiquei caminhando pela cela, enrolado no cobertor e ouvindo o estalido dos tamancos dos prisioneiros no chão de cimento. Chamávamos isso de “cântico dos tamancos”. Era causado pelos tamancos de milhares de prisioneiros que andavam para lá e para cá, procurando aquecer-se. Durante os treze anos de meu aprisionamento, tive apenas um par de sapatos de couro, mas não posso nem contar quantos pares de tamancos eu gastei. Naquela noite eu ouvia o “cântico dos tamancos” pela primeira vez.

Eu ouviria aquele estranho ruído por muitas e muitas vezes. Gelado até aos ossos, naquela noite terrivelmente fria, eu e cinco mil outros prisioneiros observamos a chegada do Ano Novo.

Posteriormente, Rute falou sobre a primeira visita que me fez. Ela disse: “No começo de janeiro, um guarda da prisão veio falar comigo e esclarecer que eu e as crianças poderíamos ir visitar meu esposo, na prisão. Eu não tinha visto meu esposo desde que fora detido, em 24 de julho. Na prisão, fomos cumprimentados pelo superintendente, que se mostrou muito cordial. Então, fomos levados a uma sala de espera, e dois guardas conduziram Haralan até ali. Saudamo-nos, enquanto um oficial se assentava nas proximidades, para ouvir nossa conversa. Meu marido tinha as pernas, os braços — seu corpo inteiro — inchado no dobro do seu tamanho normal. Perguntei-lhe se estivera doente, visto que estava tão inchado. Ele

olhou ao redor nervosamente e levou um dos dedos aos lábios; assim, fiquei sabendo que não podia fazer-lhe tal pergunta. Então ele disse em voz alta: ‘Minhas roupas estão um pouco apertadas. Se você pudesse me enviar calças mais frouxas, seria ótimo!’ Terminaram os dez minutos permitidos de visita — passaram-se rápido demais. Então, Haralan foi novamente levado embora.”

Tendo visto Rute pela primeira vez, desde meu aprisionamento, eu lhe perguntei: “Você está vendo o que ganhou por ter-se casado comigo? Talvez fosse melhor se você tivesse ficado na Suécia. Eu só lhe trouxe sofrimentos”.

Lágrimas jorraram de seus olhos; e ela respondeu: “Não, o meu lugar é junto de você”.

Após aquela visita, comecei a receber alimento substancial, para que voltasse ao peso original. Também recebi atenções médicas para que os danos físicos fossem reparados. Eu não podia mostrar qualquer sinal do que havia sofrido. Durante seis meses, eu não tivera permissão de lavar o rosto, tomar um banho ou barbear-me. É fácil imaginar qual era o meu aspecto!

Quebrado, mas não derrotado

O tribunal de Sofia é o maior edifício isolado da Bulgária. E quão apropriado é que seja tão grande: é de muita utilidade. Ocupa um quarteirão inteiro na região central da cidade. Meu julgamento realizou-se no mais belo e importante dos salões de julgamento do tribunal — o Salão 11.

Microfones e câmeras foram instalados em ambos os lados do auditório, para que o julgamento fosse filmado. Jornalistas de países estrangeiros encontravam-se entre os convidados especiais, estavam lá representados o *The London Telegraph*, *The New York Times* e outros grandes jornais. Aquele seria um julgamento histórico, no qual eu e outros catorze principais líderes eclesiásticos da Bulgária seríamos julgados ao mesmo tempo. Também estava presente o “Deão Vermelho” de Canterbury, H. Johnson, que fora trazido especialmente para o julgamento.

Aos parentes foram dados cartões especiais de admissão. O

salão, que tinha capacidade para mais de quinhentas pessoas, estava lotado. Um por um, fomos trazidos de nossas celas, escoltados por um policial de cada lado. Fomos levados a assentos sem qualquer comunicação uns com os outros. No entanto, não pudemos deixar de olhar uns para os outros, quando vimos os pastores “bem-vestidos”, usando terno limpo e passado. Que contraste com os ímundos trapos que havíamos usado na prisão, durante os últimos seis meses!

Como foi que isso aconteceu? Duas semanas antes de começar o julgamento, disseram-nos que escrevêssemos aos familiares pedindo camisas e ternos bem passados. Também lhes foi permitido que nos enviassem tanto alimento quanto pudessem. Além disso, a cozinha da prisão nos mandara alimentos nutritivos e calóricos, nas duas últimas semanas. Tudo para impedir que houvesse qualquer evidência do sofrimento pelo qual havíamos passado, visto que teríamos de comparecer diante de repórteres e diplomatas estrangeiros.

Deveríamos parecer bem-alimentados, bem-vestidos e bem-tratados — o ludíbrio comunista estava em ação! O tribunal constituía-se de três juízes, que eram meros robôs. As verdadeiras decisões estavam nas mãos dos oficiais da Polícia Secreta, sentados na primeira fileira do auditório. Todo o texto do que seria dito fora escrito com bastante antecedência. As acusações foram lidas pelo Promotor-Chefe da Bulgária, que era auxiliado pelo promotor estadual Tsakoff.

O primeiro a ser levado ao banco dos réus foi o pastor batista Nickola Michailoff. Seu julgamento durou seis horas. Era o mais transformado, o mais disposto a dizer o que os comunistas queriam que ele dissesse. Na realidade, o pastor Ziapkov, que era o líder de todas as congregações evangélicas da Bulgária, deveria ter sido o primeiro a ser julgado, mas evidentemente a DS não confiava muito em que ele se humilharia.

O pastor Michailoff mostrou-se uma “testemunha importante” contra todos os pastores, especialmente contra o pastor Ziapkov.

Bastaria o testemunho de Michailoff para condenar todos nós à morte. Contudo, visto que “tínhamos confessado”, a sentença de morte foi “revogada” e transformada em aprisionamento. O intuito disso era demonstrar a “misericórdia” dos comunistas.

O segundo a ser levado ao banco de réus foi o líder dos metodis-

tas, o pastor Janko Ivanoff. Ele repetiu o que dissera o pastor batista, confirmando o testemunho deste em todos os aspectos.

No dia seguinte, os jornais estavam repletos das terríveis “confissões” de espionagem dos pastores, que haviam “vendido” a Bulgária aos ingleses e americanos. De acordo com os jornais, o “povo” exigia as penas mais severas. Evidentemente, toda a notícia dos jornais viera da Polícia Secreta. De fato, ficamos sabendo posteriormente que os artigos tinham sido escritos várias semanas antes!

Cedo pela manhã, recebemos cópias dos jornais, a fim de percebermos que nossa situação era desesperadora, não havendo nada mais a fazermos, senão confessar, arrepende-nos e implorar clemência. Nossas confissões estavam escritas como sermões, e disseram-nos que, depois de lermos as confissões, deveríamos lamentar e clamar em “arrependimento”.

Somente meu irmão, Ladim não fora quebrantado. Recusara-se até a usar gravata no tribunal, como sinal de sua resistência. Naquela noite, a British Broadcasting Company (BBC), em Londres, noticiou que Ladim Popov fora o único dos quinze pastores acusados de espionagem que se recusara a confessar. Os repórteres da BBC proclamaram-no o herói do julgamento; e ele realmente o era. Ladim era fisicamente muito vigoroso e foi capaz de resistir a boa parte das torturas. Não sendo casado, não tinha esposa ou filhos com quem se preocupar. E isso o ajudara mentalmente.

O julgamento foi uma trágica comédia “negra”, escrita, produzida e dirigida pela Polícia Secreta. Nós, os pastores, tínhamos sido espancados, submetidos a regime de fome e nos tornamos gravadores. Antes do julgamento, fôramos destituídos dos dois mais importantes fatores da vida de um ser humano: a vontade e a razão. Na realidade, éramos apenas gravações usadas pelas autoridades da Polícia Secreta — gravações que reproduziam a vontade, os desejos, os pensamentos e as mentiras deles. Gravações reproduzem apenas aquilo que tiver sido registrado nelas.

De acordo com a doutrina comunista, o fim justifica os meios. Isso permite aos comunistas usarem mentira, engano deliberado, assassinato e todas as medidas possíveis que os ajudem a conseguir os seus propósitos.

Em nosso caso, os comunistas tinham objetivos específicos. Em primeiro lugar, o caso contra os principais pastores da nação tinha por objetivo destruir as igrejas evangélicas. Em segundo lugar, visava a destruir os pastores fiéis com um só golpe, para que fossem substituídos por pastores-fantoches. Mas, quando os pastores foram levados ao banco dos réus, era Cristo e seus ensinos que estavam realmente sendo julgados.

Novamente, o diabo arranjara falsas testemunhas e encontrara acusações falsas para livrar-se de Cristo, a Luz do Mundo. Ele foi julgado perante Pilatos, que recebia ordens de Roma; foi escarnecido, sentenciado à morte, crucificado e colocado em um túmulo selado. Estávamos apenas seguindo os passos dEle.

No entanto, embora o diabo tenha se mostrado bastante astuto, esperto e maldoso, ele não obteve êxito. E a razão disso encontra-se nas palavras de Paulo a Timóteo: “A palavra de Deus não está algemada” (2 Timóteo 2.9).

A Palavra de Deus não pode ser destruída. Mais cedo ou mais tarde, a verdade será vitoriosa. Exatamente quando o diabo pensava ter obtido a vitória, Cristo ressuscitou dentre os mortos. Uma mentira é sempre uma mentira. Nem marxistas, nem leninistas conseguirão criar um paraíso terrestre fundamentados na mentira.

As testemunhas de acusação eram semelhantes aos principais sacerdotes que cuidaram para que Jesus fosse sentenciado à morte. As acusações feitas contra nós não se baseavam nos fatos, mas, apesar disso, as palavras vazias e as circunstâncias fabricadas eram repetidas vez após vez.

Um engenheiro que trabalhava em uma fábrica de marmelada testemunhou que discutira com o pastor Ivanoff a respeito de como a marmelada era “enlatada a vácuo”. Mais tarde, esse engenheiro encontrou dinheiro em um de seus livros. O promotor lhe perguntou: “Como você acha que o dinheiro apareceu ali? Não acha que o pastor Ivanoff o colocou ali, como pagamento pela informação que recebeu de você?” Após gaguejar um pouco, a testemunha disse: “É claro que ele deve ter feito isso”.

Esses eram os testemunhos apresentados contra nós! As testemunhas não disseram a verdade. Mas o perjúrio das testemunhas era

involuntário. Declararam o que eram forçadas a dizer; eu não sentia nenhuma indignação contra elas.

Os testemunhos prosseguiram por oito dias; o julgamento inteiro prolongou-se por doze dias. Tudo estava andando como um teatro de marionetes. Os fios eram puxados, e as marionetes se moviam. Após serem ouvidos os depoimentos das testemunhas, o promotor fez um discurso que durou quatro horas e continha mais assuntos políticos do que acusações. Ele descreveu a situação internacional e disse que o “imperialismo internacional” tentava impedir os trabalhadores de lutarem por seus ideais. Afirmou que, por meio de nós, os pastores, os imperialistas tentavam destruir o comunismo.

Ao terminar, o assistente do promotor fez um discurso de condenações, vituperando pessoalmente cada um de nós. Durante toda a audiência, tanto a promotoria como a defesa salientaram quão perverso era o crime, exigindo a pena de morte para o que acusavam ser espionagem na política, nos assuntos econômicos e nas questões de defesa nacional. Contudo, nem a promotoria, nem a defesa puderam apresentar um exemplo sequer de qualquer coisa que tivéssemos praticado e que merecesse castigo tão severo. Nossos advogados, que ganhavam polpudas somas todos os dias, em nossa “defesa”, apoiavam ao promotor em sua propaganda política e nos condenavam.

Somente dois dos advogados de defesa ousaram dizer a verdade. Um deles não era comunista; estava ali por ser um dos mais hábeis e dos mais conhecidos advogados de Sofia. Em seu discurso de defesa, ele disse: “Meritíssimo, estes pastores foram acusados de espionagem. Não é de nosso dever descobrir em que consistiu a espionagem deles?”

E continuou: “O pastor Mishkoff traçou um mapa mostrando uma estrada de Plovdiv a Pestera. Segundo a acusação, esse mapa foi entregue aos norte-americanos. Os norte-americanos seriam tão bobos que não poderiam ir à livraria mais próxima e comprar um mapa da Bulgária, que mostra não somente todas as estradas da Bulgária, mas também as ferrovias? Esses mapas são vendidos abertamente”.

O promotor saltou sobre os pés como se tivesse sido picado por uma abelha. E gritou: “Sr. Toumparoff, o senhor não tem o direito de

falar isso! Não sabe que hoje tudo é secreto na Bulgária?"

Toumparoff imediatamente percebeu a seriedade do tom de voz do promotor, bem como a ameaça sugerida, e, assim, mudou de tática, adotando a mesma atitude subserviente usada pelos outros advogados.

O pastor Vasil Ziapkoff, o líder das congregações evangélicas, recebeu o tratamento mais severo. A despeito de sua inocência, em face das acusações lançadas contra ele, seus advogados aconselharam-no a confessar, arrepender-se e pedir misericórdia, pois, de outra maneira, seria impossível escapar da pena de morte.

Quando testemunhou em defesa própria, aquele homem, que conhecêramos como firme e resoluto servo do Senhor, chorou profusamente. Ele também passara por sofrimentos indescritíveis. Todos olharam surpresos para o pastor Ziapkoff. Contudo, não era o pastor Ziapkoff que falava, e sim um “toca-fitas” que reproduzia o cântico composto pela Polícia Secreta. Nem mesmo o tom e o som de voz eram dele. Após o julgamento, não vimos mais o pastor Ziapkoff por três nos. As torturas pelas quais passara o tinham levado à beira da demência, e foram necessários três anos inteiros para que ele se recuperasse. Sob aquelas circunstâncias, a timidez e o temor tomaram conta das igrejas — o segundo plano da Polícia Secreta começava a funcionar.

Um após outro, os principais líderes cristãos leigos foram chamados à sede da Polícia Secreta, sendo-lhes ordenado terminantemente que renunciassem a amizade e a comunhão com seus ex-pastores. Os jornais começaram a imprimir notas escritas por membros comuns das igrejas ou por seus líderes leigos, dizendo: “Expresso meu repúdio pelas atividades dos pastores e renuncio minhas relações com eles”.

No entanto, assim como nos dias de Elias, houve um remanescente que se recusou a prostrar-se diante de Baal. Portanto, nas congregações, houve aqueles que permaneceram ao nosso lado. Houve pastores que não apresentaram notas de renúncia nos jornais. Mas, um por um desses pastores logo foram lançados no ostracismo e obrigados a abandonar o ministério. Alguns deles foram até enviados a campos de concentração. Outros passaram a ser varredores de ruas, nas próprias cidades onde tinham pastoreado. E muitos daqueles pas-

tores, fiéis e caídos no ostracismo, iniciaram reuniões “secretas” em seus lares, correndo grande risco.

Não demorou e os comunistas vieram para dentro da igreja na forma de “novos pastores” nomeados pela Polícia Secreta. Alguns dos jovens e dos membros mais ativos das igrejas eram levados à sede da Polícia Secreta, à noite. Ali eram violentamente espancados, de um modo que não deixasse marcas. Pela manhã eram soltos e forçados a prometer que não contariam nada a respeito de tudo quanto sucedera, nem mesmo a suas esposas.

Um jovem crente foi convocado à sede da Polícia Secreta todas as noites, durante seis meses, para ser espancado. Por meio de vários recursos, os comunistas tentavam fazê-lo prometer que lhes contaria tudo quanto acontecia em sua congregação. Ele se recusava. Sua esposa notou as ausências noturnas, percebendo também que ele retornava pálido e trêmulo. Ele nunca contou seus sofrimentos para ela.

Os mesmos métodos eram usados contra muitos jovens crentes em todo o país. Crentes fervorosos e membros ativos das igrejas eram especialmente procurados pela Polícia Secreta. Muitos deles não resistiam e se renderam à vontade das autoridades, talvez para permanecerem na congregação. O temor de ser delatado determinava a conduta do indivíduo. Em muitos casos, sabia-se quem era o informante, mas ninguém ousava dizê-lo abertamente, porque a Polícia Secreta podia alcançar a quem quisesse. Isso me faz lembrar a profecia bíblica de que o homem seria traído pelos de sua própria casa.

Muitos crentes de outros países não conseguem entender quão astutos e malignos são os poderes das trevas, porque nunca estiveram assentados sozinhos, numa cela, completamente impotentes e sem esperança. Não importa quantos livros sejam escritos a esse respeito, somente aqueles que têm experimentado os caminhos e os meios usados podem compreender o que Satanás é capaz de inventar para torturar os homens.

Nossas sentenças foram anunciadas em oito de março. As sentenças mais pesadas caíram sobre os líderes das várias denominações. O pastor Vasil Ziapkoff, representante das Igrejas Evangélicas Unidas; o pastor Janko Ivanoff, representante auxiliar das Igrejas

Evangélicas Unidas; o pastor Georgi Chermeff, presidente-auxiliar das Igrejas Evangélicas Unidas; Nickola Michailoff, presidente das Igrejas Evangélicas Unidas — cada um deles foi sentenciado à prisão perpétua e ao confisco de todos os seus bens pelo Estado. Suas famílias foram destituídas de tudo, exceto as roupas do corpo.

Os demais pastores e eu, membros do Supremo Concílio das Igrejas Evangélicas Unidas, fomos sentenciados a quinze anos de encarceramento.

Os pastores Jontso Drenoff, Zakari Raicheff e Ivan Angeloff foram sentenciados a dez anos de encarceramento.

O pastor Mitko Matteff foi condenado a seis anos e oito meses de encarceramento; Ladin, meu irmão, a cinco anos de encarceramento. (Ele nunca se rendeu, pelo que levantaram outra acusação falsa contra ele.) Os pastores Angel Dinoff e Alexander Georgieff receberam liberdade condicional. Angel Dinoff foi imediatamente escolhido pelos comunistas para ser o presidente das Congregações Evangélicas. Durante todo o período de detenção parece que a Polícia Secreta estava preparando-o para essa tarefa.

Os comunistas sabiam que um ataque externo sobre as igrejas uniria e fortaleceria os crentes, como acontecera em toda a história do cristianismo. Portanto, resolveram destruí-las ou controlá-las internamente. Os comunistas encontraram em Angel Dinoff um instrumento bastante condescendente. É claro que ele apoiava fielmente os comunistas. Até hoje a tática comunista consiste em fechar algumas igrejas e instalar seus próprios homens naquelas que permanecem abertas.

O trágico sofrimento dos familiares

Após o julgamento, fomos levados de volta à prisão, para desaparecermos da atenção pública. Agora, porém, eram as nossas famílias que também sofriam. A perseguição surgiu não somente dos inimigos da cruz, mas também dos recém-instalados “pastores”, incluindo Angel Dinoff. O povo foi advertido de que todo aquele que tentasse ajudar os pastores aprisionados ou as suas famílias desamparadas seria enviado a um campo de concentração.

Um dos pastores do Norte da Bulgária recolheu uma pequena importância que enviou a Rute e à esposa do pastor Cherneff. Ele foi abordado na rua, segurado pelo colarinho e indagado violentamente: “Quem lhe deu permissão para recolher dinheiro para as famílias dos pastores aprisionados?” O idoso irmão levantou a mão para os céus e disse: “Deus!”

Em certa ocasião, Rute estava com seus últimos centavos. Paulo e Rode choravam de fome. Rute caiu de joelhos e orou: “Ó Deus, não temos qualquer alimento. Não temos dinheiro. Haralan está na prisão. Ó Deus, cheguei ao final de meus recursos. Ajuda-nos”.

Um pouco mais tarde, naquele mesmo dia, chegou uma carta enviada por esse mesmo pastor, contendo um vale postal em valor suficiente para tirá-la daquela emergência!

Posteriormente, Rute, Paulo e Rode foram despejados da casa em que morávamos. Este intenso sofrimento de famílias de prisioneiros crentes era cuidadosamente planejado, a fim de aumentar a agonia dos homens encarcerados.

Rute estava preocupada com a possibilidade de seus familiares, que moravam na Suécia, não saberem a verdade sobre o julgamento. Devido ao serviço postal deficiente, não recebemos cartas deles por algum tempo, e não sabíamos se haviam recebido as cartas de Rute. Então, um dia ela foi consolada de maneira inesperada. Um de seus parentes lhe enviara um cartão postal simples, dizendo: “Ouvimos, lemos e compreendemos tudo”.

O temor dos comunistas chegou ao ponto de os novos pastores exigirem que os membros das igrejas descobrissem quem tivera a ousadia de ajudar Rute e meus filhos. A família do pastor Cherneff foi obrigada a mudar-se para Svistov, uma pequena cidade perto do rio Danúbio. Certa vez a Sra. Cherneff foi a Sofia para transmitir um recado. À noite ela compareceu a um encontro na igreja onde seu marido servira como pastor durante vinte anos. Apesar de estar chovendo muito e apesar de ser conhecida por todos, ninguém pôde convidá-la para passar a noite em sua casa, pois os informantes estavam presentes. Assim, a Sra. Cherneff ficou andando pelas ruas a noite inteira.

A princípio, Rute teve um emprego. Era irônico: ela devia limpar

a igreja de Angel Dinoff, em dias alternados. Também recebia um pequeno salário mensal para tocar o órgão durante os cultos. Mas não demorou até que Dinoff fosse advertido de que dessa maneira estava ajudando as famílias de pastores aprisionados. Portanto, ele deixou claro para minha esposa que os seus serviços não eram mais necessários.

Depois, uma irmã da igreja, que estava doente, pediu à minha esposa que a substituísse no trabalho. Foi assim que minha esposa encontrou um emprego como zeladora noturna. Ela permaneceu naquele emprego por um ano inteiro, antes de seus patrões descobrirem que ela era a esposa de Haralan Popov. Rute foi imediatamente despedida.


Rute lutava todos os dias para manter nossos filhos alimentados. Era uma luta solitária e desesperada para manterem-se vivos. Mais tarde, descobri que nem mesmo nossos irmãos crentes do mundo livre faziam qualquer coisa para ajudar-nos. É uma vergonha para a consciência dos crentes do mundo livre o fato de que milhares de famílias evangélicas estejam sofrendo, agora, deste modo — sozinhas e desamparadas — em terras comunistas.

Rute não recebia um centavo de ajuda. Ela e nossos filhos sobreviviam devido a algumas poucas cenouras que lhes eram dadas por um corajoso crente que desafiou as advertências dos novos pastores. Era uma existência precária e perigosa para Rute e as crianças. Os comunistas sempre fazem as famílias de crentes aprisionados sofrerem, pelo menos, tanto quanto os próprios prisioneiros. Isto visa intensificar o sofrimento mental e a preocupação dos prisioneiros.

Não podemos descrever a agonia de um pai ou esposo trancado impotentemente atrás das grades de uma prisão, sabendo que sua esposa e seus filhos, naquele momento, passam fome, sendo expulsos de uma cidade para outra, como animais desarraigados. Para um homem, este é um fardo pior que a fome.

Já vi homens fortes, capazes de resistir a quase qualquer espancamento físico, enlouquecerem ao saber o que a esposa e os filhos estavam sofrendo, enquanto eles eram incapazes de ajudá-los.

Esta é a tragédia de nossos irmãos na fé aprisionados em países comunistas, hoje.



“Você é um homem morto, Haralan Popov!”

Depois de havermos sido condenados, fomos mandados de volta à Prisão Central e colocados em pequenas celas. Por algum tempo, a alimentação e as condições melhoraram. Na mesma cela onde eu estava, achavam-se os pastores Cherneff, Angeloff e Matteff. Ladim, meu irmão, também esteve conosco por breve tempo, mas foi logo transferido para outro lugar. Aquela era a primeira vez em que estávamos juntos desde o aprisionamento. Começamos a falar sobre o que acontecera e sobre o que havíamos passado. Estávamos saindo lentamente daquele estado em que éramos semi-robôs e gravadores humanos e recuperando o bom senso.

Naquele período de recuperação, eu disse aos pastores que estavam comigo: “Não enfrentamos os homens, e sim o próprio Satanás. Embora ele tenha feito muito bem a sua obra, quanto a mim, mais do que em qualquer outra época, estou certo de que, no final, Deus triunfará. Irmãos, lembremo-nos: ‘Maior é o que está em vós do que o que está no mundo’. Eles ganharam a batalha, mas, com a ajuda de Deus, venceremos a guerra”.

O pastor Angeloff replicou: “Haralan, isto é verdade. Se Deus é por nós, quem será contra nós?”

Logo percebemos que o pastor Matteff agia de modo estranho. Ele aprovava a maneira como os comunistas tinham lidado com a

questão e criticava nossas reivindicações de inocência. As conversas com o Matteff eram cautelosas e chegamos à percepção de que a Polícia Secreta o colocara entre nós para agir como informante. Por diversas vezes, ele era chamado para alguma entrevista com o superintendente da prisão. Tragicamente, ele fora quebrantado não apenas em seu físico, conforme aconteceu conosco, mas o seu próprio espírito ruíra, tornando-o um instrumento dócil nas mãos deles. O aprisionamento ou quebranta um homem em seu íntimo ou fortalece a sua determinação. Era lamentável ver o pastor Matteff quebrantado. Meu coração se entristecia por ele e orava fervorosamente em seu favor. O poder satânico fizera bem a sua obra.

Fui levado a um pequeno escritório onde um dos membros mais cruéis da Polícia Secreta, o Camarada Aneff, esperava por mim. De pé, a seu lado, estava um homem que eu nunca vira antes. Era moreno e magro, com olhos extremamente ferozes e fisionomia de um alcoólatra. Quase imediatamente ele se lançou contra mim e começou a espancar-me em todo o corpo. Caí sob a chuva de golpes e, estando no assoalho, ele me chutou com todas as suas forças, gritando horríveis obscenidades. Ele exclamou: “Popov, nós o conhecemos! Você está tentando começar uma conspiração com os outros pastores. Vamos ensinar-lhe quem triunfará!” E ordenou que eu fosse transferido para a cela mais úmida e profunda da prisão. Enquanto eu era levado, ele gritou: “Você apodrecerá ali, sozinho! Nunca mais verá a luz do dia! Você é um homem morto, Haralan Popov!”

O pastor Matteff desincumbira bem seu papel de informante.

Dois guardas me levaram ao porão da prisão. Estava cerca de quinze metros abaixo da superfície. Empurraram-me brutalmente para além das celas, descendo por um corredor pouco usado. Ali, no fim do corredor, havia uma pesada porta de metal, enferrujada por conta da umidade. Quando fui empurrado através da porta, vi outro lance de escadas que descia quase verticalmente. Desci pelos degraus inclinados até à fria e escura umidade. A única luz que havia era a das lanternas dos guardas. Senti como se estivesse descendo aos abismos do inferno. Esperei no fim dos degraus, enquanto os guardas também desciam pela escada íngreme. Havia ali um frio desumano e uma escuridão mais profunda do que qualquer outra que eu já vira antes.

Cada guarda me tomou por um dos braços, e desceram-me, através de uma estreita passagem, até à porta de uma cela. Abrindo-a, empurraram-me violentamente para dentro e a trancaram. Ouvi os passos deles subindo pelas escadas para o mundo, lá em cima.

Era um lugar de silêncio tumular, completamente escuro. Eu não podia ver a própria mão diante do rosto. Senti-me como um cego, achei a caneca de beber de metal e bati nas paredes, mas não recebi resposta de qualquer dos lados de minha cela. Eu estava completamente sozinho, nas entranhas escuras da terra. Então, as palavras do enraivecido comunista me vieram à memória: “Você nunca mais verá a luz do dia... Você apodrecerá ali!”

Resignei-me a ser abandonado ali, naquela cavidade profunda e esquecida, muito abaixo do andar térreo, para apodrecer. Não demoraria muito para que um homem apodrecesse naquele lugar. Toquei nas paredes, que estavam molhadas com a umidade que pingava do alto. No fundo daquela cela esquecida, incrivelmente escura, caí de joelhos e orei: “Ó Deus, sei que não há cela profunda bastante, nem barras de ferro fortes o bastante que me separem de Ti. Ó Deus, sê comigo. Dá-me forças!”

O assoalho da cela era tão úmido, por causa da umidade subterrânea, que eu não podia deitar-me. Apalpei ao redor, fui até um canto e me agachei ali, com os braços ao redor de mim mesmo, para aquecer-me, e dormir. Não sei dizer quando despertei. Em meio a trevas tão absolutas, perde-se o senso da passagem do tempo. É como estar suspenso em outro mundo. Tentei medir a passagem do tempo com a mente, mas isso começou a pregar-me peças. Sem alguma referência habitual, como as estrelas, a luz do dia e as sombras — sem qualquer coisa — um homem perde todo o senso de medida do tempo. Até os cegos têm relógios em braile ou outros meios. Aprisionado naquele vácuo absoluto de espaço negro, eu não tinha nada.

Pela primeira vez, em mais de um ano, comecei a temer pela minha sanidade. Eu já me achava ali por um dia ou por vinte dias? Por uma hora ou por uma semana?

Só ocasionalmente eu ouvia uma voz, uma grade de ferro se abria e um prato de metal era introduzido depressa pelo assoalho,

trazendo um pouco de água e três ou quatro cenouras ou uma batata podre, com vermes.

Já estava resignado a passar os últimos dias de minha vida ali. Mentalmente, eu aceitara tal sorte. Um dia, quando estava orando, o desespero de minha situação atingiu-me em cheio. Faminto, espancado, esquecido, eu sabia que não havia qualquer esperança de sair daquele lugar. Um oficial de alto escalão dissera que eu “apodreceria” ali; e parece que ele falava sério. Lágrimas surgiram em meus olhos. Durante semanas devo ter ficado naquele estado. “Oh! Deus!” — eu clamava.

Então, aconteceu algo que jamais me havia acontecido. Uma luz esplendorosa começou a brilhar, e uma sensação de calor invadiu a cela, envolvendo meu corpo debilitado e faminto. Senti braços fortes ao meu redor, como se estivesse abrigado nos braços do próprio Cristo. Aquela mesma voz que eu ouvi, quando fiquei de pé em frente da parede por duas semanas, falou novamente. Nunca poderei descrever aquela voz. Com amor e compaixão, Cristo falou comigo: “Meu filho, nunca o abandonarei. Meus braços estão ao seu redor, e, neles, Eu te confortarei e te fortalecerei”.

Lágrimas escorriam pelo rosto, enquanto eu estava seguro nos braços de Cristo. Sei que alguns leitores talvez considerem isto um exagero. Mas, quando eu estava quase no ponto de loucura e desespero, Cristo me fez saber que não me esquecera ali, envolto na escuridão de uma cela esquecida, nas entranhas da terra. Foi um belíssimo e amoroso abraço, um momento que tornou dignos todos os sofrimentos passados. Como eu O amo! Se ao menos todos homens deste mundo pudessem conhecer a Cristo, em sua beleza e amor!

Agora eu estava com Cristo, contente por esperar a morte e partir para estar com Ele. Cristo falou comigo, consolou-me, e a sua presença encheu a cela quase que de maneira física. Ele segurou-me a mão em sua mão atravessada pelo cravo. Ele sabia o que é sofrer e compartilhava dos sofrimentos de seus filhos.

Aqueles foram dias preciosos, muito preciosos. Desfrutei de comunhão com Cristo, ao mesmo tempo que, definhando cada vez mais, aguardava a morte.

Então, algum tempo mais tarde, ouvi o barulho de passos e de

homens que conversavam. A porta da cela foi aberta num movimento rápido, e um jato de luz brilhante resplandeceu em meu rosto. “Popov, saia daí! Você virá conosco!” — gritou uma voz. Eu quase não podia movimentar-me, depois de ter ficado em uma só posição por tanto tempo. Foram um tanto me carregando e um tanto me empurrando escadas acima. Quando vi a luz tão opaca das celas do porão, meus olhos se rebelaram contra o fulgor, pois estavam acostumados à completa escuridão!

Finalmente, eu estava de volta ao bloco onde estivera antes. Jogado em uma cela, perguntei ao prisioneiro que ali se achava em que data estávamos. Fiquei lá embaixo por trinta e cinco dias e jamais teria sido tirado daquele lugar, se o oficial que me ordenara “apodrecer” não tivesse sido transferido. Evidentemente, Deus ainda tinha um propósito para mim, nesta vida.

Mais tarde, no corredor, encontrei um homem ligeiramente encurvado. Era o pastor Ivan Angeloff, que passara pelo mesmo tratamento que recebi. O pastor Angeloff e eu fomos levados ao 8º Departamento da prisão e lançados em uma cela vazia. Encontramos algumas tábuas, com as quais fizemos camas, a fim de que, pelo menos, não tivéssemos de dormir sobre o chão de cimento.

Naquela primeira noite, os inevitáveis percevejos nos aguardavam. Atacando em enxames, caíam do teto como gotas de chuva. Invadiam tudo, caindo especialmente sobre nós. Sem dúvida, éramos os primeiros prisioneiros naquela cela, que havia muito tempo não era ocupada; e os insetos sentiam falta das suas refeições. Jamais poderíamos dormir sob aquelas circunstâncias, pelo que passamos a noite andando pela cela, matando percevejos. Conseguimos dormir um pouco ao amanhecer, quando os percevejos não estavam mais ativos. À noite, dormíamos por turnos. Enquanto o pastor Angeloff dormia, eu permanecia como sentinela, matando os insetos e impedindo-os que chegassem até ele. Quando eu dormia, ele fazia o mesmo. Pela terceira noite, o número de percevejos já fora consideravelmente reduzido, mas as paredes da cela estavam decoradas com manchas vermelhas, que logo se tornaram negras.

Em meados de junho, fomos transferidos para uma espaçosa cela de três cantos que continha vinte outros pastores, alguns dos

quais vinham de um julgamento posterior ao nosso. Nosso julgamento fora apenas o início da guerra que visava a eliminar o apoio dado às igrejas. Agora, pela primeira vez, era-nos permitido um breve passeio do lado de fora, todos os dias. Era ótimo respirar novamente ar fresco, ver o céu azul e a luz do sol. Eu me sentia um novo homem, embora continuasse cercado pelos muros da prisão. Um dia, notei uma minúscula folha verde de grama que brotava de uma rachadura no cimento. Como nosso guarda olhava para outro lado, abaixei-me rapidamente e a apanhei. Ninguém pode imaginar o que aquela minúscula folha de grama significava para mim. Era verde e viva. Foi o primeiro contato que eu tive com o exterior, durante quase um ano. Segurar aquela pequena folha de grama que Deus criara fez meu espírito elevar-se.

Alguns dias depois, o superintendente da prisão visitou a nossa cela. Ele parecia animado e informou-nos que todos receberíamos um trabalho para fazer, mas primeiramente era mister que nos tornássemos membros da Sociedade Cultural da prisão.

A Sociedade Cultural era um movimento iniciado pela Polícia Secreta — a DS. Em todas as prisões, a Polícia Secreta resolvera doutrinar os prisioneiros. Na realidade, a Sociedade tinha a finalidade de submeter-nos a “lavagem cerebral” e fornecer à Polícia Secreta informações sobre todos os prisioneiros. A única coisa que os interessava era a atitude de cada prisioneiro para com o regime. Os prisioneiros também eram “treinados” no movimento. No fim do treinamento, eram classificados em uma de duas formas: ou “irrecuperáveis” ou “reformados”.

Classificado como não-reformado

A Sociedade Cultural desenvolveu-se em uma organização forte, com relatórios, cânticos de coral, peças teatrais e cursos (por exemplo, sobre o marxismo, o leninismo, o cultivo de vinhas ou agricultura). Os cursos mais importantes eram sobre o comunismo. Não importando o curso, os palestrantes sempre conseguiam introduzir algo sobre as duas figuras principais do comunismo: Marx e Lenin. O capitalismo era condenado: era um sistema intolerável que tinha de ser aniquilado.

O comunismo, por outro lado, era o melhor sistema político e o mais humanitário!

É claro que tudo isso era tão idiota e falso, que o próprio palestrante não acreditava no que dizia. Suas palavras enfadonhas, indiferentes e vazias faziam-no parecer uma gravação. As mesmas palavras, as mesmas sentenças, as mesmas expressões, os mesmos relatos repetidos muitas e muitas vezes. Era enjoativo, mas tínhamos de tolerá-lo.

No começo, não percebemos o propósito da Sociedade Cultural. Mas, quando percebemos seus objetivos, não havia meios de escapar.

Permita-me falar novamente sobre a diferença entre quebrar a vontade e “lavar o cérebro”. Minha vontade cedeu após seis meses de espancamento, até ser levado ao desespero, até que meu corpo chegou aos seus limites, sucumbindo fisicamente. Mas foi temporário.

A lavagem cerebral consiste em convencer “permanentemente” alguém de que o comunismo é bom. Eles poderiam quebrar minha vontade, porém jamais poderiam “lavar meu cérebro”. Durante o tempo em que tentaram “converter-me” e lavar meu cérebro, trabalhei como impressor de livros e compositor de tipos gráficos. Os outros pastores trabalhavam em uma fábrica de papelão.

Dentro de dois meses, as autoridades da prisão perceberam que eu não poderia ser submetido à “lavagem cerebral” e desistiram de mim. Eu tinha sido “reprovado no curso” e destinado a uma prisão de trabalhos forçados.

Em 1º de dezembro, chegou a minha vez. Eu estava trabalhando na sala de impressão, quando recebi ordens de arrumar as minhas coisas e levá-las para o auditório. Eu tinha um colchão, um cobertor, dois acolchoados, um travesseiro, uma maleta, que continha minhas roupas íntimas, e uma cesta de alimentos. Eles nos deram muitas coisas durante a tentativa de lavar nosso cérebro. Essa foi a única coisa boa durante o período de “lavagem cerebral”!

No auditório, encontrei trinta outros prisioneiros que aguardavam ordens posteriores. Evidentemente, nós havíamos sido considerados irrecuperáveis. Agora, o tratamento severo começaria novamente, como acontecera antes do julgamento. À noitinha, chegou um caminhão fechado, e recebemos ordem para embarcarmos com nossa bagagem.

Não havia janela na parte de trás, pelo que não tínhamos a menor idéia sobre aonde estávamos indo. Quando o caminhão parou, achamos-nos na estação ferroviária de Sofia. Fomos trancados em uma pequena sala que ficou lotada conosco; mas, nos sentamos no assoalho e procuramos dormir.

Na manhã seguinte, fomos embarcados em um trem para nosso novo destino, Sliven. Há duas prisões em Sliven: a “prisão antiga”, que fica na própria cidade, e a “prisão nova”, para onde fomos levados, a quase um quilômetro da estação. A prisão era um edifício espaçoso, de cinco pavimentos, que anteriormente era uma fábrica de macarrão. Estava circundada por um muro de cinco metros de altura, com uma torre de vigia em cada canto. Era noite quando chegamos. Fomos levados para o 8º Departamento, que, como ocorre em todas as prisões, é o pior departamento.

Visto que o edifício não era, originalmente, uma prisão, as celas eram pouco maiores do que as celas individuais da Prisão Central de Sofia. A nossa cela media cinco metros de comprimento por menos de dois metros de largura, mas havia quinze de nós ali. E tínhamos de achar um lugar para o balde, sempre presente. Por essa razão, havia menos espaço ali do que em qualquer outro lugar onde já estivéramos.

Estávamos apertados como sardinhas em uma lata. A primeira coisa que fizemos foi medir as paredes; então, marcamos um espaço de trinta centímetros para cada homem dormir. Entre os prisioneiros, havia um famoso poeta búlgaro, Trifon Konieff. Era um homem maravilhoso, jovial. Todos gostávamos muito dele. Trifon era tão grande que lhe era impossível dormir mesmo naquela medida dobrada. Por isso, cada um de nós cedeu alguns centímetros de espaço, para que ele tivesse um pouco mais de espaço. Medimos com cuidado. Isso nos deu exatamente vinte e oito centímetros de largura. E, visto que não havia espaço no chão, para nossa bagagem, nossos sacos e malas foram penduradas em pregos, nas paredes. Todas as outras celas eram iguais a essa.

À noite, todos dormíamos do mesmo lado. Se alguém quisesse virar-se, todos tínhamos de nos virar ao mesmo tempo, em uníssono. Durante o dia, ficávamos assentados em nosso minúsculo espaço. Aquela ociosidade forçada dava-me excelente oportunidade de falar

sobre Deus para aqueles homens. E quase todos ansiavam por ouvir mais.

A única janela que havia naquela cela estava no teto. Embora estivesse sempre aberta, o ar era quente e abafado. Era verão, e a cela estava repleta de suor, com os homens que transpiravam sob um calor de 38°. Vestíamos somente calções, mas o suor continuava a jorrar de nós. O único alívio era a meia hora de passeio no pátio da prisão, uma vez por dia.

Era horrível ter de voltar à cela úmida e de ar abafado, após nosso pequeno intervalo de alívio no lado de fora, mas ninguém oferecia resistência. Nunca pude saber se a prisão de Sliven era uma prisão de “disciplina”, mas o tratamento era mais severo do que em outras prisões. E agora que eu fora classificado como “não-reformado”, os outros prisioneiros e eu voltamos para a “Dieta de Morte”. Recebíamos somente duas fatias de pão, além da sopa, que tinha um sabor pior do que o da outra sopa que já tinha recebido. Era como beber óleo sujo. A sopa de peixe vinha cheia de olhos de peixes flutuando. Mas eu comia tudo, até os olhos.

Ruídos noturnos

Não existe nada mais assustador do que a insônia em uma prisão. Na quietude da noite extremamente quente, podíamos ouvir os ruídos da prisão.

Havia a respiração desigual dos prisioneiros deitados um contra o outro. Era fácil dizer quais homens estavam tendo pesadelos, devido à sua respiração ofegante. Quem poderia saber que sonhos desanimadores eles tinham? Ouvíamos o rangido compassado, no assoalho do corredor, causado pelos sapatos de feltro dos guardas, que caminhavam para lá e para cá. Vez por outra, abria-se um cadeado, ouvíamos passadas e sussurros. Alguém estava sendo levado para ser interrogado ou espancado.

Enquanto eu permanecia deitado, apertado em meus vinte e oito centímetros de espaço, no assoalho coberto de corpos que dormiam, minha mente se voltava para Rute, Paulo e a pequena Rode. Onde estariam eles? O que lhes teria acontecido? O rosto magro e exausto

de Rute, que eu vira, quando nos encontramos antes do julgamento, me perseguia. Estariam eles famintos agora, quando permaneço deitado aqui? Teriam um lugar para abrigarem-se? O pior de tudo é que eu nada podia fazer para ajudá-los. Eu fora separado deles havia quase dois anos, e isso parecia uma eternidade. Mais treze anos de separação nos aguardavam à frente!

Na tranquilidade da noite de insônia, eu orava: “Oh! Deus! O que acontecerá com eles? Guarda-os, protege-os, ajuda-os”. Aquelas noites de insônia foram as piores. Por muitas vezes, eu fechava os olhos para não ver; tapava os ouvidos para não ouvir, mas não podia desligar os meus pensamentos.

Alguém, em uma cela próxima, repleta como a nossa, soltava um gemido. Quais seriam os seus pesadelos, temores e sonhos desfeitos? O tremendo calor, o mau cheiro do balde, o odor dos corpos sem banho e o silêncio da noite, entremeado com gemidos e gritos de homens que dormiam, faziam o ar parecer carregado de desespero. Ouvia-se os ruídos de homens que tinham perdido tudo e cujas esperanças eram que a noite nunca terminasse, pois o sono oferecia o único meio de escape da realidade.

Em Sliven, bem como nos anos por vir, a noite sempre era o pior momento. A noite era a ocasião favorita para espancamentos e tortura. As piores horas eram das onze até às três da madrugada. Um pavimento inteiro, de uma das alas, foi levado ao interrogatório noturno, que, sem dúvida, contava com o mais moderno “método”.

Os gritos e imprecações dos torturadores se sobressaíam aos gritos dos homens torturados. Com frequência, eu tentava pôr algodão nos ouvidos, para abafar a horrível cacofonia de gritos distantes. Era durante a noite que os homens tinham tempo para pensar e lembrar o que poderia ter acontecido. Era à noite que muitos homens enlouqueciam. Eu podia ouvir seus delírios, quando sua mente ruía, recusando-se a continuar funcionando. Então, chegavam os guardas e os levavam embora. Esses eram os ruídos de uma prisão, à noite.

Eu procurava ajudar os homens, sobretudo naquelas noites tão difíceis. E, ajudando-os, eu ajudava a mim mesmo.

Não demorou muito para que a Polícia Secreta viesse classificá-nos. A primeira classe consistia de prisioneiros políticos, pastores,

sacerdotes, etc. A segunda classe consistia de criminosos, assassinos, estupradores. Além disso, cada uma dessas classes foi dividida em três categorias. Os piores “criminosos” eram os da primeira classe e da primeira categoria. Fui classificado nesta categoria. Éramos selecionados dentre todos para receber o pior tratamento. A cada ano éramos classificados novamente. Para que alguém fosse transferido a uma classe melhor, tinha de mostrar-se mais inclinado ao novo regime.

Durante todo o meu tempo de encarceramento, fui mantido na primeira classe e na primeira categoria. Evidentemente, desistiram de tentar reformar-me, mas ainda parecia estranho o fato de ser classificado oficialmente como alguém mais perigoso do que um assassino de muitas vidas.

No entanto, eu percebia a razão dos comunistas. Minha fé e meu testemunho *eram* perigosos para eles, que não são homens ignorantes. Reconhecem que a fé em Deus é o pior inimigo deles. Durante treze anos, tive de ficar assentado ouvindo palestras sobre o marxismo e o comunismo. Nunca “me formei”, mas permaneci na mesma classe. Deixei a prisão como um iletrado nestes assuntos. Parece que eu simplesmente não aprendia como se constrói uma sociedade comunista.

Houve um grande número de homens que cedeu e passou a concordar com tudo. Eles não somente foram transferidos para uma classe melhor, mas também foram soltos muito antes dos outros. Tinham sido “reformados” e foram considerados como “treinados”.

Algum tempo depois disso, um grande número de prisioneiros políticos e religiosos de Sliven, incluindo eu mesmo, recebeu ordem de arrumar seus pertences. Ao todo, éramos cerca de duzentas e oitenta pessoas. Fomos levados à estação ferroviária e colocados em três vagões de carga, enquanto nossa bagagem foi colocada em um caminhão aberto. Fomos levados ao entroncamento ferroviário mais próximo e ficamos curiosos para saber em que direção seguiríamos. No caminhão aberto, que levava nossa bagagem, havia um guarda-freio que reconheci ser um antigo conhecido meu. Secretamente, fiz-lhe um sinal indagando se ele sabia para onde estávamos sendo levados. Ele respondeu escrevendo a letra “k” no vidro da janela coberta de geadas. Então, compreendi que estávamos a caminho de Kolarovgrad.

A prisão de Kolarovgrad era recém-construída e, em algumas partes, ainda não estava bem terminada. Ela tinha não somente celas individuais, mas também celas para dois ocupantes. As janelas eram maiores que o tamanho habitual, e havia tábuas no assoalho. Foi-nos dito que aquela prisão estava reservada para prisioneiros políticos que tivessem problemas de disciplina e que o tratamento ali seria particularmente severo. Portanto, esperávamos receber um tratamento brutal. Todavia, os oficiais se mostraram mais humanos do que os de Sliven. Devem ter ignorado as ordens recebidas e dirigiam a prisão conforme eles mesmos queriam.

Estávamos localizados na ala norte. Nossas celas eram limpas e bem ventiladas, e tudo era completamente novo. Os únicos percevejos existentes eram os que tínhamos levado em nossa bagagem. (E eram abundantes!) Nossa cela fora construída para conter doze pessoas, mas ali havia apenas oito; portanto, pela primeira vez, desde que fôramos aprisionados, tínhamos um lugar confortável. Nossa ração de alimentos ainda consistia de meia fatia de pão diário, mas a sopa era simplesmente deliciosa. Embora nunca pudéssemos dizer que estávamos satisfeitos, pelo menos não padecíamos as dores da fome que experimentávamos em Sliven.

Alguns de meus colegas de prisão tinham sido oficiais de altas patentes. Um deles freqüentara uma escola americana, em Sofia, e sabia falar inglês muito bem. Outros podiam falar um pouco de inglês; por isso, todos os prisioneiros de nossa cela começaram a aprender inglês. Eu lhes ministrava como seu “pastor da prisão” e lhes ensinei um belo hino, que entoávamos em inglês, assim:

*Que comunhão, que gozo divino, descansando nos braços eternos,
Que bênção, que paz é a minha, descansando nos braços eternos.
Descansando, descansando, salvo e seguro de todo alarme,
Descansando, descansando, descansando nos braços eternos.*

Depois de um ano de horror, em Sofia e Sliven, a permanência em Kolarovgrad era um belo testemunho sobre a maravilhosa graça do Senhor. Era como uma vida nova, embora eu soubesse que teria pouca duração.

No mês de outubro, tivemos permissão de ver nossos queridos pela primeira e única vez naquele ano. Rute veio visitar-me com nosso filhinho Paulo, que estava na idade em que as crianças perdem seus dentes da frente. Logo percebi que Rute perdera muito peso. Ela me contou que naquele tempo trabalhava como faxineira no jornal *Trud* (“Trabalho”). Para minha surpresa, foi-me permitido segurar o pequeno Paulo nos braços, através da dupla grade de ferro que havia entre nós. A visita deles foi um tônico para mim.

Um presente de Deus

Pouco depois daquela visita, recebi pelo correio todas as minhas roupas de baixo e todas as minhas camisas. Fiquei muito perturbado. Quando isso acontecia com um homem, geralmente significava que a esposa dele havia morrido. Quando isso acontecia a um prisioneiro, ele ficava horrorizado. Não me era permitido escrever e receber mais de uma carta a cada três meses; portanto, não pude descobrir a situação de minha família. Durante três meses, eu não sabia se Rute estava viva ou morta. Sentia-me em terrível tormento. Se Rute estivesse morta, o que ocorreria a Paulo e Rode? Meus colegas de prisão tentavam consolar-me e convencer-me de que haveria outra razão, mas o meu desespero aumentava cada vez mais. A idéia de que não havia ninguém para cuidar de meus filhos, que ainda eram pequenos, quase me fez perder a cabeça.

Orei, pedindo graça, e deixei o assunto nas mãos do Senhor. Na manhã seguinte, ao levar o balde ao banheiro, um colega de prisão, chamado Dragan, veio até mim. Ele sussurrou: “Haralan, sua esposa e seus filhos foram para a Suécia”. Dragan trabalhava no escritório da prisão, estando em posição de saber das coisas que aconteciam fora da prisão; mas passara por grande risco ao contar-me aquela notícia dos acontecimentos exteriores. Ele não me diria mais do que aquela escassa informação. Demoraria algum tempo, até que eu descobrisse toda a história.

Parece que o tesoureiro do escritório, que não era comunista, conhecia o pastor que ministrava em Kolarovgrad. O pastor contou ao tesoureiro que Rute e as crianças tinham conseguido chegar com

segurança à Suécia; e lhe pedira que me desse a notícia. O tesoureiro não tinha permissão de entrar em contato com qualquer dos prisioneiros, por isso, ele transmitiu a mensagem a Dragan, cujo trabalho permitia contatos ocasionais conosco. Alguns dias depois desta notícia, recebi uma carta enviada por minha filha de doze anos, que dizia: “Com a ajuda de Deus chegamos à Suécia. Agora estamos em Estocolmo”.

Nunca, em minha vida, havia experimentado tão grande alegria! Minha esposa e meus filhos estavam livres, salvos de outras perseguições e da pobreza. O longo braço da Polícia Secreta não poderia alcançá-los na Suécia. O pesado fardo que deprime e mata a muitos prisioneiros — as preocupações e inquietações com seus familiares — tinha caído de meus ombros. Quanto agradei a Deus! Todo o bloco de celas se regozijou comigo. Até os prisioneiros que não eram cren-tes foram contaminados por minha alegria e deram graças a Deus comigo. Compartilharam da minha felicidade. Eu sabia que quase certamente nunca mais veria os meus queridos novamente, mas, pelo menos, eles estavam em segurança.

Não posso dizer o que isto significou para mim. Os anos seguintes, na prisão, foram muito mais fáceis de suportar. Eu não tinha mais temor dos comunistas. Eles tinham a mim, mas não podiam tocar em minha família! Rute, Paulo e Rode estavam livres. Tendo sido retirado de meus ombros aquele imenso fardo esmagador, resolvi expandir meu ministério pastoral na prisão. O que poderiam eles fazer contra mim? Minha esposa e meus filhos estavam livres. Poderiam torturar-me, mas não podiam atingir-me no único ponto realmente vulnerável — a esposa e os filhos! Intenso sofrimento e tortura estavam à minha frente, devido ao meu testemunho por Cristo, na prisão. Contudo, eu não era mais um prisioneiro. Certamente, havia muros e barras de ferro em redor de mim, mas ninguém podia tirar de mim a liberdade interior.

Posteriormente, soube que foi a intervenção do governo da Suécia em favor de minha esposa que lhes obteve a liberdade. Ela era uma cidadã sueca, casada com um cidadão búlgaro. Somente isso salvou Rute e nossas crianças.

Aquela notícia foi um marco decisivo para mim. Foi o maior

presente que Deus poderia dar-me. O último obstáculo — o temor de causar sofrimento a Rute e às crianças — fora afastado. Agora eu ensinaria, pregaria, testemunharia e trabalharia para Cristo em todas as prisões em que me colocassem. Eles tinham perdido o seu domínio sobre mim. Agora, tinham um Haralan Popov diferente!

Pouco depois de haver recebido aquela notícia maravilhosa, fui enviado a Persin, com quatrocentos outros prisioneiros. Persin era uma ilha-prisão no rio Danúbio; era uma prisão com trabalhos forçados.

Fomos postos em vagões tão apertados que tivemos de fazer a viagem inteira em pé. À noite, começamos nossa viagem para Belene, a estação ferroviária mais próxima da ilha. O oficial encarregado do transporte estava tão receoso da possibilidade de escaparmos, que insistiu em fechar até as janelas de ventilação dos vagões! Percorremos cerca de oitenta quilômetros naquela noite; depois, chegamos a um desvio no qual permanecemos até ao fim da tarde.

O dia estava muito quente — mais de 38 graus centígrados dentro do vagão repleto de pessoas. Homens entraram em pânico e batiam nos lados do vagão, implorando por ar e água; mas ninguém vinha ajudar-nos. Os homens começaram a perder os sentidos devido ao calor e à sede. Mas estávamos tão apinhados que, ao desmaiar um homem, ele não caía no chão. Não havia espaço. Ele ficava de pé, embora inconsciente. O calor deve ter subido a mais de quarenta graus centígrados naquela tarde — e todos dentro daquele vagão fechado e sem ar.

Finalmente, como resultado dos nossos gritos e batidas, o oficial permitiu que abrissem uma fresta das portas, para que nossas garrafas vazias fossem passadas para fora, a fim de serem enchidas com água. Percorremos cerca de mais cinquenta quilômetros naquela noite. No dia seguinte, repetiu-se a história. Ficamos parados em um desvio das sete da manhã às cinco da tarde, sob um tremendo calor, com sede e exaustos — sempre de pé.

No final do segundo dia, ficamos estacionados em um desvio a apenas dez quilômetros de Belene. Devido ao calor, outros prisioneiros perderam a consciência. Acontecendo isso, o oficial finalmente permitiu que as portas fossem abertas e que os homens inconscientes fossem levados e deitados na grama. Depois de haverem recebido respiração

artificial, recuperaram a consciência. Esse incidente levou o oficial a permitir que as portas ficassem abertas alguns centímetros, e, quando o sol se pôs, nossa viagem continuou.

Era noite, quando chegamos à estação de Belene; e por toda parte encontramos soldados armados. Apanhamos nossa bagagem e marchamos atravessando os campos até ao rio, escoltados pelos soldados. Curvados sob o peso de nossa bagagem, quase não agüentamos a caminhada; mas, os que caíam por terra, logo se levantavam novamente, para não serem pisados pelos que vinham marchando atrás.

Molhados de transpiração, finalmente chegamos ao edifício de administração da prisão, que era cercado por arame farpado. Ali entramos.



Persin - uma ilha de horror

“Achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (Apocalipse 1.9).

Belene é um vilarejo de oito mil habitantes, situado às margens do rio Danúbio, que constitui a fronteira norte entre a Bulgária e a Romênia. O edifício administrativo da prisão ficava exatamente na margem do rio. Muitos dos funcionários viviam ali. A quatrocentos metros de distância estava a ilha de Persin, que tem a forma de uma pêra, dez quilômetros de comprimento e três a quatro quilômetros e meio de largura. A ilha principal é flanqueada por duas ilhas menores: Sturez, que mede cerca de quatrocentos metros de um extremo a outro, acomodava uma prisão feminina em seu ponto mais largo; Berzina, a outra ilha, era a menor das três. A porção ocidental de Persin, bem como suas costas norte e sul, é mais alta que sua parte central, que continha várias lagoas. A parte mais alta da ilha fica na direção leste.

A colônia era dividida em cinco quartéis diferentes. O nosso ficava a quase mil e quinhentos metros do edifício administrativo. Os quartéis de aprisionamento eram baixos, feitos de galhos de salgueiro trançados e cobertos com uma grossa camada de argila. O teto era feito de ramos secos de girassol e palha. Cada quartel abrigava de quinhentos a setecentos prisioneiros, e todos os quartéis, exceto um, eram construídos sobre o solo. O outro ficava a três metros do solo.

A aproximadamente sete quilômetros de distância, em uma colina no extremo oriental da ilha, ficava o quartel número 2. O quartel número 3 ficava entre os dois primeiros, tinha celeiros e um pátio de fazenda. Os prisioneiros que gozavam da confiança das autoridades cuidavam das vacas e das ovelhas ali.

O quartel número 4 era o acampamento feminino, na ilha de Sturez. Ficava em terreno alto e era bem construído. No verão de 1952, viviam ali cerca de cento e cinquenta mulheres, que cuidavam de porcos. O quinto quartel ficava na vila de Belene e se destinava a prisioneiros criminosos.

Era noite, quando chegamos ao edifício da administração e entramos em grandes balsas, que foram rebocadas até à ilha-prisão, por um barco motorizado. No verão seguinte, foi construída uma ponte flutuante, que acelerou o transporte para a ilha-prisão.

Quando chegamos à ilha-prisão, nosso espírito se animou. Pela primeira vez, não havia guardas por detrás de nós, nem revólveres apontados para nossa cabeça. Sorvi o ar fresco da noite e elevei os olhos aos céus estrelados. Meus pensamentos retrocederam aos dias em que eu estava livre. Parecia outro mundo. Quando cheguei à cela, deitei-me no chão e dormi.

Nosso primeiro dia na ilha foi gasto em estabelecer-nos. Vimos que havia torres colocadas cerca de um quilômetro e meio umas das outras, por toda a ilha, onde havia guardas em vigilância. Uma faixa de cem metros de largura, ao longo da costa, indicava o território proibido, e todo aquele que fosse encontrado ali era imediatamente morto a tiros.

Não demoramos a descobrir que Persin era um campo de trabalhos extremamente duros. Dos seis mil prisioneiros que ali estavam, sobreviveram apenas *algumas centenas*. No dia seguinte, fomos divididos em batalhões de trabalhadores forçados. Era tempo da colheita, e aqueles que tinham chegado antes de nós já haviam feito o corte da forragem. Nossa tarefa era colhê-la e debulhá-la. Cada um de nós tinha de fazer a colheita de oitocentos metros quadrados por dia, embora poucos jamais tivessem feito qualquer trabalho de colheita em toda a sua vida.

No primeiro dia, eu fiquei exausto. Trabalhei durante quinze horas

sem descanso, mas, apesar disso, não pude cumprir minha cota. Após retomar ao nosso quartel, às nove horas da noite, tínhamos de ficar de pé, em atitude de atenção, enquanto o capataz nos repreendia por não termos completado o trabalho. A repreensão durava por mais duas horas. Tarde daquela noite, finalmente, fomos dormir, somente para sermos novamente despertados às três horas da madrugada, a fim de iniciarmos outro dia de trabalho. Trabalhávamos das três horas da madrugada às nove horas da noite — dezoito horas por dia. Cada músculo de meu corpo doía.

No pantanal, enxames de mosquitos incubavam durante o verão. Desciam sobre nós em nuvens negras e nos picavam como vespas. Os líderes da prisão não estavam satisfeitos, porque não completávamos a cota de produção, e ordenaram que nossa ração de alimentos fosse reduzida. Isso deu início a um círculo vicioso. Nossas rações alimentares reduzidas nos enfraqueciam mais e mais, fazendo com que colhêssemos menos. Então, como castigo, nossa ração alimentar era reduzida ainda mais. Muitos morreram ao meu redor, devido ao trabalho excessivo e à falta de alimento.

Era uma luta desesperada por trabalhar ou receber menos alimento. Menos alimento significava menos trabalho, que, por sua vez, implicava em menos alimento. Então, vinha a morte. Dividíamos nosso alimento com os que estavam moribundos, muitos, porém, continuavam morrendo. Havia guardas que andavam entre nós, no campo, espancando quem não estivesse trabalhando com bastante rapidez.

Uma noite, dois prisioneiros escaparam e conseguiram chegar à fronteira do mundo livre. Vários dias depois, mais dois escaparam; porém, foram apanhados perto da fronteira com a Grécia e trazidos de volta. A bravura daqueles quatro, entretanto, agravou a situação do resto dos prisioneiros.

Os guardas eram cruéis e nunca precisavam dar explicações às autoridades, se alguém fosse morto a tiros. A fim de assustar aos prisioneiros e impedi-los de escapar, simplesmente matavam um prisioneiro ao acaso. Nunca sabíamos quem seria o próximo. Apenas por impulso, um guarda escolhia um prisioneiro que trabalhava entre nós, aproximava-se dele, encostava o fuzil em sua cabeça e puxava o

gatilho. Isso aconteceu diversas vezes perto de mim e, em determinada ocasião, aconteceu com um querido amigo meu.

Certa vez, um guarda veio na minha direção e apontou seu fuzil para minha cabeça. Estava prestes a puxar o gatilho, quando outro guarda o chamou pelo nome, distraíndo-o. Ele se foi e não voltou.

Quando terminamos a debulha, várias semanas depois do tempo determinado, puseram-nos a cavoucar o campo. Ordenaram a cada prisioneiro que preparasse mil metros quadrados de terreno por dia, arrancando as ervas daninhas. Com um arado poderíamos tê-lo feito, mas era impossível atingirmos nossa cota de mil metros quadrados, trabalhando apenas com uma enxada. O calor do final do mês de julho secou o terreno e os poços, e a água para bebermos tornou-se escassa. O calor nos castigava impiedosamente.

Depois de acabarmos o trabalho nos campos de milho, começamos a trabalhar nos campos de girassol. O campo em que trabalhávamos ficava entre cinco a seis quilômetros de distância do quartel de aprisionamento; e a cada manhã e noite marchávamos essa distância, com guardas em ambos os lados. Visto que todo o trabalho na ilha era feito aquém do previsto, devido à miserável condição dos prisioneiros, o diretor da prisão alarmou-se e ordenou que o trabalho fosse apressado. Em vez de marcharmos até ao campo, recebemos ordens de corrermos por cinco ou seis quilômetros, tendo guardas a cavalo nos perseguindo e estalando longos chicotes de couro em nossas costas.

Cambaleávamos nos campos, exaustos demais para nos movermos. À noite, éramos perseguidos de volta até ao quartel pelos guardas montados a cavalo. Demonstravam grande satisfação em chicotear os prisioneiros cambaleantes e semimortos. E aí daquele que caísse! Os guardas se concentravam nele com chicotadas furiosas, até que tiras de carne lhe desciam das costas, rostos e braços.

Isso continuou até terminarmos a colheita dos girassóis. Foi uma colheita muito cara em termos de sofrimento humano! Isso nos mostra, uma vez mais, o pouco valor conferido à vida humana, quando os homens consideram a humanidade apenas como “matéria” sem alma.

Certo dia, durante nosso trabalho entre os girassóis, apareceu um pequeno coelho, saltando. Estávamos famintos e parecíamos

esqueletos. Pensávamos apenas em uma coisa: arrancar uma folha de grama para comer. E ali estava um coelho! Os prisioneiros cercaram-no, mataram-no e esconderam-no, para levá-lo de volta às celas, à noite. Estávamos sujeitos à “Dieta de Morte” e sob o regime de trabalho forçado.

À noite, três guardas vieram a cavalo até nossa área de trabalho e ordenaram que o homem que matara o coelho confessasse. Ninguém o fez. Quando o guarda percebeu que ninguém confessaria, ordenou que voltássemos às celas, correndo. Quando conseguimos passar pelos açoitos e chegamos à prisão, um informante deve ter dito ao capataz quem matara o coelho, pois o infeliz foi chamado. Ele tinha cerca de cinqüenta e cinco anos de idade e estava extremamente magro.

Começaram a espancá-lo violentamente com um bordão forte. Já vi — e fui vítima — de espancamentos terríveis, mas aquele pobre homem foi espancado tão horrivelmente, que não pude ficar olhando para ele ou ouvir os seus gritos. Seus gritos eram horrendos, penetrantes, quase incríveis. Enchia todo o espaço. Comparados com os gritos daquele homem, os clamores de uma mulher em trabalho de parto pareceriam um som agradável.

Ele foi espancado até que um de seus olhos saltou fora do rosto. Em minha vida, nunca vi um tratamento tão cruel e sem significado. Os guardas da prisão continuaram espancando o homem idoso, na cabeça, na virilha, nos braços, nas pernas e nas costas, até que ele ficou inconsciente. Não podíamos fazer nada, além de permanecer ali e tentar conter nossos sentimentos. Alguns prisioneiros choravam de ira e frustração. Tudo isso porque um homem faminto tentara conseguir um pouco mais de alimento.

Novamente, lembro a meus leitores: quando um homem vive sem Deus, não há limites para a sua depravação ou para as profundezas às quais ele descerá. Aqueles guardas desceram a escada da degeneração humana, degrau por degrau, até não haver mais humanidade ou gentileza neles. Esforcei-me para conter minha indignação, ao ver aquele espancamento tão brutal. Dizia a mim mesmo que aqueles guardas doentes mereciam que tivéssemos compaixão deles, mas confesso que aquela foi uma ocasião em que lutei para controlar os meus sentimentos.

Mensagem secreta em uma fotografia

Em meados de setembro, senti que simplesmente não agüentaria por muito tempo. Estava fraco, após o verão quente e o trabalho exaustivo. Também não havia recebido nenhuma carta ou pacote de alimentos de meus queridos, durante cerca de quatro meses. Pensei que alguma coisa devia ter-lhes acontecido.

Uma noite, disseram-me que chegara uma carta para mim. Vinha da Suécia e chegou no tempo certo de fortalecer-me. Havia várias fotografias de minha esposa e meus filhos, bem como uma fotografia da fachada do templo evangélico, em Londres, onde Rute e eu nos casamos, em 1937. Minha esposa e meus filhos tinham estado ali e tirado a fotografia. Na frente da igreja, havia as seguintes palavras: “A oração muda as coisas”.

Percebi que essa frase havia sido fotografada para assegurar-me de que havia amigos orando por mim. Era uma mensagem de Rute para mim. Os censores, que examinavam todas as cartas em busca de mensagens como essa, não tinham percebido o sentido das palavras na fotografia!

Rute mostrou-se muito esperta ao mandar-me tal mensagem. Senti-me ainda mais grato a Deus por aquela carta do que teria me sentido, caso recebesse um pacote de alimentos, embora estivesse faminto. Com muita freqüência, estas palavras: “A oração muda as coisas”, são repetidas mecanicamente. Mas elas tiveram profundo significado para mim naquela ilha de horrores. A cada dia, eu percebia como a mão do Senhor me protegia. Assim, quando recebi a carta de Rute, meu espírito se reanimou. A oração realmente muda as coisas!

A frase escrita na fachada do templo — “A oração muda as coisas” — era exatamente a mensagem de que eu precisava. Durante o verão, muitos prisioneiros foram mortos em Persin. Dois foram mortos a tiros, por se terem aventurado a entrar em território proibido. Um jovem foi alvejado numa perna, estando a menos de um metro e meio de mim. Um dia, quando retornávamos dos campos, ele parou para apanhar uma espiga de milho. Ele caiu de joelhos, implorando ao guarda que o deixasse viver, mas o guarda aproximou-se dele e lhe

atravessou o crânio com uma bala, antes que eu pudesse interceder por ele.

Em outra ocasião, um bom amigo meu pensou que ninguém estivesse olhando. Ele se abaixou para pegar uma folha de grama e a jogou na boca. Um tiro se fez ouvir, e ele ficou caído a meus pés com um imenso e escancarado buraco na cabeça. Não havia razão, nem explicação para tais assassinatos.

Com a aproximação do inverno, fomos transferidos para trabalhar na construção de um aterro que deveria circundar a ilha e protegê-la de inundações. Deveria ter seis metros de altura e trinta metros de espessura, na base. O local onde tínhamos de trabalhar estava a seis quilômetros da prisão, e fomos novamente obrigados a correr aquela distância tendo os guardas a cavalo a perseguir-nos e açoitar-nos. E tudo isso era feito em regime de fome.

A terra para o aterro era transportada em rústicos carrinhos de mão, extraída dos pastos próximos. O trabalho mínimo diário que cada homem era ordenado a fazer consistia em transportar de um a dois metros cúbicos de terra. Muitos desmaiavam sob o tremendo esforço e eram levados de volta à prisão, nas costas dos companheiros ou nos carrinhos de mão. Mas, às vezes, nos sentíamos fracos demais para levar aqueles que haviam caído, e os guardas os deixavam ali até que morressem.

Certo prisioneiro que, por meu ministério, recebera a Cristo na prisão caiu no chão. Esforcei-me por levá-lo nas costas até a prisão. Contudo, o peso era demais para mim. Consegui levá-lo por curta distância, até que não consegui mais. Ninguém podia ajudar-me. Todos estavam igualmente à beira da morte. Meu amigo e irmão em Cristo morreu onde ficou deitado. Se ao menos eu tivesse podido carregá-lo. Penso sobre isso até hoje.

O encarceramento criava profundas amizades entre os prisioneiros, os quais compartilhavam dos mesmos intensos sofrimentos. As melhores atitudes transpareciam em muitos homens, especialmente nos crentes. Havia grande simpatia, interesse e preocupação de uns para com os outros. Por exemplo, era comum ver um prisioneiro, cujo maxilar inferior fora partido por algum guarda, ser cuidadosamente alimentado por um colega, que partia o pão em pedacinhos extrema-

mente pequenos, a fim de que o outro pudesse engoli-lo com mais facilidade. Sim, a prisão fazia surgir as melhores atitudes na maioria dos homens, e havia forte “fraternidade”. No caso dos prisioneiros crentes, isso era ainda mais evidente.

A natureza corrompida do homem sem Deus não tem mudado. Havia pessoas assim quando as pirâmides do Egito foram construídas, quando Israel esteve em cativeiro na Babilônia, bem como na época do iluminismo. Havia homens assim em Buchenwald, na Sibéria e em Persin. Durante todo aquele verão quente e seco, qualquer dentre nós que se abaixasse para apanhar uma folha de grama, ou de alface, ou qualquer coisa para comer ou mastigar, esse homem era imediatamente alvejado sem advertência. Muitos de nós, porém, se arriscavam para continuar vivendo.

O verão terminou, e não chovera uma única vez. Então, começaram as chuvas contínuas; a ilha tornou-se um mar de lama pegajosa. Andar com os sapatos de borracha caseiros, que eram abertos e baixos, tornou-se pior do que antes. Costurávamos e emendávamos nossas roupas rasgadas, para nos protegermos do inverno que se aproximava.

As chuvas continuaram até que o rio Danúbio, que secara durante o verão, atingiu novamente o seu nível normal. Os lagos e as lagoas se encheram outra vez, e o caminho para nossos campos de trabalho ficou quase intransitável.

Nesse tempo, as autoridades búlgaras, agindo de conformidade com uma idéia obtida dos russos, resolveram que cercas contra a neve deveriam ser erigidas em toda a região. Recebemos ordem de tecer as cercas com galhos. O propósito deles era impedir que a neve se espalhasse e molhasse os campos.

As chuvas torrenciais continuavam a derramar-se, enquanto trabalhávamos. Nossos trapos se encharcavam com rapidez. Quase toda a ilha estava tomada pela água. Em um mês, a profundidade do rio aumentou de noventa centímetros para dois metros e setenta centímetros.

Agora nossa prisão estava atolada em uma gigantesca poça de lama, com oitenta centímetros de profundidade. Durante semanas, vivemos nas águas geladas do rio.

Certo dia, no final de novembro, uma neve rala, misturada com a chuva, começou a cair. E, quando anoiteceu, o terreno que não estava coberto de água estava coberto de neve. No dia seguinte, o cobertor de neve estava mais pesado. Nossas roupas molhadas congelaram. A temperatura caiu para seis graus abaixo de zero, mas, apesar disso, tínhamos de trabalhar na construção das cercas contra a neve.

O Danúbio continuava a subir, e muitos acres de alho-porro ainda tinham de ser trazidos. Molhados, por vivermos na água, e com as roupas congeladas, cavávamos os alhos-porros entre a neve, com as mãos desnudas, ou os puxávamos de dentro da água gelada, dependendo das condições atmosféricas. À noite, a água congelava, mas os alhos-porros tinham de ser recolhidos. Por isso, quebrávamos o gelo com as mãos e continuávamos trabalhando. Vários prisioneiros morreram de pneumonia naqueles meses.

“Estou atolado em profundo lamaçal, que não dá pé; estou nas profundezas das águas, e a corrente me submerge” (Salmos 69.2).

O Danúbio continuou a elevar-se em todo o mês de dezembro, ameaçando inundar toda a ilha-prisão, com vários milhares de prisioneiros. Os oficiais da prisão estavam bastante alarmados quanto à segurança dos animais da fazenda.

Foram tomadas as precauções para evacuar os animais, caso as águas do rio continuassem a subir. Mas nós, os prisioneiros, não deveríamos ser evacuados sob quaisquer circunstâncias. Éramos menos importantes do que os animais! Isto parece incrível, porém vimos os preparativos para sermos deixados e os animais e os guardas serem retirados. Afinal de contas, a chegada da inundação não seria “culpa” deles, e prisioneiros a Bulgária tinha em abundância.

Na ilha menor, Sturez, uma torre de aço estava sendo construída como parte de um projeto de eletrificação. Os alicerces já tinham sido cavados e o concreto já havia sido lançado. Se fosse invadida pelas águas, a torre se tornaria perigosa. Por isso, cinquenta prisioneiros, entre os quais eu mesmo, foram levados à ilha para lançar mais concreto nos alicerces da torre. Trabalhávamos em três turnos, enquanto bombas impediam que a água enchesse o buraco.

Visto que o trabalho era urgente, o chefe dos guardas mandara dois policiais arranjam pão para nós na vila. Isso era um reconheci-

mento do estado de semi-inanição em que éramos mantidos. Quando eles tinham algum projeto urgente, que deveria ser feito imediatamente, como nesse caso, recebíamos rações extras de pão. Essa foi a única coisa boa na elevação das águas do rio. Surgiram tantas emergências, que eles passaram a dar-nos duas fatias extras de pão todos os dias! Orávamos, pedindo mais “emergências”.



A véspera de Natal

No outro lado da ilha, a enchente arrancara postes de madeira. As águas subiam ameaçadoramente, cada vez mais. E fomos mandados a cavar novos buracos e colocar novamente os postes na vertical. Era 24 de dezembro. Trabalhávamos em águas geladas, que subiam com rapidez, mergulhados até à cintura, a fim de resgatar os postes flutuantes e colocá-los em uma balsa.

Depois de carregar uma balsa, subi a bordo e comecei a impeli-la, usando uma vara, de volta à praia. Achava-me no meio do rio inundado, quando, subitamente, a balsa se partiu debaixo de mim, lançando-me nas águas congelantes. Eu estava a oitocentos metros da margem e fora apanhado pelas águas furiosas e transbordantes do rio. Usava um casaco pesado, botas e estava tão congelado que não podia mover-me. Fui arrastado correnteza abaixo e, por diversas vezes, afundei. Todavia, de um modo ou de outro, conseguia vir à tona novamente. Estava congelado devido às águas extremamente frias; as botas me puxavam para baixo, e a correnteza me arrastava rapidamente.

Não havia qualquer recurso humano para livrar-me daquela situação. A morte era certa. Meus braços, pernas e todo o corpo estavam dormentes por causa da água gelada. A correnteza rápida, as pesadas botas e o casaco me fizeram afundar diversas vezes, levando-me para baixo. Contudo, eu lutava para flutuar, e, em seguida, afundava

novamente. Minhas forças haviam se esgotado completamente. Deixei de lutar. A morte já me alcançara com seu braço.

Com um suspiro final, clamei: “Senhor, ajuda-me”. Repentinamente, senti um ímpeto de forças no corpo exausto e congelado. Comecei a nadar em direção à praia, com braçadas vigorosas. Por incrível que pareça, fui capaz de empurrar-me até à praia, com as pesadas e encharcadas botas e tudo. Verdadeiramente, eram forças vindas de Deus, pois as minhas haviam se esgotado. Um nadador vigoroso teria encontrado grande dificuldade para sair daquela situação, quanto mais eu, nas condições em que estava.

Contudo, eu percebia que estava fazendo progresso. Disse repetidas vezes: “Obrigado, Senhor!” Mais tarde, lembrei-me daquele lindo hino:

*Embora, às vezes, Ele nos guie por águas profundas,
E que provas nos encontrem no caminho;
Embora, às vezes, a senda pareça difícil e íngreme,
Vemos as pisadas dEle em todo o caminho.*

Aqueles que, da praia, viram esse acontecimento já me haviam considerado morto e voltado ao seu trabalho. Afinal de contas, a vida era tão barata, que um prisioneiro a mais ou a menos, nada significava. Tínhamos visto tantos morrerem, que a morte era algo normal.

Esforcei-me para chegar cada vez mais perto da praia! Finalmente, pude vê-la e percebi duas figuras vestidas de preto. Eram freiras. Naquele tempo, um julgamento contra padres e freiras católicos tinha sido concluído. Eles também foram condenados por espionagem. Mais de cinquenta padres e freiras tinham sido sentenciados ao aprisionamento; dois bispos e dois padres, executados. As duas freiras que estavam diante de mim andavam com dificuldade na lama, à beira do rio, enquanto uma guarda lhes ordenava que continuassem avançando. A guarda chutou brutalmente uma das freiras, fazendo-a cair desamparadamente sobre a lama mole e pegajosa. Ela se levantou com muita dificuldade.

O vilarejo de Belene ficava cerca de dois quilômetros e meio distante de nós. Era Natal. Os sinos da igreja começaram a retinir

com os toques jubilosos do Natal. No momento em que os sinos começaram a retinir, as duas freiras, à beira do rio, se debatiam e afundavam na lama, sem ninguém para ajudá-las. E eu, um pastor evangélico, acabara de usar minhas últimas forças para nadar até à praia e cair exausto. Os sinos pareciam dizer: “Deus nasceu em forma humana. Deus se revelou por meio de seu Filho”.

Nunca me esquecerei daquele Natal. Eu estava deitado e exausto, e as duas freiras afundavam cada vez mais na lama. Paramos nossa luta e começamos a ouvir. Estava escuro, e o frio era intenso. Eu era quase que um bloco sólido de gelo. Os sinos podiam ser ouvidos debilmente à distância, anunciando a mensagem do nascimento do Salvador.

Lágrimas rolaram em meu rosto, enquanto eu permanecia deitado. Mas eram lágrimas de alegria, porque eu não morrera afogado; embora também fossem lágrimas de tristeza, porque nem as freiras, nem eu estávamos ali por causa de crimes que havíamos cometido. Estávamos ali por causa de Cristo — Aquele que nascera em um estábulo, em uma noite tão distante.

Pensei nos mártires do passado: as mães cujos filhos Herodes assassinara; os santos apedrejados até à morte; os milhares executados na fogueira, amarrados em estacas; os milhares lançados aos leões. A história da Igreja está manchada com o sangue de milhares de mártires cristãos, porque haviam crido no Filho de Deus, em honra de quem os sinos agora retiniam. Esses mártires não eram fanáticos cegos, e sim homens e mulheres que possuíam uma fé que durava até à morte. A fé que vence a morte desconhece o medo. Em lugar do medo, surge a alegria e o cântico! Mártires! Eu revivi o passado, enquanto os sinos tocavam! Olhei para as freiras. Lágrimas também rolavam pelo rosto delas. Choramos juntos. Não proferimos uma palavra sequer, mas nos entendemos mutuamente.

Quando os sinos cessaram, a realidade presente retornou impetuosamente, mas a voz de Deus se fez ouvir em meu coração: “Isso eles têm feito contra meus filhos em todos os séculos; e isso estão fazendo convosco por minha causa”.

Dias de Natal na prisão

Aquele Natal e doze outros chegaram e se passaram em celas frias. Quando eu estava em prisão solitária, no Natal, passava o dia pensando em Rute, Paulo e Rode, imaginando o que estariam eles fazendo e se estavam bem. Nunca me dei ao luxo de pensar que chegaria a vê-los novamente. Há muito tempo, eu abandonara toda esperança de estar novamente na companhia deles. Portanto, naqueles treze dias de Natal, estando eu em alguma cela, juntamente com outros, ou em prisão solitária, nunca pensei em vê-los de novo. Isso era suficiente para enlouquecer um homem; e muitos, realmente, enlouqueceram.

Em determinado Natal, estando eu na solitária, dediquei-me a fazer para mim mesmo “cartões de Natal” com pedaços de papel. Eu sabia perfeitamente que nunca receberia um cartão de Natal do comandante da prisão!

Fiz um cartão em que escrevi: “De Rute”; outro: “De Rode”; outro: “De Paulo”. Fiquei deitado na cela naquele Natal, contemplando aqueles belos cartões de Natal enviados “de casa”. E disse a mim mesmo, em voz alta: “Feliz Natal, Haralan”. Abriu-se a portinhola, e o guarda olhou para dentro da solitária. Ele deve ter pensado que eu enlouquecera e estava falando sozinho.

Quando a portinhola se fechou, lágrimas irromperam de meus olhos, devido ao completo desespero que sentia com a falta dos meus familiares, novamente. Mas logo consegui controlar-me. “Haralan, você tem de parar com isso!”, ralhei comigo mesmo.

Em outros dias de Natal, passei o tempo procurando animar o espírito de meus companheiros de prisão. Aquele era sempre o pior dia do ano para todos. Homens que se mostravam animados e fortes, durante todo o ano, ficavam abatidos e em profundo desespero, no dia de Natal.

Após três ou quatro épocas natalinas, passei a servir aos meus colegas como pastor de prisão, nestas datas. Tentava ajudá-los a enfrentar suas crises espirituais, as quais se mostravam especialmente agudas naqueles dias.

Os principais quartéis de Persin eram edificados diretamente sobre o solo, mas as águas do rio ainda não tinham chegado até eles, porque estavam protegidos pelo muro de contenção que tínhamos construído ao preço de vidas humanas, durante o verão. Também tínhamos levantado um dique com trinta metros de comprimento, doze metros de largura e dois metros de altura; em cima desse dique tínhamos erguido dois barracões. Certa noite, fomos despertados com gritos. Alguém gritava fortemente: “O rio rompeu o muro de contenção! Corram para não morrerem!”

Quando saímos correndo dos quartéis para o pátio, a água já estava da altura de nossa cintura e subia rapidamente. De três a quatro mil homens se esforçavam para cruzar as águas salobras e geladas, a fim de chegar aos barracões construídos sobre o dique, para abrigar apenas cento e vinte homens! Ficamos ali tão apinhados que quase não podíamos nos movimentar, quase abraçados. Estávamos ali sem a presença dos guardas, porque nos tinham abandonado, e estavam em terreno mais elevado, do outro lado da ilha. As águas subiam cada vez mais.

Não houve qualquer tentativa de resgatar-nos. Se as águas continuassem a subir, pelo menos algumas centenas de homens morreriam, porque estavam debilitados demais para nadar. Orei e pedi aos outros crentes, entre os prisioneiros, que orassem comigo. Finalmente, as águas pararam de subir e compreendemos que estávamos salvos. Agradei a Deus por isso.

Uma vez que não havia guardas presentes, os informantes e membros da “Sociedade Cultural” ficaram sem proteção. Os prisioneiros que não eram crentes e que tinham sofrido por causa dos informantes acharam uma oportunidade para se vingarem. O que aconteceu em seguida foi brutal. Durante a noite inteira, longe da vista dos guardas, o espancamento dos informantes continuou; e, quando amanheceu, muitos estavam feridos e sangravam. Eu procurara fazer os prisioneiros furiosos pararem, mas sua ira contra aqueles que os tinham traído estava fora de controle. Fui empurrado violentamente para um lado e me disseram: “Pastor, fique fora disso!”

Finalmente, quando as águas retrocederam e havia segurança, os guardas e o diretor da prisão retornaram. Quando o diretor soube

o que havia acontecido, gritou improperios, ficou bravo e jurou que se vingaria. E, visto que ninguém quis confessar que tinha tomado parte no espancamento dos informantes, o diretor da prisão selecionou aleatoriamente catorze dentre os homens, para serem vítimas de sua ira.

Aqueles infelizes foram colocados em uma plataforma flutuante, levados a remo até ao meio do rio e ancorados ali, encalhados no meio do rio. Fazia um frio cortante. Os homens usavam apenas as roupas simples da prisão. Foram deixados sem alimentos e tinham somente a água do rio para beber. Um guarda ficou de sentinela à beira do rio, no qual foram deixados por duas semanas inteiras, sob o frio e sofrimento terríveis. No segundo dia, houve um vento forte e penetrante, e a temperatura caiu para vários graus abaixo de zero. Os catorze homens batiam os pés, saltitavam e pulavam o quanto podiam para manter a circulação sangüínea. No quinto dia, o diretor da prisão tomou um barco a motor e deu voltas em torno da plataforma flutuante, onde estavam os catorze homens congelados, que já se encontravam moribundos, e começou a zombar deles com a linguagem mais vil que se possa imaginar.

Os restantes de nós também tivemos de sofrer por causa dos homens que espancaram os informantes. Todos recebemos ordem de ir até à beira do rio e, à ponta de baioneta, fomos forçados a permanecer ali durante dez dias, expostos ao frio abaixo de zero e aos ventos impetuosos que movimentavam o rio, sem qualquer coisa para comermos ou bebermos e sem possibilidade de nos deitarmos. Fazia tanto frio que até o rio Danúbio, cheio e rápido como estava, começou a congelar em sua superfície. Foi uma cena horrível, semelhante a um pesadelo.

Ao meu redor, os homens tentavam pateticamente aquecer-se. Alguém gritou: “Fiquem pulando! Isso os manterá aquecidos” Muitos começaram a pular, no esforço desesperado de lutar contra o frio mortífero. A meu lado, um homem mais idoso começou a pular. Adverti-o que não gastasse suas energias daquela maneira. Ele continuou e, no dia seguinte, caiu aos meus pés. Procurei ajudá-lo, mas morreu em meus braços. O seu corpo permaneceu congelado a meus pés, por diversos dias, antes dos guardas virem levá-lo.

Durante a confusão da inundação, um jovem prisioneiro conseguiu fugir em um barco e remou até à ilha principal, sem ser visto. Caminhou cerca de trinta e cinco quilômetros até à cidade de Levski, antes de ser apanhado e trazido de volta a Persin. Como castigo por haver escapado, o jovem prisioneiro foi trancado na pequena cozinha de um dos quartéis; a cozinha era tão fria que o gelo lhe cobria as paredes até à metade. Quando o jovem prisioneiro teve permissão para sair, vários dias depois, estava tão congelado que andava com grande dificuldade. Congelara quase à morte, e ambos os pés, por estarem congelados, tiveram de ser amputados.

Finalmente, após duas semanas, os catorze homens que estavam na plataforma flutuante foram trazidos de volta aos quartéis. Seus pés estavam congelados, e eles tinham visíveis manchas negras na pele. Um dos homens teve amputados os dedos dos pés, que estavam congelados. E nós tivemos permissão de voltar aos quartéis, após dez dias, na praia gelada do rio.

Trabalho escravo em Persin

A inundação levou grande número dos animais da fazenda. Isso deixou realmente aflito o diretor da prisão. Também demonstrou que a única maneira de evitar pôr em risco os prisioneiros e os animais era elevar o nível do terreno da ilha. Assim, recebemos ordem de transportar areia e pedras em carrinhos de mão para a área que teria de ser elevada. Tremendo de frio e famintos, mandaram-nos cavar quatro metros cúbicos diários de terra gelada, transportando-a por cem metros até ao novo local.

Depois de terminarmos o trabalho de elevar o nível do terreno, recebemos a tarefa de serrar madeira, na ilha Barzina, ao norte de Persin. Barzina tem aproximadamente seis quilômetros e meio de comprimento e duzentos a trezentos metros de largura. As árvores ali existentes são incrivelmente grossas e altas. A cada manhã levávamos nossa plataforma flutuante à beira do rio, e a cada noite nós a trazíamos de volta ao terreno elevado, juntamente com os troncos de árvore que havíamos cortado!

Depois de chegarmos em terra, tínhamos de levar os troncos

sobre as costas e os ombros por um quilômetro e meio ou mais, até ao local da construção. Eram necessários cerca de vinte homens, debilitados pela fome, para levar os troncos, que tinham entre treze e dezoito metros de comprimento e até sessenta centímetros de diâmetro. Muitas vezes, caí sob o terrível peso dos troncos. Os homens, moribundos, amaldiçoavam — e outros oravam. Eu pensava: *quanta tolice! Se os comunistas, querem trabalho, deveriam alimentar os prisioneiros. Então, cada homem lhes renderia muito mais trabalho.* Mas parece que eles nunca pensavam sobre isso.

A neve pesada começou a cair, e Persin entrou no silêncio congelante, forte e branquíssimo, do inverno. Somente figuras encurvadas e escuras podiam ser vistas a se movimentarem com grande dor, sob o tremendo peso das árvores derrubadas. Aqueles que entravam em colapso, ficavam onde caíam, com seus corpos tornando-se escuros e congelados como pedra. E, quando os corpos eram finalmente removidos, seus braços e pernas permaneciam congelados na forma grotesca em que tinham caído. Nós, os vivos, invejávamos aqueles que tinham assim escapado.

Finalmente, chegou a primavera, reavivando o nosso espírito. Urtigas e outras verduras comestíveis começaram a aparecer através da neve, nas florestas. Também comíamos rãs, cobras, tartarugas e ratos do campo. Nunca esquecerei o gosto dos ratos do campo. A carne de rato é estranha, agri-doce e muito entremeada de tendões. Porém, vivíamos tão esfomeados, que os ratos eram um banquete.

Laços de morte me cercaram, e angústias do inferno se apoderaram de mim; caí em tribulação e tristeza. Então, invoquei o nome do SENHOR: ó SENHOR, livra-me a alma. (Salmos 116.3-4)

Em 5 de março de 1953, durante a inspeção, notamos que os guardas usavam tiras negras na lapela de seus casacos. O chefe dos quartéis anunciou, com voz trêmula, que o camarada Stalin falecera. Todos os guardas e os membros da Sociedade Cultural andavam ao redor com expressão de pesar. Para a maioria dos prisioneiros, entretanto, a morte de Stalin era motivo de júbilo. Procurávamos ocultar

nossos sentimentos, mas os informantes sabiam praticamente de tudo, e os guardas se voltaram contra aqueles que trocaram aperto de mãos ou que não pareceram suficientemente tristes durante o anúncio do falecimento. Muitos homens foram cruelmente espancados naquela noite, porque não tinham parecido bastante tristes.

Um homem idoso, que fora condenado à prisão perpétua, riu-se ao ouvir a notícia e gargalhou loucamente por todo o tempo em que foi violentamente espancado, mais tarde.

Após a morte de Stalin, os guardas ficaram mais severos. A razão disso era a insegurança deles. Stalin fora mais do que um líder para eles; parecia-lhes um ser superior, a quem adoravam. Mas agora que seu deus morrera, suas emoções de ira e temor tinham de ser expressas de alguma maneira. Estávamos convenientemente ao alcance deles, pelo que também fomos suas vítimas. Nós, os prisioneiros, recebíamos a culpa de todos os erros, como se tivéssemos provocado a morte de Stalin.

Nesta altura, devo dizer que descobri haver no mundo livre o sentimento de que, certamente, as coisas foram péssimas sob o domínio de Stalin, conforme confessou o próprio Khrushchev, mas que tinham melhorado depois de Stalin. Essa impressão é totalmente equivocada. As punições e o sofrimento tornaram-se menos constantes por algum tempo, mas depois, mais sagazes, sutis e perigosos. Logo experimentamos isso.

Hoje, nos países comunistas, milhões de pessoas sofrem tanto quanto nós sofremos; a diferença está apenas no fato de que as torturas são mais sutis. Os filhos são tirados da companhia de pais crentes por toda a vida. Isto não é uma tortura? No mundo comunista de hoje, os crentes são torturados e encarcerados. Verdadeiros líderes evangélicos morrem nas prisões, de “causas naturais”. Em muitos países comunistas, o sofrimento, em geral, é pior hoje do que na época de Stalin.

Na câmara de morte

Nossa tortura assemelhou-se a um pêndulo. Pendia-se para menos perseguição severa por algum tempo; depois, tornava-se feroz.

Cem prisioneiros foram escolhidos, incluindo eu mesmo, para formarem uma “brigada de punição”, e fomos colocados em celas especiais. A cada dia, a punição era mais severa. Certo dia, recebemos ordens de apresentar todos os nossos pertences. Estes foram revistados, e todo o alimento foi dado aos ciganos que estavam em outro quartel. Até a ração diária de pão nos foi negada. Então, fomos postos em marcha até um armazém e ordenados a tirar nossas calças e sobretudos, recebendo, em lugar deles, roupas velhas e rasgadas. As calças eram tão apertadas que não conseguimos abotoá-las; tínhamos de segurá-las com uma das mãos. O propósito de tudo isso era destruir a última fagulha de nosso respeito próprio, porém marchamos orgulhosamente pelo pátio, com a cabeça bem erguida e as calças presas com uma das mãos.

Em 20 de abril, fomos trancados em uma sala e submetidos a uma dieta de fome de trezentos gramas de pão e algumas poucas colheres de sopa de feijão, da qual os feijões haviam sido retirados. Ali ficávamos assentados, dia e noite, sem nada para fazer e com alimento que mal dava para nos manter vivos. Logo ficou claro que queriam nos matar de fome. O tempo era nosso mais temível inimigo.

O relógio parou.

Ficávamos sentados e completamente quietos. O silêncio era interrompido somente pela respiração ofegante de homens condenados. Éramos deixados totalmente sozinhos, sem alimentos e com pouca água. Passou-se a primeira semana... e a segunda. Subitamente, ouvíamos um ruído, e todas as cabeças enfraquecidas se voltavam naquela direção. Percebo que o uso freqüente do vocábulo “subitamente” talvez pareça monótono, mas não posso evitá-lo. Embora seja um vocábulo inadequado, descreve bem a situação.

No mundo úmido e na estagnação de nosso sepulcro, os guardas, de vez em quando, invadiam *subitamente* a cela, para lembrar-nos de que, diferentemente dos mortos normais, podíamos ser atormentados muitas vezes, física e mentalmente, de forma sutil e brutal, sozinhos ou juntos, durante o dia ou à noite.

Talvez o sofrimento físico, a falta de alimentos, água e ar puro tenham obscurecido nossa consciência durante todas aquelas longas semanas, mas pareceu que o mundo havia parado, enquanto estava-

mos literalmente assentados à espera da morte.

Finalmente, em 8 de maio, nós, a “brigada de punição”, tivemos de ser transferidos para o quartel número 2, enquanto os prisioneiros do campo de concentração tomaram nosso lugar no quartel número 1. Separados do corpo principal de prisioneiros, marchamos por mais de seis quilômetros até ao conjunto de barracas número 2, com uma escolta de guardas a cavalo, que nos perseguiam, conforme era habitual, com longos açoites de couro.

Senti que um objeto escuro se aproximava de um dos lados de meu rosto, e a ponta de um longo açoite me cortou o rosto, deixando um fio de sangue. “Mais rápido! Mais rápido!”, gritavam os guardas montados em seus cavalos. Lembrei-me de Jesus sendo açoitado e, em um momento de pensamento lúcido, respirando com muita dificuldade, orei: “Senhor, ajuda-me a suportar tudo por causa do teu nome!” Corri durante duas horas, tropeçando e caindo, enquanto o chicote cortante e negro atravessava a roupa de prisioneiro e a carne como uma faca na manteiga. Após duas horas, a fatigada e escorraçada “brigada de punição”, comigo na retaguarda, chegou às celas, onde caímos no chão exaustos e sangrentos.

O quartel número 2 ficava bem acima das águas elevadas do rio Danúbio e era circundado por arame farpado. Nos lados leste e oeste, havia torres altas, com vigias dia e noite. Perto do portão de entrada, vi uma frase que, em tradução livre, dizia: “O homem é algo de que podemos nos orgulhar” — uma citação de Máximo Gorki.

Fiquei chocado com a ironia daquela citação, em uma prisão comunista, onde milhares de homens eram tratados como animais. Mas as palavras, em si mesmas, contêm uma verdade. A Palavra de Deus nos ensina que o homem é a coroa da criação. Na face da terra, não existe nada maior do que o homem. É estranho que essas pessoas, que se recusam a receber o Criador e que não consideram o homem como valioso, tenham escrito aquelas palavras na parede.

O portão se abriu, e fomos admitidos. Quando olhamos para trás, vimos outra citação de Máximo Gorki: “Se o inimigo não se render, terá de ser aniquilado”.

Pensei sobre a contradição entre as duas frases, que refletiam quão desordenada era a mente do escritor. Deste modo, podemos

perceber o abismo que existe entre o comunismo em teoria e o comunismo na prática. A primeira das citações mostrava o comunismo em teoria, em seu esforço de criar um paraíso terreno. Mas a segunda frase refletia a dura realidade. Por um lado, o homem é algo de que nos podemos orgulhar; por outro lado, é um inimigo que precisa ser aniquilado!

Esta é a diferença entre o comunismo em teoria e o comunismo na prática. Dentro de vários minutos, quatro ou cinco mil homens tinham sido reunidos dentro do terreno fechado por arame farpado. Éramos chamados inimigos, porque não nos tínhamos rendido, nem permitido que os ideais comunistas triunfassem sobre nossa mente e nosso coração. O comunismo exige total conformidade e subserviência. Tínhamos nos recusado a nos conformar com ele e éramos reputados os mais vis adversários. De acordo com as palavras naquele muro, anteriormente éramos homens de quem se podia orgulhar. Na realidade, a citação é um bom argumento contrário ao comunismo. Ficamos tristes porque somente nós, os inimigos do comunismo, podíamos ler aquelas palavras.

Após vários dias, descobrimos que prisioneiros de outras brigadas estavam cavando um buraco profundo perto de nosso quartel. Observávamos curiosamente o progresso do buraco, que se tornava largo e fundo. Não tínhamos qualquer idéia sobre o propósito daquele buraco.

Terminada a escavação, um grupo de operários começou a trabalhar no buraco, sob a orientação de um ex-empregado de construções. Então, correu a notícia, por meio das conversas sigilosas dos prisioneiros, de que aquela era uma cova especial de punição, preparada para acomodar a brigada de punição — nós!

Olhando para a medonha escavação, implorei a Deus forças especiais. Eu nem imaginava que haveria de passar os próximos nove meses naquela cova quase sem ar, compacta de homens famintos, lutando até pelo ar para respirar. A despeito de tudo quanto eu já tinha visto e experimentado da desumanidade do homem contra o homem, ainda me surpreenderia com o gênio criativo e satânico do homem em descobrir novas maneiras de torturar seus semelhantes.

Quando prego a salvação hoje, eu o faço com um novo fervor.

Durante treze anos, vi todos os dias quão profundamente os homens podem descer, se estiverem sem Deus. O homem tem a capacidade de atingir grandes alturas espirituais, mas também de descer aos níveis mais baixos e vis. Nenhum animal tem este “alcance”. Somente o homem.

Nove meses na cova

E, tomando-o, o lançaram na cisterna, vazia, sem água. (Gênesis 37.24)

A cova era um imenso buraco no chão e tinha cerca de três metros de profundidade. Os lados estavam escorados com tábuas pesadas para impedir desmoronamento, e o teto era feito de grossas vigas de madeira que se estendiam de um lado a outro da cavidade. Entre as vigas, havia pranchas de madeira com as minúsculas fendas recobertas de barro. Era hermética. Evidentemente, não havia janelas, nem mesmo ventilação.

A “porta” era um alçapão, com meio metro quadrado. Era a única entrada de ar. A cova estava dividida por vigas na vertical e barras de ferro, em duas partes, com uma passagem entre as duas partes. De um lado, havia celas individuais, de dois metros e setenta centímetros de comprimento por um metro e oitenta de largura. Do outro lado, havia uma sala espaçosa, de dezoito metros por três metros e sessenta. Depois que o local ficou pronto, fomos informados de que seríamos castigados de uma nova maneira. (As conversas sigilosas dos prisioneiros nos contaram tudo de antemão).

Nós éramos cem e fomos levados em fileira única e “descidos” através do alçapão até ao chão úmido e barrento da cova. De um lado da passagem, havia um barril com água para beber, e do outro lado, um barril que serviria de latrina para cem homens. O assoalho se constituía de uma camada de areia fria e úmida. Na cova, totalmente escura, quente e sem ar, logo tiramos todas as nossas roupas, exceto os calções, e ficamos deitados sobre a areia fria, respirando com grande dificuldade.

Ali, esperamos a morte. A única indicação do tempo era a refeição

da manhã e a da tarde, que consistia de nossa ração de pão e “sopa” aguada, sem qualquer feijão — em menor porção ainda do que antes.

O incidente do feijão

Certa vez, por acidente ou falta de cuidado, um único feijão foi deixado a flutuar na “sopa” de um dos homens. Que regozijo sentiu aquele homem em cuja tigela o feijão se achava! Você teria pensado que era um grande bife assado. Mas somente quem já esteve em uma prisão como aquela sabe o que significa a descoberta de um grão de feijão a flutuar em uma “sopa” rala. Todos nos regozijamos juntamente com ele por causa do feijão. Os homens que nada têm agarram qualquer palha.

Estávamos na primavera, e o calor acumulado da cova sem ar transformou-se em um forno sufocante, alimentado pelo ar parado e abafado, cheio do calor, transpiração e odor de cem corpos que se esforçavam por respirar, em uma luta mortal pelo próximo sorvo de ar.

Após alguns dias, vários dos prisioneiros mais idosos ficaram inconscientes. Batemos no alçapão para chamar a atenção, e, quando os guardas abriram o alçapão e desceram até ao amontoado de corpos agitados, encontraram dez prisioneiros inconscientes. Esses homens foram levados para fora, para serem reavivados. Mas, logo que voltaram a si, foram lançados de volta na cova. Eu estava deitado com o rosto enterrado profundamente na areia, tentando respirar o ar preso na areia frouxa.

No dia seguinte, tivemos de bater no alçapão por três vezes, quando nossos amigos perderam os sentidos no calor ou por causa da falta de oxigênio. Era claro que em breve todos morreriam, naquelas condições. Mas eles não queriam que “escapássemos” deles com muita facilidade, por meio da morte. Sempre queriam que morrêssemos ao jeito deles, e não ao nosso. Por isso, no dia seguinte, fomos removidos da cova e levados de volta às celas de punição, onde ficamos durante vários dias, enquanto alguns trabalhadores faziam buracos de ventilação no teto da masmorra. Parecíamos a “Legião de Mortos”.

Nossa breve folga terminou e fomos outra vez introduzidos na

cova, um por um. Embora agora houvesse um pouco mais de ar, continuávamos lutando por ar nos pulmões. E a cova se encheu novamente com o ruído de cem homens que anelavam por respiração.

Permanecemos ali, dia e noite, em todo o resto do mês de maio e durante o mês de junho, em completa escuridão. Todos havíamos perdido peso e parecíamos esqueletos pálidos, nessa altura dos acontecimentos.

Mas a nossa mão-de-obra era necessária. No começo julho, fomos tirados da masmorra a cada manhã e postos para trabalhar, enchendo de entulho uma pequena lagoa. Quando os outros prisioneiros nos viram emergindo da cova como se fôssemos toupeiras doentes, ficaram horrorizados com a nossa aparência. E, visto que eles mesmos estavam em péssimo estado, devemos ter parecido horrorosos. Estávamos tão fracos que podíamos apenas colocar poucas pás de entulho nos carrinhos de mão. Mas o ar fresco e a luz de sol foram uma bênção.

Durante o mês de julho as autoridades começaram a construir, com grande pressa, um dique ao redor da ilha. Os prisioneiros que não podiam completar a tarefa de dois dias em apenas um, eram lançados na cova, para ficarem conosco, embora o lugar já estivesse repleto de corpos depauperados. Os recém-chegados foram colocados na sala espaçosa, ao passo que nós, todos os cem, os antigos ocupantes, fomos colocados nas celas individuais. Pela manhã, os novos prisioneiros eram levados para o trabalho e à noite, trazidos de volta para a cova; mas nós éramos deixados ali, passando cada dia e cada noite em completa escuridão, exceto pelos raios de luz ocasionais que entravam quando o alçapão era aberto e novamente fechado.

Havia dezessete prisioneiros em cada cela tremendamente quente, feita para abrigar “um só homem”! Estávamos literalmente empilhados uns sobre os outros. Contudo, vivendo como toupeiras famintas, no fundo da terra, havia um notável espírito de amor fraterno entre nós.

Com dezessete homens em cada cela individual, era impossível nos deitarmos. O sono passou a ser impossível. Por isso, eu disse aos homens: “Não podemos dormir todos ao mesmo tempo. Precisamos dormir por turnos. Metade deve dormir no chão, enquanto a outra

metade se encosta nas paredes, no menor espaço possível. Quando os do primeiro grupo terminarem de dormir, então, se levantarão, e os que estiverem de pé, poderão dormir”.

Eles aceitaram minha sugestão; metade se estirava no chão e dormia, enquanto a outra metade se encostava bem apertada contra as barras. Desse modo, todos conseguíamos dormir um pouco, ainda que por breve tempo.

À medida em que as semanas se passavam, começamos a ser chamados, um por um, diante dos oficiais da Polícia Secreta, e éramos solicitados a nos tornarmos informantes. Chegou a minha vez. Entrei no escritório de nosso ex-chefe de quartel, Boris Miteff. Havia outro homem presente, ainda jovem. Miteff disse: “Camarada Popov, eu gostaria que você conhecesse o camarada Tritchkov”. O alarme souo em minha mente. Eles me tinham tratado de “camarada”. Eu sabia que tinha de ser bastante cauteloso. Tritchkov perguntou-me como ia passando a minha família e, em seguida, disse: “Camarada Popov, resolvemos tirá-lo da cova, pois sentimos que você será mais sensato e prestativo no futuro”.

Eu não podia acreditar em meus ouvidos! A esperança foi tomando conta de mim, embora eu a combatesse, sabendo que haveria alguma condição.

“Não haveria mais tortura... não haveria mais aquela cova abafada e quente” — eu pensei. Então, Tritchkov continuou: “Queremos somente que você nos faça um pequeno favor. Quando lhe soltarmos da cova, queremos que vá ao quartel e nos faça um relatório escrito sobre a condição dos prisioneiros e sobre o que eles falam”.

“Então é isso”, pensei.

Isso significava ser um informante, um colaborador. Esse inocente favor serviria para encobrir, o que parecia ser, minha rendição espiritual. Tinham quebrado fisicamente, por algum tempo, a minha vontade, no julgamento; mas nunca conseguiram fazer uma “lavagem cerebral” ou “reformatar-me”. Eu estava resistindo durante todo esse tempo e resolvido a não desistir agora. Contudo, eu sabia que aquela era a escolha mais decisiva de minha vida: aceitar o convite e ser tirado da cova, para que pudesse viver ao ar livre e ao sol, ou declinar de fazer

pequeno “favor” e permanecer fiel ao meu Deus, retendo a confiança de meus colegas de prisão, talvez até morrendo na cova. Não havia alternativa, e, sob as condições do momento, a morte era apenas uma questão de tempo. Na cova, eu começara a perder a consciência de vez em quando, um sinal claro de falta de ar e de colapso no sistema respiratório.

Por um momento, fechei os olhos em oração silenciosa. Os dois homens esperavam a minha resposta. Repentinamente, a Palavra de Deus veio à minha memória: “Para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo” (1 Pedro 1.7).

Ficou claro para mim que, se eu respondesse “sim”, me tornaria um apóstata e perderia minha fé e esperança em Deus.

Minha resposta foi concisa: “Não!” Isso foi tudo o que eu disse.

A expressão cordial de Tritchkov desapareceu instantaneamente. Ele disse: “Popov” (o título “camarada” foi retirado imediatamente), “não responda depressa demais. Esta é uma questão séria. Eu lhe aviso: pense um pouco mais a respeito. Você quer ver novamente a sua família, não é mesmo?”

Respondi: “Vocês sabem que eu sou um pastor. Creio em Deus e o sirvo. Sou pastor desses homens. E agora vocês querem que eu lhes conte tudo o que eles me disserem. Nunca poderia fazer isso”. E continuei: “Podem fazer o que quiserem comigo e com este corpo. Ele é apenas barro. Mas eu nunca negarei a minha fé”.

Tritchkov fechou os punhos e rugiu: “Então você apodrecerá naquela cova. Nunca mais sairá dali!” Eu já tinha ouvido aquelas palavras, mas Deus as reduzira a nada, e poderia fazê-lo de novo.

Portanto, fui levado de volta à cova. Em agosto, a disenteria nos atacou. Durou um mês e nos deixou quase como esqueletos cobertos de pele. Nunca poderei descrever o inferno que era aquela cova. Os homens jaziam como cadáveres, sem se moverem, anelantes por ar. O terrível mau cheiro da latrina transbordante dominava tudo. Havia trevas quase totais por vinte e quatro horas, bem como dezessete homens apinhados nas celas individuais. Como alimentação, recebíamos somente a “sopa” que não passava de água temperada.

Era semelhante a uma cena extraída do *Inferno*, de Dante. Os ruídos dos homens ofegando por outro sorvo de ar, enchiam a cova. Por quanto tempo aquilo se arrastaria? Já estávamos ali havia seis meses! Alguns, que caíram em inconsciência e deslizavam para a morte, eram os mais afortunados.

No final do mês de agosto, um novo diretor foi nomeado para a prisão. Um dia, quando a sopa foi derramada em nossas tigelas, um dos homens gritou: “Há um grão de feijão aqui!” Você não imagina o que significava um grão de feijão. Finalmente tínhamos um ou dois feijões na “sopa”.

Aparentemente, éramos mais valiosos vivos do que mortos. Precisavam de nosso trabalho e começaram a soltar-nos, no começo de setembro, para trabalho pesado, poucos de cada vez. Em 30 de novembro, também fui solto. Estivera naquela cova escura e quente durante nove meses! Somente Deus me conservara vivo.

A predição de Tritchkov — tal como as anteriores — de que eu apodreceria, não se cumpriu. Nossas vidas e destinos não dependem das ambições e predições humanas, e sim de uma vontade e um poder superior. Deus abriu o alçapão da cova. Agora, eu estava de volta à vida rotineira da prisão.



Ministério como pastor da prisão

Na prisão, as condições melhoraram pouco a pouco. Recebíamos mais alimento, embora não o bastante para um homem adulto. Os espancamentos e torturas passaram a ser menos frequentes, mas os esforços de “lavagem cerebral” duplicaram. A ênfase mudou para uma tortura psicológica mais sutil. Durante todos os anos de aprisionamento, usei todas as ocasiões possíveis para servir como “pastor da prisão” para os encarcerados.

Visto que eu fora removido do púlpito, resolvi que meu “púlpito” seria onde eu estivesse.

Com a melhora da alimentação e as novas forças que ela me dava, descobri que podia ampliar meu ministério na prisão. Tinha mais energias para testemunhar e ministrar aos homens. Até aquela altura, eu estava muito fraco devido à luta pela vida. Mas agora, com a situação mais tranqüila, meu ministério começou a expandir. Estou certo de que os comunistas não tencionavam isso, mas era o resultado das energias recém-descobertas.

Logo eu estava organizando “cultos” regulares na prisão. Minha “congregação” se constituía de homens em tremenda necessidade espiritual e física. Minha “igreja” era uma cela, o pátio de exercícios da prisão ou qualquer lugar onde podíamos nos reunir. Sempre precisávamos disfarçar o propósito de nossa reunião.

Deus abençoou esse ministério abundante. De vez em quando, um prisioneiro me dizia: “Pastor, tenho escutado o que o senhor nos tem dito e tenho pensado sobre isso; também quero servir a Cristo”. Eu vivia para momentos como esses e tive a satisfação de conduzir muitos a Cristo, nas diversas prisões, mas especialmente ali, em Persin.

Sempre que um homem expressava interesse em Cristo, orávamos juntos qualquer que fosse nossa localização. Se estivéssemos no campo, trabalhando, nos ajoelhávamos, fingindo estar examinando algo de perto, no chão, mas, na realidade, orávamos.

Um dia, enquanto eu orava com um prisioneiro no campo, um guarda aproximou-se a cavalo e gritou: “O que vocês estão fazendo?”

Eu respondi: “Cuidando da colheita”. Mas ele não compreendeu que eu me referia à colheita *espiritual!*

Na prisão, os homens chegam ao fim de seus próprios recursos. Na vida normal, os homens têm esposas, filhos e emprego. Isso, além das coisas materiais, pode obscurecer o senso de necessidade de Deus em um homem. Mas, na prisão, todas essas coisas lhe são removidas, e os homens têm tempo de pensar. Seus valores ficam claros na prisão, e muitos percebem, genuinamente, o quanto precisam de Deus. Aquele era um campo muito frutífero para um pastor de prisão.

No entanto, mais do que de qualquer outra coisa, eu precisava de uma Bíblia ou de um Novo Testamento para meu ministério com aqueles homens. A Palavra de Deus tinha as respostas para as necessidades deles, mas eu não possuía uma Bíblia e era impossível nutrir esperanças de conseguir uma. Eu orei: “Senhor, estes homens precisam da tua Palavra. São almas eternas. Ó Deus, estou fazendo o melhor que posso, mas eles precisam da tua Palavra”. Deixei a questão nas mãos de Deus. Não há barras de prisão que possam impedi-Lo. Os impossíveis são possíveis para Deus! Portanto, deixei a questão nas mãos dEle.

*Achadas as tuas palavras, logo as comi; as tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração.
(Jeremias 15.16)*

Um dia notei que Stoil, o homem cuja cama ficava ao lado da minha, tinha alguma coisa em suas mãos. Eu não sabia dizer o que era, mas parecia um livrinho. Então, vi o que Stoil estava fazendo. Ele estava arrancando uma página do livrinho para fazer com ele um cigarro. Para meu assombro, vi que era um Novo Testamento!

Fazia cinco anos que eu não via uma porção das Escrituras!

Instintivamente, arranquei-o das mãos de Stoil e o examinei. Stoil logo veio arrancá-lo das minhas mãos, enquanto lágrimas escorriam em meu rosto. Ele parou surpreso ao ver o que o livrinho significava para mim.

“Stoil”, indaguei, “onde você encontrou este livro?”

“Quando fomos transferidos do primeiro quartel para cá, encontrei-o em uma lata de lixo.”

Eu lhe disse: “Stoil, dê-me esse livro, por favor”.

“Não”, ele respondeu com firmeza. “Eu o estou lendo.” E arrancou-me o livro das mãos.

Mas eu sabia que ele queria o papel fino do livro apenas para fazer cigarros! Eu não podia tolerar a idéia de que a Palavra de Deus, a qual eu não via por cinco anos, estivesse sendo usada como papel de cigarro.

“Stoil, eu lhe darei todo o dinheiro que tenho em troca desse livro”. Nesse tempo, podíamos guardar um pouco de dinheiro para fazer compras na cantina da prisão.

Quando ofereci a Stoil todo o dinheiro que eu tinha, seus olhos se arregalaram. Então, ele se animou e respondeu: “Pastor, já que o senhor o quer tanto, pode ficar com ele. Eis aqui, tome-o!” Então, o segurei! A Palavra de Deus! Chorei diante dos homens, e eles viraram a cabeça, para que eu não me sentisse envergonhado.

Durante cinco anos, eu vinha sofrendo fome física, mas a minha fome espiritual ainda era maior; e posso dizer a todos que a fome espiritual é mais dolorosa que a fome física. Então, comecei a praticar o conselho que se acha em Ezequiel 3.3: “Dá de comer ao teu ventre e enche as tuas entranhas deste rolo que eu te dou. Eu o comi”.

Eu havia entregado a minha vida a Deus, em 1926. Desde aquele tempo até ao dia em que eu fora aprisionado, a Palavra de Deus

tinha sido minha companheira inseparável e diária. Então, abruptamente, fui separado dela por cinco anos. Ofereci a Stoil todo o dinheiro que eu possuía, em troca do Novo Testamento; mas, na realidade, eu teria dado a ele um braço ou uma perna, se me tivesse pedido. Isto é o que a Palavra de Deus significava para mim, naquele tempo — e agora.

Que perda indescritível é alguém estar sem a Bíblia ou o Novo Testamento! Durante todo o tempo que passei na prisão, senti um vazio e uma dor aguda, quase física, porque estava sem a Palavra de Deus. Naturalmente, eu lera a Palavra de Deus em toda a minha vida como crente, conhecia versículos e porções extensas; mas, devido aos espancamentos e à tortura, além do longo tempo em que estivera separado da Palavra de Deus, eu me esquecera de determinadas passagens. Por estranho que pareça, a tortura freqüentemente tem o efeito de obscurecer a memória. Percebi esse efeito muitas vezes.

Eu sabia que não poderia conservar comigo o Novo Testamento, por muito tempo. Eventualmente, os guardas da prisão o encontrariam e o destruiriam. Mas, enquanto eu permanecesse na ilha, poderia escondê-lo nos campos, entre a palha e o feno. A cada dia, eu o escondia em um lugar diferente, para que não descobrissem nenhuma atitude constante. Depois de tê-lo escondido na palha e no feno, comecei a fazer buracos, para deixar algum tipo de sinal e desenterrá-lo para ler. Eu sabia que, de algum modo, teria de escondê-lo nos campos, porquanto as celas eram revistadas com freqüência. Porém, visto que minha melhor oportunidade de lê-lo era em altas horas da noite, em minha cela, eu corri o risco de levá-lo comigo para a cela, orando o tempo todo para que não houvesse nenhuma inspeção noturna de surpresa. Isso também me dava mais oportunidades de ler a Palavra de Deus para os prisioneiros.

Memorizando 47 capítulos

Percebendo que eu não ficaria com o Novo Testamento por muito tempo, resolvi decorá-lo o máximo possível. Comecei a “comer” a Palavra de Deus, memorizando muitos versículos a cada dia. Por onde quer que eu ia, levava comigo o Novo Testamento. Sempre

encontrava oportunidade para estudá-lo. Primeiramente, decorei 1 Pedro; em seguida, Efésios, 1 João e o Evangelho de João; depois, Romanos 1,5, 8; 1 Coríntios 13, 14 e 2 Coríntios 5 — Quarenta e sete capítulos, ao todo.

Mais tarde, quando fui transferido para uma prisão regular, era impossível continuar escondendo o Novo Testamento. Contudo, nessa altura, eu era quase que um “Novo Testamento ambulante”. Agora, com a Palavra de Deus, comecei a expandir o ministério aos companheiros de prisão. Nos anos seguintes, Deus fez prosperar meu ministério. Eu usava todas as oportunidades possíveis para ministrar aos homens que estavam ao meu redor. Evidentemente, tinha de ser um ministério “subterrâneo”, pois tratava-se de uma atividade punível com espancamentos ou fome.

Era um trabalho especialmente perigoso, pois eu nunca sabia quais eram os informantes que estavam entre nós. Ficava imaginando o que fazer sobre o problema com os informantes. Se eu usasse muita cautela, os homens sentiriam que estava com medo, e minha influência cristã seria prejudicada. Então, resolvi: “Bem, os informantes também precisam da Palavra de Deus!” Eles devem ouvi-la. Se quiserem delatar-me, que o façam!

Desde aquele dia, nunca mais me permiti pensar sobre o perigo dos informantes. É obvio que, muitas vezes, era chamado ao gabinete do diretor da prisão, onde me diziam: “Popov, sabemos que você teve uma reunião religiosa secreta em sua cela. Sabemos disso. Quando é que você aprenderá?”

Então, eu era levado para alguma cela especial de punição, onde era submetido a um regime exclusivo de água, por uma semana. Em certa ocasião, quando fui solto da cela de punição, o diretor da prisão ordenou que eu fosse levado a seu escritório. Ele me disse: “O que há com você, Popov? Você gosta da cela de punição? Esta é a décima sexta vez que você foi colocado ali”. Respondi: “Não se pode impedir que um pássaro cante ou um peixe nade. É natural. Eu sou um pastor. Minha vida inteira está dedicada a trazer homens a Deus. Não importa o que vocês façam comigo, não posso deixar de fazer o que meu Deus me confiou a fazer. Vocês me tiraram do meu púlpito e me puseram aqui; eu farei aqui o meu trabalho”.

Logo que terminei de falar, ele gritou: “Levem esse prisioneiro de volta à cela de punição!”

Mas eu continuava aproveitando cada oportunidade para ensinar meus companheiros de prisão a respeito de Jesus Cristo. Os aniversários eram oportunidades maravilhosas, porque podíamos cantar juntos e, como uma forma de desejar-lhes boas coisas, eu podia pregar a Palavra de Deus para os homens. Sim, as datas de aniversário eram oportunidades tão maravilhosas de adorarmos juntos a Deus, que, com frequência, cada prisioneiro fazia quatro ou cinco “aniversários” por ano! Vários deles ficavam profundamente interessados e entregavam sua vida a Cristo. Outros ficavam amargurados contra o Senhor, por estarem na prisão. Eu só podia dar-lhes a Palavra de Deus, esperando que o Espírito Santo completasse a obra.

Pregando pelo telégrafo da prisão

Na prisão, havíamos desenvolvido o “Telégrafo da Prisão”. Existe algo parecido em quase todas as prisões, porquanto ali a comunicação de uns com os outros é importantíssima. Era desse modo que os prisioneiros passavam notícias “boca a boca”. O telégrafo da prisão consistia de um rude “código Morse”. Uma pancada leve na parede indicava a letra “A”. Duas pancadas leves, a letra “B”. Três pancadinhas equivaliam à letra “C”, e assim por diante, até ao fim do alfabeto. Para dizermos algo com a letra “V”, precisávamos de muito tempo! Mas funcionava!

Um dia, ouvi um grito familiar: “Prisioneiro Popov, levante-se!” Um informante havia delatado novamente minhas reuniões secretas de oração ou de estudos bíblicos. Mas agora tudo era uma velha rotina. Eu ia para o gabinete do diretor da prisão e dali era levado à cela de punição por uma semana ou duas.

As celas de punição formavam uma fileira de pequenas celas solitárias. Dessa vez me levaram para a cela 27, no meio do bloco de celas.

Deixado ali sozinho, tive uma idéia. Se o telégrafo da prisão podia ser usado para espalhar rumores e notícias, por que não poderia ser usado para propagar o evangelho? Tomei na mão minha caneca

de alumínio, comecei a dar pancadinhas na parede e esperei. Dentro de poucos minutos, veio um som de pancadinhas, do outro lado da parede.

“Qual é seu nome?”, perguntei com pancadinhas. “M-I-T-S-H-E-V”, respondeu ele. “Há quanto tempo você está aí?” “Três semanas”, respondeu ele.

Não demorei a desenvolver uma técnica especial para dar pancadinhas. Se eu fosse descoberto pelos guardas, teria de parar. Portanto, ficava em pé, com as costas na parede da cela, como se estivesse descansando, e dava pancadas leves com a caneca na mão, atrás de mim. Desse modo, eu podia ficar vigiando a portinhola e parar imediatamente, se ouvisse algo ou visse a portinhola se abrir. Disse a Mitshev que escutasse, porque eu tinha algo muito importante a dizer-lhe.

Ele respondeu que estava pronto.

Perguntei-lhe se era um crente, nascido de novo, em Cristo. “Não”, Mitshev respondeu.

“Você já ouviu que Cristo morreu pelos nossos pecados?”

“Somente na Igreja Ortodoxa, quando era menino”, ele respondeu.

“Escute”, eu continuei, “porque quero dizer-lhe o que Cristo pode fazer por você”.

Então, durante os três dias seguintes, interrompido apenas pelo sono, “preguei” para Mitshev uma mensagem do amor de Deus e da salvação em Cristo. Depois de pararmos por uma noite, Mitshev começou a dar pancadinhas, para fazer perguntas, como: “Pastor, como saberei que os meus pecados foram perdoados? Não compreendo”. Isso era bom! Era sinal de que Mitshev estava pensando.

No quarto dia, Mitshev respondeu de volta: “Estou pronto para crer em Jesus. Ore por mim. Quero receber a Cristo”. Então, eu lhe telegrafei que se ajoelhasse em sua cela; eu me ajoelharia na minha e orávamos juntos. Alguns minutos mais tarde, Mitshev bateu de volta: “Agradeço a Deus. Entreguei minha vida a Cristo”. Após a sua conversão, fiquei edificando a sua fé por mais três dias, até que fui levado de volta à minha cela regular. Tudo isso foi realizado com pancadinhas, mediante o uso de uma caneca de alumínio. Nenhuma palavra audível foi proferida.

Nunca vi Mitshev, mas eu sabia que ele havia encontrado a Cristo.

Depois disso, fiquei anunciando o evangelho, por meio do telégrafo da prisão, quase todos os dias, até à minha libertação. Cheguei até a me alegrar por ser levado à cela de punição, porque me dava oportunidade de testemunhar àqueles que estivessem nas celas contíguas, evangelizando com pancadinhas.

Nos anos seguintes, testemunhei sobre Cristo e preguei o evangelho com muita frequência, por meio do telégrafo da prisão, utilizando uma caneca de alumínio e pancadinhas nas paredes. Usando minha técnica de voltar as costas para a parede e vigiar a portinhola, não fui apanhado nem uma vez.

Muitos homens, a quem nunca vi, me disseram, por meio do telégrafo da prisão, que tinham adquirido novas forças e nova fé em Deus. Louvo a Deus por tudo isso.

Logo depois do Ano Novo de 1954, vieram os meses mais frios do inverno. A temperatura caiu para 28 graus negativos, e a neve se acumulou até à altura de um metro. Tínhamos de trabalhar como habitualmente. Durante todo o dia, retirávamos a neve com pás, mas, em seguida, observávamos a nevasca encobrir novamente as estradas. Certa noite, fazia tanto frio que, embora nos envolvêssemos em cobertores e casacos de peles, muitos de nós tivemos as mãos, pés, nariz e orelhas congelados.

A despeito da forte correnteza, o rio Danúbio congelou. Dois rapazes tentaram escapar, embora todas as pegadas fossem perfeitamente visíveis na neve. Foram apanhados, algemados e lançados na cela de punição. As algemas tinham dentes serrilhados, do lado de dentro, que cortavam a pele ao menor movimento.

O frio ainda era cortante, e, após dez dias, as mãos e os pés dos rapazes estavam azuis, em perigo de congelarem. Os rapazes gritaram, pedindo ajuda, e um médico foi chamado; mas todo o socorro foi inútil. Foram levados ao hospital, onde o médico amputou todos os dedos dos rapazes. Incapacitados para continuarem trabalhando, foram transferidos para uma prisão na ilha principal.

Um veterinário foi castigado juntamente com esses rapazes. Mas não lhe puseram algemas, pelo que somente os seus pés congelaram. O médico teve de amputá-los, com exceção dos calcanhares. O

veterinário foi solto após alguns meses, podendo andar novamente com ajuda de muletas.

No final de março, a neve derreteu, e o gelo que cobria o rio Danúbio começou a quebrar. A parte mais baixa da ilha de Persin foi inundada, e o quartel número 2 foi atingido. As águas permaneceram sobre a ilha por longo tempo, e todo o trabalho teve de ser interrompido. Foi uma maravilhosa oportunidade que todos os prisioneiros tiveram para descansar e uma admirável oportunidade de testemunhar sobre Cristo, sem a interrupção do trabalho pesado.

Um dia, senti uma dor súbita em meu quadril direito, que o médico diagnosticou como um severo ataque no nervo ciático. Disse que as próprias juntas estavam infeccionadas. Com o passar dos dias, a dor ficava mais e mais insuportável. Deram-me procaína e aspirina, mas parecia que nada servia. A dor assemelhava-se a uma faca que cortava a minha carne e os ossos. No mês de julho, chegou o calor do verão, e as dores que eu sentia na perna diminuíram com os banhos de sol. Eu conseguia andar para lá e para cá com a ajuda de muletas.

Descansei até ao fim do mês de agosto. Então, fui levado a um hospital onde recebi medicamentos especiais, que meu irmão me enviara da Suécia. Gradualmente, a dor foi desaparecendo. Podia andar apoiado em uma bengala, e a dor aparecia somente quando eu me apoiava na perna enferma.

Em 17 de outubro, a dor ciática desapareceu repentinamente. Mais tarde, Rute escreveu-me dizendo que, naquele dia, acordara mais cedo. Era o dia de nosso aniversário de casamento; e, enquanto orava, seus pensamentos se voltaram naturalmente para mim e minha enfermidade. Rute não chora com facilidade, mas, naquela ocasião, ela chorou. Sua fervorosa oração foi ouvida, pois fui curado no mesmo dia. As respostas às nossas orações algumas vezes chegam mais rápido do que ousamos crer.

No final de novembro, deixei o hospital, mas, apesar disso, ainda não podia trabalhar. Em 26 de fevereiro de 1955, juntamente com cinquenta outras pessoas que também eram incapazes de trabalhar, fui posto em um vagão de um trem que nos levaria para diferentes prisões da Bulgária.

A alegria de deixar a ilha de Persin foi quase tão avassaladora

como a que senti, mais tarde, ao ser colocado em liberdade. Quantas recordações eu deixei naquela ilha — os maus e os bons momentos! O que mais me satisfazia no íntimo era saber que deixara para trás muitos prisioneiros que haviam encontrado Cristo por intermédio de meu ministério.

Juntamente com os cinqüenta outros veteranos inválidos de Persin, caminhei pelas ruas de Belene até à estação ferroviária, a aproximadamente cinco quilômetros de distância. Embora estivéssemos doentes, nosso espírito estava animado. Qualquer coisa era melhor do que Persin, pensávamos.

A prisão de Varna, aonde fui levado, estava a vários quilômetros fora da cidade; era circundada por vinhedos. Era freqüentemente chamada de “mosteiro”, por causa dos característicos tijolos vermelhos na fachada.

Em Varna, havia uma placa, com letras grandes que dizia: “As atuais prisões da República do Povo da Bulgária não se destinam a punição, e sim a um novo treinamento”. Eu já havia demonstrado que não era um bom objeto para um novo treinamento.

O superintendente da prisão era chamado de Tchipaiev, o nome do herói de um filme russo. Até hoje não sei qual o verdadeiro nome daquele superintendente. Alto e magro, com o rosto inchado, ele era conhecido e temido como alguém que torturava prisioneiros, e não como quem os treinava de novo. Raramente o víamos sóbrio. Mais tarde, ouvi dizer que ele morreu de alcoolismo.

Não havia celas naquela prisão. Fomos levados a um imenso dormitório que antes estivera mobiliado com dez camas de cada lado e uma mesa de madeira no meio. As camas tinham sido substituídas por beliches de madeira, que agora ofereciam acomodações para vinte e cinco prisioneiros. No entanto, éramos entre quarenta e cinqüenta homens. A mesa foi retirada, e alguns tiveram de deitar-se no chão.

Nunca esquecerei como me senti, quando tomei um banho para livrar-me da sujeira de Persin! Era como uma cobra que muda de pele. Tomar um banho, lavar as mãos antes de comer, dormir em um beliche, e não em um assoalho de cimento — isso era tão maravilhoso! Mas era tão *temporário*, conforme eu saberia mais tarde!

Não recebemos nenhum trabalho, pelo que tive tempo de ler

meu Novo Testamento mais do que costumava fazê-lo e memorizar extensas porções dele, consciente de que não poderia escondê-lo para sempre. Estava em uma desesperada “corrida” para memorizar tantos capítulos quantos me fossem possíveis, antes da inevitável descoberta do Novo Testamento e seu confisco.

Uma desagradável inovação em Varna eram as freqüentes palestras de propaganda política. Quase todos os dias, certo número de membros da Sociedade Cultural nos fazia preleções, por algumas horas, sobre a reabilitação. Os prisioneiros odiavam aquilo. Havia tópicos tão “excitantes” como “A História do Partido Comunista na União Soviética” ou “A História do Partido Comunista da Bulgária”.

Entregavam-nos jornais comunistas, dos quais algumas partes eram marcadas para que lêssemos. Eu lia tudo, exceto essas partes. Éramos forçados a ler os artigos editoriais, artigos sobre agricultura e sobre a construção de fábricas — tudo que promovesse o comunismo e os seus objetivos.

Em certa ocasião, lemos que uma delegação de comunistas búlgaros visitara a China. Foi noticiado que eles elogiaram muito a vitoriosa cruzada comunista na China. Entre outras coisas, o artigo falava sobre o cultivo de arroz naquele país. Parece que os comunistas chineses conseguiram tão extraordinárias safras de arroz, que podiam colher quase cinqüenta quilos de arroz em cada metro quadrado.

Um amigo e eu calculamos que, se alguém derramasse aquela quantidade de arroz em tão pouco espaço, haveria uma camada de quinze centímetros de altura! Li essa descoberta para todos os homens de nosso quartel, e todos riram à vontade, exceto um. Então, soubemos quem era o “informante residente”.

A comida melhorou; e podíamos comprar certas coisas que desejassemos na cantina. Meu irmão, Ladin, que havia completado seus cinco anos de aprisionamento e agora trabalhava como pastor nas igrejas subterrâneas, trazia, com freqüência, pacotes de alimentos.

Eu não me preocupava com os motivos dos comunistas em nos darem melhor alimentação. Só me sentia grato pelas forças adicionais, para realizar meu trabalho, na prisão, para Deus.

Outro progresso significativo foi uma semana de encontros entre o Serviço Secreto e o Departamento de Beneficência Social da Pri-

ção. Os prisioneiros eram chamados para novas entrevistas, o que geralmente era um sinal de que a libertação era iminente. Um primeiro grupo — aqueles que tinham sido presos em conexão com o rompimento de Tito com a Rússia — foi solto em 1955. Em maio de 1956, outro grupo numeroso foi posto em liberdade, incluindo quatrocentos prisioneiros de Belene e oitenta de Varna.

Então, aconteceu a Revolução Húngara, que rapidamente se transformou em um banho de sangue. Os comunistas temiam que a revolta afetasse também a Bulgária, bem como outros países dominados pelos comunistas. Assim, eles cessaram as libertações, as detenções e os julgamentos prosseguiram, e as antigas táticas nas prisões foram reiniciadas. O pêndulo estava agora se inclinando outra vez. Assim, a curta esperança de que as condições melhorariam morreu em meio ao sangue e à morte da Revolução Húngara. As celas ficaram repletas novamente.

No final de agosto, os prisioneiros políticos foram gradualmente removidos de Varna. Eu fiz parte do último grupo, de oitenta e dois homens. Na estação ferroviária, fomos colocados em dois vagões de carga. No dia seguinte, à noite, desembarcamos do trem em Stara Zagora e fomos levados à prisão de caminhão.

Perdi meu Novo Testamento

Em Stara Zagora, fomos colocados em celas individuais — seis em cada cela. A situação ali era bastante desagradável, porque faziam inspeções de surpresa, à noite. Fomos apanhados em meio a uma reunião de estudo bíblico, altas horas da noite. Os guardas usavam sapatos de pano macio, e não pudemos ouvir a aproximação deles.

Pouco depois de nossa chegada, a porta da cela se abriu, fomos levados para o banheiro e trancados ali. Quando voltamos à cela, descobrimos que nossa bagagem tinha sido revistada e seu conteúdo estava empilhado no assoalho. Até os colchões tinham sido rasgados e abertos! Tudo o que era escrito ou impresso desaparecera, incluindo o meu Novo Testamento!

Que perda! Mas, eu me sentia imensamente feliz, porque naquela altura já tinha memorizado 47 capítulos da Palavra de Deus. Estavam

escondidos em meu coração, de onde não poderiam ser tirados. Esses 47 capítulos agora eram a minha “Bíblia”.

Um dia, um padre católico, também prisioneiro, me disse que havia uma velha Bíblia na biblioteca. Era inacreditável! Uma Bíblia em uma biblioteca comunista! Evidentemente, os oficiais da prisão não tinham a menor idéia que ela estava lá.

Na primeira oportunidade que tive, apressei-me para ir até à biblioteca e procurei não parecer entusiasmado, quando trouxe a Bíblia para minha cela. Conservei-a comigo durante várias semanas. Todos os meus companheiros de cela começaram a lê-la; depois os prisioneiros das celas adjacentes; e logo todos naquele bloco quiseram ler a Bíblia, que passávamos através das barras, de uma cela para outra. Aqueles homens “devoraram” as Escrituras. Quando estavam em liberdade, muitos deles se haviam recusado a ler a Palavra de Deus. Mas agora liam avidamente suas palavras de bênçãos. Fizemos a Bíblia circular durante várias semanas. Ela passou por incontáveis mãos.

Finalmente, como é óbvio, a notícia chegou ao diretor da prisão, que explodiu em fúria! É claro que eu era o “criminoso religioso” de Stara Zagora; por isso, mandaram me chamar. Ele me perguntou, aos gritos: “Onde você arranjou essa Bíblia, Popov? Como conseguiu introduzi-la clandestinamente na prisão?” Eu respondi: “Eu não a introduzi clandestinamente. Ela estava aqui na biblioteca de vocês, o tempo todo”.

Ele ficou mudo. Não podia acreditar. Mostrei-lhe o carimbo da biblioteca da prisão na capa interna da Bíblia. Cheguei a pensar que ele teria um ataque de coração! Ele me ordenou que saísse. Ao sair, não pude resistir a uma zombaria e disse: “Muito obrigado pelo uso de sua Bíblia, camarada!”

Estudos Bíblicos no pátio da prisão

Eu enfrentava o constante desafio de encontrar novas oportunidades de ministrar o evangelho em meio à contínua troca de prisioneiros. Novos prisioneiros chegavam e homens mais idosos eram levados para novas prisões ou postos em liberdade. Apesar disso, acredito

que tive a oportunidade, numa ou noutra ocasião, de ministrar a milhares de homens, diretamente ou por meio do telégrafo da prisão — as célebres pancadinhas, com uma caneca, nas paredes.

Citarei apenas um exemplo de como fui capaz de usar diversos pretextos para anunciar o evangelho.

Stara Zagora estava repleta de prisioneiros jovens. Uma nova onda de detenções enchera excessivamente a prisão. Quando cheguei lá e vi todos aqueles rostos jovens, desconhecidos, orei: “Obrigado, Senhor, pela nova congregação que Tu me enviaste”. Evidentemente, eu preferia que eles não tivessem sido presos; mas, visto que foram, me regozijava por ter sido deixado entre eles.

Diferentemente de muitos pastores, eu mudava de “igreja” não pelo voto da congregação, e sim por ordem de algum diretor de prisão. Durante todos aqueles treze anos, parecia que, depois de eu haver feito tudo o que era possível em uma prisão, o diretor prestava-me um favor, ordenando que eu fosse transferido para outra prisão, onde tinha uma nova congregação.

Outra diferença é que minha congregação não podia levantar-se e ir embora. Eles formavam uma audiência “cativa”. Eu percebia o humor da situação e falava disso aos homens. Eles riam comigo e diziam: “Ótimo, pastor, contanto que o senhor não faça nenhuma coleta!”

O riso era vital aos prisioneiros; eu me esforçava por manter o senso de humor e perspectiva. Quando um homem parava de rir, este era o primeiro sinal de que ele estava descendo à loucura. Quando isso acontecia a alguém, todos os companheiros de prisão, que se consideravam irmãos uns dos outros, gastavam bastante tempo procurando reanimar aquele indivíduo e trazê-lo de volta à normalidade. Sem o humor, todos teríamos enlouquecido na prisão.

Portanto, em Stara Zagora encontrei uma nova congregação de jovens recentemente aprisionados.

Orei durante toda a noite: “Deus, ajuda-me a alcançar esses homens. Mostra-me a maneira de fazê-lo”. Visto que estávamos sob constante vigilância, eu tinha de descobrir uma maneira de ensinar-lhes secretamente a Palavra de Deus.

Então, o Senhor me mostrou a resposta! Eu falava bem o inglês,

devido ao tempo em que cursei a Escola Bíblica na Inglaterra. Portanto, dirigi-me ao diretor da prisão e lhe pedi permissão de ensinar inglês aos companheiros.

Ele replicou: “Popov, o que você está planejando agora? Eu o conheço. Você está interessado somente em desviar esses jovens para sua religião tola. Será que você nunca aprenderá que seus dias como pastor acabaram — para sempre? Não, e saia daqui!” — gritou ele.

Então, ocorreu-me outra idéia. Tínhamos noventa minutos de exercícios físicos, todos os dias. Por que não usar esta oportunidade?

Assim, espalhei, entre os prisioneiros, a notícia de que os interessados em aprender ou melhorar seu inglês, se encontrassem comigo no canto do pátio de exercícios, no dia seguinte. Eu quase não podia esperar até que chegasse a hora. Chegado o momento, vi-me cercado por aproximadamente trinta prisioneiros, alguns dos quais falavam um pouco de inglês. Estavam interessados em melhorar o inglês que falavam. Durante várias semanas ensinei-lhes inglês suficientemente para me compreenderem com clareza. Então, passei à “segunda fase” de meu plano.

Comecei a falar apenas em inglês sobre a Bíblia e a Palavra de Deus. Os guardas da prisão não sabiam falar inglês. Portanto, quando se aproximavam para ouvir, davam de ombros e se afastavam. Se eles soubessem por que eu sorria tanto! Eu consegui pregar e ensinar livremente o evangelho àqueles jovens, em inglês.

O anseio deles por aprender melhor o idioma inglês os trazia ali a cada dia, até que a Palavra de Deus começou a prender-lhes a atenção. Mais tarde, fiquei sabendo que o comandante da prisão perguntou aos guardas o que eu tencionava e eles responderam: “Popov está ensinando inglês”. O comandante replicou com indiferença: “Se é dessa maneira que ele quer gastar seu tempo de exercício, isso não me interessa!”

Os estudos bíblicos, no pátio de exercícios, prosseguiram por diversas semanas. Os homens absorviam a Palavra de Deus. Eles não somente tinham aprendido mais inglês, mas também muito da Palavra de Deus, que começou a produzir fruto.

Uma mudança significativa ocorreu na vida de diversos deles.

Vários dentre eles abandonaram o cigarro, embora tivessem garantido que nunca conseguiram fazê-lo antes.

Um deles, um homem que não podia abrir a boca sem falar um palavrão, certo dia, após a aula bíblica, me indagou: “Pastor Popov, o que aconteceu comigo? Não estou mais falando palavrões!”

Vários homens se aproximaram de mim e disseram que desejavam ser crentes. A mudança em suas vidas foi notável e podia ser observada por todos os outros.

Começaram a sussurrar para outros homens, e estes transmitiam o evangelho de uma cela para outra. Os homens assentavam-se à noite, nas celas, para falar sobre a Bíblia e sobre Deus.

Deus passou a ser o tema preferido nas celas, até altas horas da noite. Um caloroso espírito de fraternidade e amor passou de cela em cela. Os “formandos” de minha classe bíblica começaram a realizar seus próprios estudos bíblicos, nas celas, à noite.

Não exagero, quando digo que a influência daqueles estudos bíblicos atingiu cada pavilhão de celas em Stara Zagora. Eu mesmo fiquei surpreso. Aprendi uma grande lição: a Palavra de Deus cresce e se propaga mais em condições de sofrimento e privações. Foi isso que tornou abundante a colheita espiritual que fiz nas prisões comunistas.

Como se regozijava o meu coração, ao ver a influência da Palavra de Deus nos prisioneiros! Alguns, evidentemente, não mudaram em nada. Muitas vidas, porém, foram transformadas, e a diferença em Stara Zagora era autêntica e evidente. Quando as luzes se apagavam à noite, quase se podia ouvir o zumbido de homens que falavam sobre a Palavra de Deus e sobre o significado desta ou daquela passagem das Escrituras.

Mesmo aqueles que não criam, foram profundamente impressionados pela mudança ocorrida na vida de vários dos homens. Eles podiam argumentar contra a Bíblia, mas não podiam refutar o argumento de vidas transformadas.

Finalmente, isso chamou a atenção do diretor da prisão, que me convocou à sua presença. “Popov, sei que você tem tramado alguma coisa. Vários dos homens oram em suas celas, e outros passam o dia vertendo lixo sobre Deus. Sei que, de alguma maneira, você está por

detrás disso. Agora, o que está acontecendo?” — exigiu ele.

Respondi: “Senhor, eu sou um pastor. Se eu fosse um espião, como os comunistas dizem, eu estaria ensinando espionagem a esses homens, não é verdade? Mas eu sou um pastor, somente um pastor. Portanto, falo sobre Deus. E o que posso fazer, se os homens gostam de falar sobre Deus? Vocês me tiraram do púlpito. Podem tirar-me a Bíblia, podem encarcerar-me e fazer comigo o que desejarem, mas não podem tirar do meu coração o desejo de servir ao meu Senhor”.

“Não fiz nada subversivo. Não falei contra qualquer homem ou contra o comunismo. Somente tenho falado sobre Deus. Enquanto eu respirar, continuarei falando a respeito dEle. Só pararei, quando estiver morto”.

O diretor chamou o guarda e gritou: “Leve esse homem daqui!” Fui levado para a cela de punição e trancado ali por um mês, passando a receber somente água. Mas valeu a pena! Passei aquele mês me comunicando por pancadinhas com os dois homens das celas contíguas à minha.

Um dia, em Stara Zagora, fui chamado à presença de um oficial da Polícia Secreta de nome Tanio. Isso ocorreu no dia em que Charles de Gaulle subiu ao poder, na França. Um jovem alto e magro, da Polícia Secreta, também estava presente no gabinete de Tanio. Este logo me deixou sozinho com o rapaz alto e magro.

O jovem oficial da Polícia Secreta e eu conversamos durante cerca de duas horas. Pelo que ele me disse, percebi que não somente sabia tudo a meu respeito, como também a respeito dos pastores e das congregações. Talvez ele tivesse sido um crente ou tivesse parentes que o eram. Ele sabia a respeito da vida em nossas igrejas e era bem versado em história eclesiástica.

Ele disse que gostaria muito de ajudar-me. Essa era a razão por que viera a Stara Zagora. Porém, visto que ele fora enviado pela Polícia Secreta, eu não esperava que daquele encontro resultasse qualquer coisa boa.

Começamos a falar sobre assuntos religiosos, embora fosse cauteloso, quando falávamos sobre Deus. Ele se mostrou cordial e agradável, e ficamos completamente absorvidos com o assunto.

Depois de falarmos sobre os pastores e as congregações, ele

dirigiu a conversa para a política. A questão mais importante do momento, para os comunistas, era se os franceses elegeriam Charles de Gaulle como seu presidente. Os jornais comunistas afirmavam que a sua eleição seria um erro grave. Eu não sabia coisa alguma a respeito desse assunto; mas resolvi que, se os jornais comunistas eram contra, eu seria a favor dele.

Não sei dizer por que, mas o jovem me perguntou: “Popov, você acredita que Charles de Gaulle subirá ao poder?”

“Não acredito apenas que ele subirá, ma que já subiu ao poder”, foi a minha resposta.

Ele quase me bateu. Era como se a subida de Charles de Gaulle ao poder dependesse de minha resposta. “Foi Deus quem revelou isso a você?”, perguntou o oficial. Respondi-lhe que isso não estava relacionado com Deus.

“Então, você é realmente um espião ligado à França também?” — ele perguntou.

“Não”, respondi, sem poder evitar uma gargalhada. “Os artigos do próprio jornal de vocês, que somos forçados a ler, me revelaram isso”, eu acrescentei.

Então, ele me perguntou por quanto tempo eu estava na prisão. Informei-o de que já estava preso por dez anos e que me restava pouco tempo de encarceramento.

“Quanto?”

“Quatro anos”.

“Você pensa que isso é pouco?”

“É pouco, depois de estar preso há dez anos”.

“A sua sentença foi abreviada?”

“Não. Até agora, não!”

De fato, meu período de aprisionamento fora abreviado em cerca de um ano. O princípio em operação era que, se alguém trabalhasse por dois dias, seu tempo na prisão era abreviado um dia. Mas o que o jovem queria saber era se minha sentença fora encurtada mediante perdão.

Ele olhou para mim, com simpatia, e disse: “Procuraremos abreviar o seu tempo de encarceramento”.

O sinal de alarme retiniu instantaneamente. Há muito tempo eu

aprendera duas coisas: tenha cuidado, quando a Polícia Secreta lhe oferece ajuda e quando eles o chamam de “camarada”.

Ele explicou que tudo quanto eu precisava fazer era tornar-me membro da Sociedade Cultural, fazer palestras e obedecer ao que eles ordenassem.

Respondi que jamais poderia fazer tal coisa. “Já servi por dez anos. Não quero comprometer minha posição cristã. Não quero transigir agora, quando tão pouco tempo me resta — nunca faria tal coisa!”

Ele procurou persuadir-me, mas insisti em que não mudaria a minha decisão. Fomos argumentando nesse tom. Finalmente, exasperado, ele expressou seu lamento por não ser capaz de ajudar-me.

Quando voltei à minha cela, falei a meus companheiros sobre a conversa que tivera com o oficial. Então, eles me disseram que exatamente às quatro horas (enquanto eu conversava com o jovem da Polícia Secreta) foi anunciado, pela estação de rádio do governo, que Charles de Gaulle se tornara o chefe do governo da França.

Os efeitos da revolução húngara começaram a diminuir, e as condições melhoraram gradualmente na prisão. Uma vez mais o pêndulo se inclinou. O número de homens em cada cela foi reduzido para cinco; e, em 1958, foi diminuído para quatro. Quatro homens em uma cela para “um homem”, era luxo para mim!

Mais ou menos em junho de 1959, eu já havia perdido todos os sinais da dor ciática e me apresentei como voluntário para trabalhar em uma pedreira que ficava a alguns quilômetros da prisão. Isso me permitiria ter contato com outro grupo de prisioneiros. Eu sempre tentava viver entre os prisioneiros, deixando um testemunho de Cristo.

Fomos transportados por caminhão até à pedreira, levando conosco roupas e outras coisas necessárias, pois trabalharíamos e dormiríamos naquele lugar. Toda a região da pedreira era cercada de arame farpado, mas os quartéis eram limpos, o alimento era abundante e bem cozinhado, e havia árvores frutíferas no jardim.

O trabalho era pesado. Alguns homens faziam perfurações na rocha e a dinamitavam; outros partiam em pedaços as imensas rochas e as carregavam até aos vagões que as levavam à britadeira, que as reduzia em pedras do tamanho desejado.

Eu estava tão fraco, que o trabalho na pedreira parecia árduo demais para mim. Usávamos marretas de dez quilos para despedaçar as pedras grandes. Era-me difícil até mesmo erguer a marreta, quanto mais quebrar as pedras. Meu corpo inteiro doía, mas tive maravilhosas oportunidades de trabalhar para Cristo. Iniciei um estudo bíblico nos quartéis da pedreira, bem debaixo do nariz dos comunistas. Eles nunca souberam nada sobre isso. Até o informante, que estava sempre presente, nunca me delatou. Posso concluir somente que ele também estava gostando dos estudos bíblicos.

Em 1º de março de 1961, vários prisioneiros e eu fomos transportados de volta, em um vagão de carga, à vil prisão de Persin. Chegamos no sábado e tivemos de esperar em uma sala fria e suja, até segunda-feira. Os alimentos que nos haviam dado em Stara Zagora, nós os consumimos durante a viagem, pelo que ficamos com fome até à segunda-feira.

Antes de sermos designados às tarefas, fomos novamente interrogados pela Polícia Secreta. Quando eu disse que era pastor evangélico, um dos policiais disse que os russos tinham posto Yuri Gagarin em órbita, entre a terra e os planetas, e que ele não encontrara Deus em parte alguma. Todos os demais prisioneiros olharam para mim, esperando a resposta. Eu disse: “O tipo de deus que Gagarin procurou com os seus olhos não existe”.

O oficial replicou incontinentemente: “Bravo, Popov. Estou tão alegre por ouvir que você não acredita mais em Deus. Talvez a prisão lhe tenha feito algum bem, afinal de contas”.

Retruquei: “Você está enganado. Creio que Deus existe. Mas não acredito no deus que vocês procuram. Creio em um Deus que é Espírito e Verdade e que nunca pode ser encontrado por foguetes”.

Isso o deixou furioso e ordenou-me que saísse. Quando ia saindo, percebi que os outros prisioneiros sorriam disfarçadamente.

Junto com outro grupo de homens, fui mandado para o quartel número 2, em Persin. Quase não pude reconhecer a ilha. Estava toda coberta de árvores recém-plantadas; boas estradas tinham sido construídas sobre os diques, e havia um bonito edifício de administração, de quatro andares.

Quando passamos pelo quartel número 1, vi que, em vez dos

antigos barracões, havia acomodações de bom aspecto para os prisioneiros, no alto dos diques. Mas descobri que aquelas acomodações estavam reservadas para os prisioneiros criminosos. Prisioneiros políticos ou religiosos não tinham esta sorte.

No quartel número 2, encontrei as antigas construções, mas as pessoas eram outras. Também havia modernos edifícios de três andares, onde os soldados viviam. Evidentemente, planejavam usar Persin como prisão por muito tempo ainda.


O trabalho a ser feito era bastante variado e muito árduo. Contudo, visto que precisavam de nosso trabalho, alimentavam-nos com uma boa refeição por dia. Encontrei alguns de meus antigos amigos, quando voltei a Persin. Eles me disseram: “Pastor, estamos bastante alegres por vê-lo outra vez. Lamentamos que o senhor continue prisioneiro, mas, se tem de continuar encarcerado, alegramo-nos por vê-lo de volta entre nós!”

Iniciei os estudos bíblicos com os 47 capítulos da Bíblia que eu tinha memorizado. O trabalho era extremamente árduo, mas, tarde da noite, embora exausto, eu dirigia o estudo. Vários homens se ajuntaram ao nosso círculo, que crescia. Certa vez, tínhamos até um guarda que simpatizava conosco e nos servia como “vigia”, enquanto os estudos bíblicos eram realizados. Se outro guarda se aproximasse, ele nos fazia um sinal de advertência, e mudávamos a nossa conversa para um tom “normal”. Agora, o meu alvo principal era treinar outros prisioneiros a conduzirem por si mesmos os estudos bíblicos.

Com o passar dos anos, eu deixara estudos bíblicos em cada prisão, além de diversas classes em Stara Zagora. Porém, nessa altura faziam quase treze anos que eu estava aprisionado, e meu coração doía de saudades, desejando estar com minha família. Agora eu sentia que meu trabalho na prisão chegava ao fim. Com o tempo reduzido de quinze para treze anos e dois meses, devido ao trabalho forçado, meu encarceramento estava quase terminando.

Para lhe dar uma idéia de quanto tempo são treze anos, devo dizer-lhe: quando fui seqüestrado de casa, minha filha Rode era uma menina de nove anos de idade. Agora, ela era uma mulher casada, mãe de uma filhinha. (Ela se casou com um excelente médico crente, na Suécia).

Havia uma imensa lacuna em minha vida. Eu poderia ter sido solto muitas vezes, se tivesse concordado em ser um pastor-fantoches. Mas nunca pude fazer isso. A Polícia Secreta me ofereceu, muitas vezes, a oportunidade de ser libertado, se me “conformasse” e os ajudasse na destruição do cristianismo na Bulgária. Houve até rumores de que eu seria feito líder de uma denominação religiosa, teria um ótimo escritório e um bom salário. Precisaria apenas espionar os membros e os pastores; e os comunistas, por sua vez, me espionariam. Eu já fora espancado e submetido à fome até atingir a irracionalidade, quando me tornei um gravador humano nas mãos da Polícia Secreta. Contudo, isso apenas aumentou a minha resolução de que morreria antes de transigir voluntariamente ou de ceder a eles.



Os frutos do aprisionamento

Cheguei ao final dos meus treze anos de aprisionamento com minha fé intacta e mais forte do que antes, com meu respeito próprio bem firme, pois nunca tomara o caminho mais fácil. E tive a imensa, imensa alegria de saber que, em cada prisão e cada pavilhão de celas em que permaneci, deixei homens que conheciam a Cristo, porque eu estive lá. Eu sabia que, nas prisões por onde passei, havia estudos bíblicos em funcionamento e que o fruto de meu ministério prosseguia. Em incontáveis paredes de celas, os trechos bíblicos que escrevi trariam esperança e consolo aos prisioneiros que viriam depois de mim.

Também sabia que homens nunca vistos por meus próprios olhos estavam servindo a Cristo, porque tive a oportunidade de anunciar-lhes o evangelho pelo “telégrafo da prisão”. Não me considero um herói ou um mártir, mas, quando me aproximava da libertação e considerava o passado, pude afirmar, com honestidade e verdade, que valera a pena ter passado aqueles treze anos de tortura, espancamentos, fome, sofrimentos e separação de meus queridos, para servir como um “pastor” para milhares de prisioneiros dos comunistas que tinham cruzado o meu caminho.

Os prisioneiros ficaram tão alegres quanto eu por minha libertação. Na noite de 24 de setembro, esperei durante o toque para

reunir que me ordenassem empacotar meus pertences. Mas isso não aconteceu. A porta da cela foi fechada atrás de mim. Depois de meia hora, alguém girou a chave na porta, e o guarda entrou.

“Haralan Popov”, disse ele, “arrume as suas coisas. Amanhã você será solto”. Na cela, todos pularam e se alegraram. Eu não tinha muita coisa para arrumar. Dividi minhas roupas da prisão com os companheiros mais pobres. Fiquei apenas com a roupa do corpo. Naquela noite, não consegui nem cochilar, esperando somente o romper do dia.

Quando a porta da cela se abriu, pela manhã, despedi-me de todos os meus amigos. Eu tinha levado vários deles a Cristo. Reuniram-se em redor de mim, e um deles falou: “Pastor, nunca o esqueceremos. Muito obrigado por tudo quanto fez por nós, na prisão. Por causa do senhor, encontramos a Deus, aqui”. Eu quase não podia reter as lágrimas.

O guarda levou-me até ao portão da prisão; logo chegou uma carroça puxada a cavalos, que me levou para a liberdade. Eram oito horas da manhã, quando chegamos no quartel-general. Foi feita uma revista completa em minhas roupas e em minha maleta. Então, foram expedidos documentos que serviriam de identidade até que eu tivesse o tempo de obter os documentos regulares. Saí para o pátio. Ninguém estava ali, exceto o guarda do portão. Aproximei-me e perguntei o que deveria fazer em seguida: “Posso sair?”

“Sim, você foi posto em liberdade. Pode ir”, disse ele, rindo.

Passei por ele como quem sonhava, com a maleta na mão.

Fora do portão, não havia ninguém à vista. Depois de treze anos, um espaço de tempo em que minha menina se tornara esposa e mãe, eu estava livre das barras da prisão. Na realidade, eu não era um homem livre, pois ainda era um ex-prisioneiro, um pastor evangélico sem permissão em um país comunista, mas, pelo menos, os muros da prisão tinham ficado para trás.

De fora, olhei para os muros da prisão e pensei nas solitárias noites de tortura, nos espancamentos que eu sofrera. Pensei no regime de fome e nos nove meses de reclusão na cova solitária, sem ar. Lembrei o abundante Niágara de horrores e o rio perene de sofrimentos. Também recordei os homens que tinham encontrado a Deus.

Enquanto contemplava os muros da prisão, que ficavam para trás, pensei: *“Sim, valeu a pena deixar homens que conhecem a Cristo e O servem. Afinal de contas, valeu a pena...”* E isto era verdade. Posso dizer honestamente, diante de Deus, que valeu a pena todo o sacrifício.

Eu ainda não percebia que estava terminando um período como pastor de homens em prisões comunistas, para em breve tornar-me um pastor secreto daqueles cujas igrejas haviam sido fechadas.

Segurei com firmeza a minha maleta e comecei a andar pela rua principal do vilarejo. Quando cheguei à estação ferroviária, eram nove horas da manhã, e o trem partira às oito horas. O próximo trem partiria somente à noite. Eu nem podia pensar em permanecer todo o dia em Belene, tão perto da prisão. Por isso, comecei a andar até uma estação mais além, na estrada de ferro.

Cheguei ali cansado e poeirento, um pouco antes do meio-dia, depois de uma caminhada de três horas, e descobri que em trinta minutos sairia um trem cujo itinerário incluía meu povoado natal. Era uma viagem que tomaria apenas um dia, e se, não fora a mão de Deus, durante mais de treze anos, eu não teria vivido para realizá-la.

Para mim, foi uma viagem tão miraculosa quanto a dos filhos de Israel. Assentado no trem, que avançava lentamente pelas planícies verdejantes e planas de nosso país, olhei para fora da janela e orei: *“Ó Deus, ajuda-me a servir-Te tão fielmente em liberdade, quanto tentei fazê-lo em prisão. Não permita que as circunstâncias mais fáceis diminuam a minha dedicação”*.

Eu preferia ser verdadeiramente fiel na prisão a permitir que a vida fácil, de liberdade, enfraquecesse minha fé. Nem precisava ter qualquer temor. As coisas também estavam péssimas do lado de fora.

Cheguei à estação de meu povoado natal, Krasno Gradiste, cerca das oito horas da noite, e percorri oitocentos metros por uma estrada poeirenta até uma casa pequena, com telhado de palha, na qual vivam meu tio e minha tia.

Bati na porta. Esta se abriu, e minha tia, logo que olhou para mim, clamou: *“Haralan, é realmente você?”* Não era apenas uma exclamação de surpresa. Era uma pergunta séria, pois o aprisionamento causara mudanças tão visíveis em mim, que com frequência

eu não era reconhecido pelos antigos amigos.

Eu fora preso como um pastor jovem, no vigor dos anos. Saí da prisão com o corpo encurvado e a saúde debilitada — uma sombra do homem que havia sido. Os anos de aprisionamento me fizeram pular da relativa juventude para um homem fisicamente idoso.

“É você mesmo!” — exclamou minha tia, enquanto meu tio chegava apressado, do outro cômodo, para ver que agitação era aquela. Ele me abraçou e disse: “Haralan, em toda a nossa vida, nunca esperávamos vê-lo de novo”. Deu um passo para trás, para fitar-me melhor. “O que aconteceu com você?”

Então, ocorreu-me o pensamento de que eu deveria ter, realmente, uma aparência horrenda! Há muito tempo, me acostumara com a minha “nova aparência”. Meu tio, porém, ainda pensava em mim com a fisionomia de catorze anos atrás, quando me viu pela última vez. Embora ele tentasse, não conseguiu disfarçar o espanto.

Pobre tio! Ele tentava animar-me o espírito, mas, ao mirar-lhe furtivamente, apanhava-o a fitar-me com olhos tristonhos. E logo eu lhe dizia: “Meu tio, não se preocupe comigo. O pior já passou. Deus esteve comigo, e, de muitas maneiras diferentes, tudo valeu a pena”.

Minha tia fitava-o com olhar de censura e lhe dizia: “Vejam só! Você tenta encorajar Haralan e acaba tão abatido, que ele tem de encorajá-lo!” Eu não podia deixar de rir.

Dois dias depois, alguém bateu à porta. Ali estava Ladin, meu irmão mais novo! Ele me agarrou e me abraçou. Ladin é grande e forte, muito mais forte do que parece, e eu parecia um palito de fósforo. “Ladin”, eu lhe disse, “tenha cuidado, se não você terminará o que a prisão começou”.

“Haralan”, ele replicou, com lágrimas de alegria a encher-lhe os olhos, “como é bom vê-lo novamente! Tantas vezes pensei que nunca mais o veria”. Ladin tivera boas razões para as suas dúvidas. Depois dos cinco anos de seu aprisionamento, ele me trazia alimentos na prisão sempre que lhe era permitido e via-me ali. Em todas as ocasiões em que as autoridades permitiam alguém levar alimentos à prisão, Ladin não faltou à nenhuma delas. “Bom e velho Ladin”, eu lhe disse, “Você esteve comigo o tempo todo. A fidelidade do Senhor e você me ajudaram a suportar tudo”.

Quando começou a escurecer, Ladin e eu saímos para uma caminhada pela rua principal, que tinha filas de árvores. Isso nos deu oportunidade de conversar. Paramos em um parque vazio, no meio do povoado, e nos sentamos no rústico e único banco do parque.

Ladin contou-me que, após os seus cinco anos de aprisionamento, estava excluído de seu púlpito para sempre. Ele me explicou que agora ministrava como “pastor secreto” e falou-me sobre as muitas vezes em que fora aprisionado e espancado por causa desse trabalho, desde que fora liberto da prisão.

Eu mesmo havia conduzido Ladin a Cristo, quando ele estava à beira do suicídio, muitos anos antes. Agora, ouvindo-o contar as torturas pelas quais passara e sua atual situação, perguntei-lhe: “Ladin, em todos aqueles anos na prisão, alguma vez você se ressentiu de eu tê-lo conduzido ao Senhor, já que isso o fez passar por torturas?”

“Não”, replicou ele. “Nunca. Nem por um momento sequer!” Em face do seu firme tom de voz, percebi que ele falava a verdade.

Da conversa com Ladin, assentado ali comigo, tive a impressão de que durante meus treze anos de ausência, o país inteiro fora transformado em uma imensa “prisão” e que eu saíra de uma prisão menor para uma maior.

“Haralan”, disse Ladin tranqüilamente, “as coisas estão muito, muito difíceis para todos os crentes. Uma profunda mudança aconteceu na Bulgária. Muitas igrejas rurais foram fechadas, ao passo que as igrejas das cidades são controladas pelos comunistas. Seus próprios homens foram colocados nos púlpitos, e há agentes da Polícia Secreta em todas as reuniões. Mas existe um grande número de crentes que não dobraram os joelhos diante de Baal, e nunca desistiremos. Reunimo-nos em celeiros e casas particulares ou mesmo em qualquer lugar onde seja possível”.

“Ladin”, eu repliquei, “isto parece com o que fiz na prisão, nestes treze anos. Talvez eu possa fazer bom uso daquela experiência agora”.

Ficamos assentados, em silêncio, no banco do parque, cada qual imerso em seus próprios pensamentos, observando os esquilos brincarem no chão, enquanto o vento da noite ficava cada vez mais frio. Pouco falamos, ao voltar para a casa de nosso tio, cada um profundamente entregue aos seus próprios pensamentos.

Enquanto caminhávamos, o vento da noite tornou-se bastante frio. Uma tempestade começava a formar-se, no norte, e parecia pressagiar coisas.

No entanto, a mão de Deus também estava sobre nós. Ele estivera comigo em meio às condições que deixam atônita a imaginação. E continuaria a proteger-me. O primeiro “milagre” após a minha libertação aconteceu quando recebi a “permissão de residência” em Sofia, nossa capital, e quando recebi da polícia a permissão de ir até lá, para tirar minha carteira de identidade.

Não sei como consegui tal coisa. Ter “permissão de residência” para morar em Sofia, naqueles dias, significa o que a cidadania romana significava para o apóstolo Paulo. Sofia era o centro de tudo, e muitos búlgaros teriam pago bastante dinheiro para obterem tal permissão, mas não podiam fazê-lo. Pois, na Bulgária, na Rússia e em outros países comunistas, os “camaradas” tentam controlar todo movimento das pessoas.

Você precisa ter um “passaporte interno”, até para viajar dentro do país. Ninguém escolhe o lugar em que deseja viver. Você mora *onde* os comunistas indicam, e muda-se *quando* eles determinam.

Portanto, nem mesmo em um milhão de anos eu teria conseguido permissão de residência em Sofia. Mas Deus o conseguiu, usando oficiais comunistas para isso. Deus ainda tinha um plano para a minha vida.

Eu disse: “Obrigado, Senhor! Sei que ainda tens um trabalho para eu fazer em Sofia”. E fui para lá, com a esperança de conseguir um pequeno lugar para morar.

Mas eu era um “ex-prisioneiro” e um pastor evangélico não-licenciado. Qualquer destas descrições era suficiente para gravar a “marca de Caim” em um homem, por toda a sua vida. E eu era ambas as coisas! Logo que as autoridades de locações viam meus papéis e percebiam quem eu era, rejeitavam-me.

Por iniciativa própria, procurei em todos os lugares, mas não pude encontrar um lugar para morar — nem mesmo um cômodo pequeno, quanto menos um apartamento. Alguns dos ex-membros de igrejas arriscavam-se, convidando-me a morar com eles por algum tempo. Todavia, não querendo causar-lhes perigo, eu continuava

procurando. Eu orava: “Senhor, até os passarinhos têm seus ninhos. Sei que tens um lugar para mim”.

Ele realmente tinha. Não demorei a encontrar um sótão abandonado e vazio, que era usado para guardar malas e maletas. Era um local minúsculo, poeirento e cheio de teias de aranha. A água da chuva gotejava do telhado. Não havia aquecimento, nem água. Era tão pequeno que só tinha espaço para uma cama minúscula, uma escrivaninha menor ainda e uma cadeira.

Os crentes que chegavam a vê-lo ficavam surpresos de que eu fosse capaz de viver em um cantinho tão pequeno, mas eu me sentia feliz ali. E disse a um dos antigos membros de minha igreja: “Na prisão, vivi durante anos, com mais sete ou oito homens, em um espaço tão pequeno quanto este”.

Pela expressão dele, percebi que tinha dificuldade para acreditar em mim. O lugar era *pequeníssimo*. Para chegar ao meu pequeníssimo sótão, eu subia cinco lances de escada, até ao último andar de um edifício; depois, subia por uma escada vertical através de uma abertura no teto e me enfiava no sótão. Foi muito trabalhoso carregar minha minúscula cama escadas acima!

Quando chovia, as gotas atravessavam os buracos no telhado, e, visto que minha cama cobria quase toda a área do minúsculo quarto, a água gotejava principalmente sobre ela. A única janela tinha a vidraça quebrada; por isso o frio ali era intenso. Mas, quando eu cobria a janela com papel, a luz era impedida de entrar. Assim, resolvi que seria melhor passar frio do que ficar na escuridão. Portanto, fiquei com a janela aberta e passei todo o inverno envolto em cobertores. Mas o quatinho era um presente de Deus, e Lhe agradecia pelo mesmo.

Na primeira noite que passei em meu sótão frio, houve uma tempestade, e a chuva molhou toda a cama. Fiquei enrolado nos cobertores, doados pelos crentes, pensando em Rute, Rode e Paulo, que estavam na Suécia; imaginando o que estariam fazendo, naquela noite. “*Eu os veria novamente?*” — Perguntei a mim mesmo. Finalmente, cai em um sono instável e agitado.

Admirável “*babba*” Maria

Havia apenas um consolo em meu “lar”, no sótão. Era a *babba* Maria. *Babba* é uma carinhosa palavra búlgara para *vovó*. *Babba* Maria era uma senhora crente, idosa, de corpo encurvado e tinha setenta e dois anos; mas, apesar disso, era cheia de energia. Vivia em um dos andares abaixo do meu. Ela passou a ser uma mãe para mim.

Babbá Maria era uma notável senhora de idade e uma das pessoas mais inesquecíveis que já conheci. Era uma mulher irrepreensível em suas responsabilidades e parecia realmente acreditar que nosso Pai celeste é o dono do gado, aos milhares sobre as montanhas.

Ela fora uma obreira evangélica desde a juventude, e sua fé irrepreensível, contagiante e transbordante em Deus animava a todos que conversavam com ela. Que gigante espiritual, e que coluna de força era *babba* Maria!

Parecia que nada era capaz de deixá-la desanimada. Quando as coisas pareciam mais difíceis, podíamos contar com a *babba* Maria, para nos saudar com um sorriso e dizer: “Ora, quem é que está no trono? Deus ou o diabo?” E o espírito de todos os presentes se reanimava. Ela era uma mulher que andava bem perto do Senhor e tinha uma fé invencível. De todos que a conheciam, ninguém a esqueceria, especialmente os comunistas, que uma ou duas vezes tentaram interromper uma de suas reuniões de oração.

“Olhe aqui, jovem”, ela disse, repreendendo severamente um jovem policial, “Deus me disse para orar. A quem devo obedecer: a você ou a Deus?” O jovem policial somente gaguejou alguma coisa e se afastou. Ela nunca mais foi perturbada.

Um dia, ela me disse: “Haralan, desça daí. Vamos começar uma reunião de oração, e você vai dirigi-la”.

Ninguém jamais ousava responder “não” à *babba* Maria. Assim, iniciei a reunião de oração e as aulas bíblicas em seu pequeno apartamento. Eu citava trechos bíblicos dos quarenta e sete capítulos que havia decorado na prisão, ministrando a Palavra de Deus para os crentes. De muitos modos, isso foi semelhante ao meu ministério secreto na prisão. Quando terminei, *babba* Maria disse: “Graças a

Deus! Não temos qualquer Bíblia, mas Deus nos deu uma ‘Bíblia’ que vive no sótão”.

Daquela noite em diante, nos reuníamos, orávamos e recitávamos as Escrituras. Havia uma comunhão bendita e feliz. Não existe nada mais agradável do que a comunhão dos verdadeiros crentes, uns com os outros, quando cercados por dificuldades e sofrimentos. Agora, eu podia perceber a comunhão de que Paulo tanto sentiu falta, quando da prisão em Roma, escreveu aos crentes.

Pouco depois de começarmos as reuniões, recebi um grande presente de Deus. Chegaram notícias de que Rute conseguira unir-se a um grupo de turistas suecos que viria à Bulgária e que já estava a caminho, para encontrar-se comigo em poucos dias! Como o meu coração saltou de alegria por causa dessa notícia! Eu vira Rute pela última vez onze anos antes, na prisão. *Babba* Maria estava tão feliz quanto eu. Ela repetia: “Você está vendo, Haralan? Eu lhe disse que todas as coisas são possíveis para Deus”.

À medida que se aproximava o dia da chegada de Rute, eu ficava mais e mais feliz, como uma criança. Não podia dormir à noite e permanecia deitado em meu leito, no sótão, enquanto a água da chuva escorria do telhado cheio de goteiras... eu pensava sobre a última vez em que vira Rute, onze anos antes. Naqueles onze anos, eu nunca me dera ao luxo de admitir a idéia de vê-la novamente ou às crianças. Tais esperanças tinham enlouquecido a homens fortes. Mas, conforme *babba* Maria não cessava de dizer: “Deus ainda está no trono”.

Chegou, finalmente, o grande dia. Cinco horas antes da chegada do avião em que Rute viria, eu já estava no aeroporto, esperando ansiosamente por ela. O avião chegou com atraso de uma hora e catorze minutos. Foram a hora e os 14 minutos mais demorados que já vivi. Pareceram 114 anos! Finalmente, o avião chegou, e encontrei Rute bem ao lado da alfândega. Gritei: “Rute, aqui”.

“Haralan!” exclamou ela, por sua vez. Logo estávamos nos braços um do outro. Onze anos sem qualquer esperança de revê-la; agora, ela estava comigo. “Haralan!” — ela falou ofegante e logo engoliu as palavras. Penso que eu ainda tinha uma aparência horrenda.

Voltamos ao apartamento de *babba* Maria. Esta preparou chá para nós, enquanto Rute me falava sobre Paulo, Rode e seu esposo.

Meu coração se comoveu tanto que não pude contê-lo, quando ouvi falar das boas notas de Paulo, na escola, e de como a pequena Rode crescera e se casara com um excelente médico crente. Rute mostrou-me as fotografias recentes de nossos filhos. Ri e chorei quase ao mesmo tempo.

“Haralan”, disse Rute, “estou em companhia do grupo de turistas. Essa foi a única maneira que encontrei para entrar na Bulgária e terei de voltar com eles, em breve. Mas, logo que Paulo formar-se e arranjar um emprego, tornando-se capaz de cuidar de si mesmo, voltarei para ficar aqui, em sua companhia”.


“Rute, esta não é uma vida para você”, respondi. “Não sei o que o futuro me reserva, mas não quero que você viva nestas condições. É melhor que permaneça na Suécia. Meu futuro é muito incerto.”

“Haralan, você é meu esposo”, replicou ela, entre lágrimas, “e quero estar com você onde quer que seja. Não me importo com o que nos aconteça, nem com as condições de vida”.

O dia do retorno de Rute chegou mais rápido do que eu pensava. Levei-a na triste viagem até ao aeroporto. Tivemos uma despedida comovente, pois não sabíamos se nos veríamos novamente. O avião levantou vôo rumo à Suécia, e voltei sozinho ao meu quartinho no sótão, profundamente triste e com o coração partido.

“Deus”, orei, quando caí na cama, “dá-me forças. Durante toda a minha vida, tenho procurado fazer somente a tua vontade. Não me decepcionaste na prisão. Dá-me forças, agora”.

Em profundo desespero, clamando de todo o coração, senti a presença de Deus enchendo o meu quartinho, da mesma maneira como o fizera nas celas da prisão, durante treze anos. Orei: “Senhor, minha vida é aqui, com o meu povo”. Então, caí em sono profundo.



Espiões da igreja vigiam os espiões

Terminada a emoção da visita de Rute, dediquei-me, com determinação, às reuniões secretas de oração e estudo bíblico em grupo. Gradualmente, a enormidade da tragédia que devastara nossas igrejas, em minha ausência de treze anos, atingiu-me com toda a sua força. Tudo o que Ladin me dissera era verdade, e mais ainda.

Meu coração ficou desolado, quando vi o que acontecera. Igrejas que tinham duzentos ou trezentos membros diminuíram para quinze ou dezesseis! Igrejas que realizavam quatro, cinco ou mais reuniões por semana agora realizavam apenas uma. Pastores que se recusaram a “cooperar” na estrangulação da igreja foram removidos e substituídos por pastores “cooperadores”.

Escolas Dominicais foram proibidas; e havia espiões da Polícia Secreta em todas as reuniões. Eles queriam saber quem estivera ali, o que fora dito, quem havia orado mais fervorosamente e se ocorrera qualquer tentativa de fazer novos convertidos.

Eles nem tinham necessidade de preocupar-se, porque, de modo geral, os “novos pastores” instalados mostravam-se extremamente zelosos em impor as leis religiosas.

Um aparato policial de controle total estendera os seus tentáculos, à semelhança de um polvo, ao redor das igrejas, em um abraço mortal.

Para certificar-se de que controlavam tudo o que era feito e dito nas igrejas, a Polícia Secreta tinha espiões em todas as reuniões, para vigiarem os seus próprios “novos pastores”. Havia espiões que espionavam os espiões! Apesar disso, muitos crentes verdadeiros permaneciam nessas igrejas, para manterem vivo algum tipo de testemunho cristão. Entre esses crentes, veiculava a piada de que os espiões da Polícia Secreta eram os membros mais assíduos da igreja. Nunca perdiam uma reunião!

O espião da Polícia Secreta de cada igreja local esforçava-se por manter secreta a sua identidade, mas os verdadeiros crentes logo a descobriam. Os crentes perguntavam a si mesmos: quem estava presente em quase todas as reuniões? Quem parecia ouvir com mais atenção toda a palavra vazia e inútil dita pelos novos pastores, instalados pelos comunistas? Quem melhor se encaixasse nessa descrição era, em quase todos os casos, o espião enviado pela Polícia Secreta!

Em uma igreja, os crentes resolveram que o espião da Polícia Secreta precisava do verdadeiro evangelho. Começaram a detê-lo à porta do templo, após cada sermão, para discutir sobre quão maravilhoso fora o “sermão”, melhorando-o consideravelmente ao recontá-lo. O espião da Polícia Secreta tinha de mostrar-se muito interessado, para conservar a sua “máscara”. Reunião após reunião, os crentes vinham ao encontro dele, para falar-lhe sobre Deus, até que ele não suportou mais aqueles “fanáticos religiosos” e pediu a sua transferência.

Evidentemente, um “novo convertido” uniu-se à igreja poucos dias mais tarde; e os crentes perceberam que ele era o substituto enviado pela Polícia Secreta. Iniciaram o “ataque” contra ele, também. Assim, os crentes irrepreensíveis daquela igreja levaram um homem após outro da Polícia Secreta a pedir transferência!

Mas as táticas de “desgaste” usadas pelos comunistas começavam a fazer efeito. A técnica era simples. Logo que o “pastor” conseguia *reduzir* o número de crentes na igreja, as autoridades intervinham e declaravam que “não havia interesse suficiente”, ordenando que a igreja fosse fechada, e o templo fosse usado para um fim mais proveitoso. As igrejas do interior, das aldeias e dos vila-

rejos foram as mais atingidas, e muitas delas, fechadas. Usando essa tática astuciosa, nunca parecia que a igreja sofria perseguição externa. As autoridades sempre podiam jactar-se de que “a igreja foi fechada por falta de interesse”.

Em cada cidade principal, uma ou duas igrejas eram deixadas abertas, mas “pastoreadas” por homens aprovados pela Polícia Secreta. Estrangeiros eram conduzidos até ali, onde lhes era mostrado que no país havia “liberdade religiosa”. Apesar disso, permanecia um “remanescente” fiel, mesmo nas igrejas oficiais, resolvido a conservar seu testemunho e manter abertas as portas da igreja, de modo que as autoridades não pudessem alegar que havia “falta de interesse”.

Então, um novo golpe atingiu os crentes que permaneciam nas igrejas. Os jovens, um por um, começaram a receber intimações para comparecer à delegacia local da Polícia Secreta. Ali chegados, perguntavam-lhes: “Por que vocês não perceberam o óbvio e não abandonaram a igreja? Ali não há lugar para vocês; queremos vocês fora de lá. E, se não entenderem o que pretendemos dizer, encontraremos um meio de sermos melhor compreendidos”.

A maioria dos homens mais jovens se recusava a desistir. Um por um, eram chamados de volta à delegacia da Polícia Secreta, à noite, onde eram espancados de um modo que não deixasse qualquer marca visível. Os espancamentos continuavam até às cinco ou seis horas da manhã; depois, os homens eram mandados de volta ao seu lar, com a recomendação: “Se contarem o que aconteceu a qualquer pessoa, inclusive à esposa, perderão a vida. Estejam aqui novamente às dez horas da noite!”

Muitos de nossos melhores jovens tinham de deixar suas famílias a cada noite, após o jantar, a fim de se apresentarem para os espancamentos.

Sofreram em silêncio, por amor a Cristo, sem contarem nada.

Aqueles espancamentos secretos, que atingiam a todos que parecessem “zelosos” em sua fé em Cristo, eram uma provação regular, de todas as noites, para muitos dos nossos — tal como sucede hoje na Rússia e muitos outros países comunistas.

“Oficialmente”, isso não está acontecendo, mas milhares de homens, hoje, carregam em silêncio esse fardo por causa de Cristo.

Subterrânea com Deus

Devido as igrejas estarem fechadas ou controladas pelos comunistas, seguimos o padrão da Igreja Primitiva em Roma, criando uma “Igreja Subterrânea”, ou das “catacumbas”.

Nas cidades grandes, os crentes começaram a fazer encontros subterrâneos e cultos nas casas uns dos outros, espalhadas pela cidade, sempre alternando o ponto de encontro para não serem descobertos.

Estas reuniões são perigosas porque em todos os países comunistas, a realização de cultos fora de locais “licenciados” é ilegal. As igrejas subterrâneas necessitavam desesperadamente de aulas bíblicas tanto quanto de assistência pastoral como qualquer igreja “normal”; então eu me dediquei à Igreja Subterrânea ativamente, indo à casa de crentes em Sofia, conduzindo as reuniões, orações e aulas. Minha agenda estava cheia destes compromissos.

Logo formou-se um “padrão” para meus encontros subterrâneos. Por volta da meia-noite, tínhamos uma reunião na casa de algum crente. Os dois horários favoritos eram meia-noite e seis da noite. Para os encontros da meia-noite, as pessoas começavam a chegar de duas a duas ou de três em três, por volta das oito horas; quatro horas antes do encontro era o ideal para que se iniciasse este movimento. As pessoas nunca vinham em número superior a três ou quatro a fim de não levantar suspeitas. Alguns minutos após a chegada dos primeiros dois ou três, mais dois ou três “apareciam”. Poucos minutos passariam e os próximos dois ou três chegariam. Assim, um grupo relativamente grande poderia reunir-se sem chamar atenção. Geralmente eu era o último a chegar, já que na maioria das vezes saía correndo de um encontro subterrâneo para outro e não dispunha de tempo para esperar tanto pelo início da reunião. Por volta da meia-noite quando chegava no local marcado, quase sempre encontrava as ruas desertas e a vizinhança em absoluta quietude. Todas as janelas estavam fechadas. Ninguém pensaria em encontrar uma pessoa pelas redondezas, mas quando entrava, freqüentemente encontrava de vinte e cinco a trinta pessoas apinhadas, esperando o início da reunião.

As pessoas fazem barulho. Mesmo quando não conversam ou

dizem uma palavra sequer, geralmente fazem barulho *só de estarem presentes* – uma tosse, barulho de passos, ou alguma coisa assim. Mas percebi na prisão e também naqueles momentos, que os crentes que adoram na igreja subterrânea não fazem barulho algum, mesmo quando em grupos de vinte e cinco ou mais. É uma coisa interessante.

Geralmente os homens encostavam-se nas paredes. As mulheres sentavam-se em camas ou revezavam-se em cadeiras e, os mais jovens agachavam-se no chão. Às vezes, corríamos o risco de cantar um hino (cantávamos em voz baixa para não sermos ouvidos). Alguns choravam quando nos encontrávamos e cantávamos os belos hinos, assim como os crentes da Igreja Primitiva.

“Meus queridos irmãos e irmãs em Cristo”, eu começava, “nos encontramos aqui para adorar o nosso Senhor e ouvir sua Palavra. Ele está aqui conosco nesta noite.” E eu prosseguia. Era perigoso reunirmo-nos, portanto, quando o fazíamos, permanecíamos por três ou quatro horas. Terminávamos orando uns pelos outros e por todos os demais irmãos, que se reuniam naquela noite, em nosso país e na Rússia. Quando o encontro finalmente terminava, tínhamos de sair da mesma forma como chegamos, de dois em dois, ou de três em três. Novamente, eu seria o primeiro, devido à minha programação. Demorava tanto para nos reunirmos quanto para nos dispersarmos. Após as reuniões em que tínhamos mais gente, ainda havia alguns saindo às seis ou sete da manhã, quando as ruas já estavam movimentadas por pessoas se dirigindo aos seus trabalhos.

Igrejas pequenas como esta surgiam por todo o país, enquanto a perseguição despertava nos crentes sinceridade e dedicação profundas. Eles estavam dispostos a arriscar seu lar, seu trabalho e até sua liberdade para congregarem-se e adorar.

Evangelismo de aniversário

Sempre improvisávamos e descobríamos novas maneiras de nos reunirmos, ensinarmos a Palavra de Deus e termos comunhão uns com os outros. Logo descobrimos que as melhores oportunidades eram os dias de aniversário, porque era comum e seguro os grupos se reunirem em tais ocasiões. Não havia perigo de detenção, nem a

necessidade de nos reunirmos em segredo ou cantarmos em voz abafada. Afinal de contas, era apenas uma “festa de aniversário”. Os aniversários se tornaram uma das ocasiões favoritas para as igrejas subterrâneas se reunirem e adorarem juntas.

Os aniversários nos davam uma oportunidade tão maravilhosa, que muitas famílias crentes, com três ou quatro membros, começaram a festejar *quinze ou vinte “aniversários” por ano!* Eu mesmo passei por tantos “aniversários”, que, se tivesse tantos anos quantos eram minhas festas de aniversários, teria quase a idade de Matusalém! Tínhamos os crentes “mais idosos” do mundo, nas igrejas subterrâneas.

Casamentos e funerais também nos proporcionavam ótimas oportunidades para pregarmos o evangelho abertamente. Uma dessas cerimônias de casamento, na qual eu não podia officiar por não ser um pastor “registrado”, demorou apenas dez minutos. Depois, alguém disse: “Muito bem, pastor Popov, suba aqui e apresente aos noivos seus parabéns!” Fui até à frente da sala e “desejei-lhes felicidade” durante três horas! Preguei, citei a Palavra de Deus e ensinei as Escrituras, como se estivesse de volta ao meu púlpito, antes do aprisionamento.

Que ocasiões maravilhosas eram aqueles casamentos!

Após um casamento, preguei durante um tempo excessivamente longo, e todos ouviam com atenção cada palavra. Depois, um dos homens aproximou-se e disse: “Haralan, aposto que você vive orando para que alguém se apresse e case, para que você tenha uma reunião”. A sua filha, que tinha quase dezesseis anos, estava em pé ao lado dele. Eu lhe disse: “Agora, Larissa, estou contando com seu casamento no ano que vem. Não me decepcione!” Ela corou, enquanto seu pai soltou uma gargalhada.

De maneiras incontáveis, improvisávamos e descobríamos novas oportunidades de nos reunirmos, adorarmos e propagarmos o evangelho em secreto. O Senhor esteve comigo, admiravelmente, em muitas ocasiões. Certa vez, eu ensinava a um grupo de crentes à meia-noite, em uma casa, quando ouvimos o ruído de passos que desciam pela calçada e pararam em frente da porta. Um dos homens olhou pela veneziana e sussurrou: “É um policial”. Começamos a orar

fervorosamente, em nossos corações. Não demorou até que o ouvíssemos afastando-se.

Evidentemente, algumas vezes a polícia conseguia descobrir alguma reunião secreta. Então, o líder era encarcerado, os nomes dos presentes, anotados, e os homens, chamados para serem interrogados, e, às vezes, passaram por “sessões de instrução”, que duravam toda a noite e constava de espancamentos no porão da sede da Polícia Secreta.

No entanto, algo maravilhoso começou a acontecer na Igreja Subterrânea. Quando as chamas da perseguição aumentaram, queimaram a palha e o feno, deixando somente o trigo dourado. O sofrimento *purificava* a igreja e unia os crentes em um admirável espírito de amor fraternal, tal como o que deve ter existido na Igreja Primitiva. Pequenas diferenças eram abandonadas. Os irmãos se amavam, cuidavam e levavam as cargas uns dos outros. Não havia crentes nominais ou “mornos”. Não fazia sentido alguém ser um crente de ânimo dividido, visto que era tão elevado o preço a ser pago por causa da fé. Assim, houve grande crescimento e riqueza espiritual em Cristo, como eu nunca vira antes, quando éramos livres.

Era como se o espírito da Igreja Primitiva tivesse descido, em toda a sua beleza, plenitude e amor, sobre os crentes da Igreja Subterrânea. Cada membro, homem, mulher ou jovem, era obrigado a “calcular o preço” e resolver se servir a Cristo valeria o sofrimento. E, para grande frustração dos comunistas, essa foi a coisa mais saudável que poderiam ter feito pela igreja, pois os falsos crentes desistiam, mas os verdadeiros ficavam cientes do que Cristo significava para eles e ficavam mais dedicados do que antes.

Quando os crentes eram descobertos em suas reuniões secretas, alguns deles eram enviados ao exílio, a lugares remotos de nosso país. Ao chegarem a seu destino, começavam a semear a Palavra de Deus naquele lugar, como o tinham feito em sua cidade natal e exatamente como o tinham feito os discípulos da Igreja Primitiva que, motivados por perseguição, divulgaram a Palavra de Deus até às fronteiras mais distantes do mundo conhecido naquela época.

Hoje em dia, nos países comunistas, a história cristã da época de perseguição repete-se com a Igreja Subterrânea.

O lixeiro de Bíblias

Trabalhando na Igreja Subterrânea, comecei a enfrentar as tragédias de crentes que ficam sem a Palavra de Deus.

Não há palavras capazes de descrever o vazio que surge no coração de um crente, quando lhe negam a Palavra de Deus. Nada poderia ser mais “anormal”. É como se um peixe estivesse fora da água ou como se um pássaro estivesse sem espaço para voar. Os crentes são *criaturas da Palavra de Deus* e devem tê-la para crescerem espiritualmente.

Um dia, conheci, na rua, um homem idoso, com roupas sujíssimas, que se aproximou e disse: “Pastor, o senhor não me conhece, mas eu o conheço e tenho comigo uma coisa que desejo lhe mostrar”. Suspeitei dele, pensando que poderia estar a serviço da Polícia Secreta. Então, percebi que nenhum dos orgulhosos homens da Polícia Secreta apareceria em público imundo daquele jeito; assim, ele deveria ser sincero. Ele abriu seu casaco rasgado e mostrou-me um livro despedaçado, parcialmente queimado, em terrível condição. Estava tão manchado e sujo que a princípio, nem pude imaginar que tipo de livro era aquele. Então, o homem abriu as páginas, e vi que era uma Bíblia! Estava parcialmente queimada, e faltavam páginas — mas era uma Bíblia!

Tomando-o pelo braço e levando-o a um canto, para que nossas palavras não fossem ouvidas, perguntei-lhe: “Onde você arranjou esse livro?”

“No aterro sanitário de Sofia”, respondeu ele.

“No aterro sanitário!”, exclamei.

“Como...?” Mas, antes que eu pudesse terminar a pergunta, ele me interrompeu: “Cavo os montes de lixo à procura de qualquer coisa que tenha algum valor, e vendo. É assim que eu vivo. Um dia, estava remexendo debaixo de um monte de lixo, quando vi um livro velho e parcialmente queimado. Peguei-o e descobri que era uma Bíblia queimada pela metade. Imaginei que deveria ser uma das Bíblias que eles estão tirando do povo, para destruí-las. Pensei que tinha encontrado o lugar onde estavam jogando fora as Bíblias e concluí

que, se aquele era o lugar onde eles queimavam as Bíblias, era lá onde eu deveria ir para trazê-las de volta”.

E continuou: “Desde então, continuo indo até lá, porque já me conhecem. Mas agora, junto outras coisas somente como ‘disfarce’, para meu propósito de pegar as Bíblias. A única coisa que me interessa é achar as Bíblias e pô-las em circulação outra vez. Penso que, se as autoridades não querem que elas circulem, devem ser boas”.

Não pude deixar de rir em meu íntimo. Esse tipo de humor era típico entre os que viviam debaixo do comunismo. “Além disso”, continuou o homem, “posso ganhar a vida, roubando-as de volta daqueles que roubaram-nas primeiro”.

“Aqui está, pastor”, sussurrou ele, entregando-me a Bíblia. “Quero que o senhor fique com Bíblia, para fazer o seu trabalho.” Comecei a agradecer-lhe, mas ele se virou e afastou-se.

“Aonde você vai?”, perguntei. “Quero agradecer-lhe, de alguma maneira”.

“Não”, respondeu ele, “preciso ir andando”.

Eu sabia para onde ele estava indo. Nunca mais o encontrei, mas, de vez em quando, via Bíblias parcialmente queimadas e amassadas nas reuniões secretas. Eu sabia que o velho “lixeiro de Bíblias” continuava agindo.

Quão justo! Os comunistas roubavam as Bíblias das mãos do povo; o lixeiro as roubava das mãos dos comunistas e as colocava de novo em circulação.

Eu pregava e ensinava a Palavra de Deus nas pequenas e diversas congregações da Igreja Subterrânea, que agora se reuniam regularmente em toda a cidade de Sofia. Aquela Bíblia significava muito para mim, porque eu só havia memorizado 47 capítulos e esquecera os outros.

Após uma reunião, bem tarde da noite, com um grupo de crentes que se reuniam em secreto, uma jovem de cerca de dezesseis anos se aproximou de mim. Eu a reconheci como uma das novas convertidas que há pouco se unira à Igreja Subterrânea.

“Pastor Popov”, perguntou ela, olhando para a Bíblia parcialmente queimada que o velho me dera, “eu poderia emprestar a sua Bíblia até amanhã de manhã?”

“Sim, com certeza”, eu respondi.

Ela levou a Bíblia. E, conforme dissera, na manhã seguinte a devolveu no apartamento de *babba* Maria. Agradeceu-me muito. Mas, antes de ir embora, voltou-se para mim e perguntou: “Pastor, eu poderia emprestar novamente a sua Bíblia, depois da reunião desta noite?”

“É claro que sim”, eu disse, curioso para saber por que ela desejava ficar com a Bíblia durante toda a noite. Na manhã seguinte, ela me devolveu a Bíblia prontamente e tornou a perguntar: “Onde o senhor pregará nesta noite?” Eu lhe satisfiz a curiosidade. Ela replicou: “Se eu for lá, poderei emprestar sua Bíblia novamente, para devolvê-la amanhã cedo?”

Eu estava morrendo de curiosidade e não pude mais conter-me. “É claro que você pode emprestá-la, mas por quê? O que você faz com a Bíblia? Você a lê pelo resto da noite?”


Ela explicou: “Não, pastor. Se eu a levasse para casa apenas para ler, ela não ficaria comigo na manhã seguinte. Levo-a para casa e copio o maior número possível de versículos, desde a meia-noite até o amanhecer. Se eu tiver uma boa noite, poderei copiar diversos capítulos!” Ela disse emocionada.

E acrescentou, orgulhosamente: “Um dia, se eu continuar copiando, terei uma Bíblia só minha! Isso não será maravilhoso, pastor?”

Fiquei profundamente comovido e lhe disse: “Você pode ficar com a Bíblia esta noite e *cada noite*, e durante o dia também, se quiser, até que tenha sua Bíblia pronta”. Ela bateu palmas, quase pulando de alegria: “Oh, pastor, muito obrigada!”

Depois que ela saiu, fiquei com o coração partido. Ali estava uma mocinha emocionada pela idéia de trabalhar incontáveis vezes, durante toda a noite, copiando as Escrituras, para que um dia tivesse sua própria Bíblia.

Quão faminto e desesperado pela Palavra de Deus estava o meu povo! Isso acontecia em toda a Bulgária. E o que podemos dizer sobre aqueles que nem tinham uma Bíblia parcialmente queimada para copiar? Esta é uma grande tragédia de nossos dias.



“Fábrica subterrânea de Bíblias”

Um dia, ouvi sobre uma fábrica subterrânea de Bíblias, estabelecida no quarto dos fundos da casa de um crente, nas proximidades de Sofia. Eu fui até lá. Passando por uma pequena porta dos fundos, tão baixa que tive de inclinar-me para entrar, cheguei a uma sala bem iluminada, com panos grossos colocados sobre as janelas. No interior, encontrei uma mesa comprida e sete pessoas assentadas ao seu redor trabalhando arduamente. A maioria era jovem, e um homem de mais idade atarefado em copiar, numa das extremidades da mesa. Eles nem ergueram a cabeça, quando fui introduzido na sala. Eu acabara de chegar à “fábrica subterrânea de Bíblias”.

Era uma cena incrível, que demonstra bem a situação dolorosa dos crentes em países dominados pelos comunistas e sem as Escrituras. Eles conseguiram, de algum modo, uma Bíblia e separaram-na cuidadosamente em livros. Cada “grupo de trabalho”, na mesa, tinha a incumbência de copiar um único livro, muitas vezes, por meio de escrita lenta e cuidadosa. Em outros “grupos de trabalho”, as pessoas estavam ocupadas com outros livros, como o de João, Lucas e Atos dos Apóstolos. Quando um grupo cansava, era substituído por outro grupo, em turnos, de modo que o trabalho não parasse. O trabalho de copiar manualmente se estendia por doze horas, cada dia. Quando terminavam um livro da Bíblia, este era reunido a outros livros já

prontos, e todos eram costurados juntos, para formar uma Bíblia completa.

Quando a Bíblia copiada à mão ficava pronta, era cuidadosamente encapada em couro e enviada a um grupo de crentes da Igreja Subterrânea, em algum lugar da Bulgária. Essa “fábrica de Bíblias” produzia anualmente vinte e cinco Bíblias copiadas à mão, sempre com grande risco e ao custo de horas incrivelmente longas de trabalho.

Embora eu nunca as tivesse visto, ouvi falar que existiam outras “fábricas de Bíblias”, pois nossos irmãos em Cristo, da Igreja Subterrânea, trabalhavam com grande urgência, a fim de produzir Bíblias para nosso povo faminto das Escrituras.

Uma noite, quando terminei uma reunião, na casa de um dos crentes, um dos presentes me entregou um pedaço de papelão que continha páginas impressas e me disse: “Veja isto, pastor”. Examinei o que ele me entregava. Era um livro evangélico intitulado “A Senda do Calvário”, escrito por Roy Hession. E totalmente copiado à máquina, e suas páginas eram costuradas a agulha e linha, entre as capas de papelão.

Perguntei: “Onde é que você arranjou isso? É maravilhoso!”

Ele explicou: “Há um homem aleijado que fala inglês morando do outro lado da cidade. Ele tem uma máquina de escrever antiga e quebrada. Ele arranja esses livros evangélicos e, como é aleijado, passa o tempo traduzindo-os e copiando-os à máquina, com algumas folhas de papel carbono. Quando ele termina uma cópia, começa a copiar tudo novamente. Prepara de quatro a cinco cópias por vez e depois datilografa tudo de novo. Seus livros impressos à máquina estão circulando, de mão em mão, por toda a Bulgária”.

Obtive o endereço dele e fui ao seu pequeno apartamento. Quando entrei, a primeira coisa que vi foram pacotes de papel empilhados até certa altura, por toda parte. Eu não podia acreditar. Comprar tal quantidade de papel atrairia imediatamente a atenção da Polícia Secreta, que começaria a fazer-lhe perguntas. Ele viu a admiração em meu rosto e riu, respondendo minha pergunta antes mesmo que eu a fizesse: “Pastor, quando há boa vontade, dá-se um jeito. Há crentes por toda parte de Sofia que me ajudam. Cada um compra um pouco de papel aqui, um pouco ali, em pequenas

quantidades. Todos trazem o papel para cá, e eu o uso para copiar à máquina esses livros que traduzi”.

Ele continuou, explicando como trabalhava, enquanto me mostrava um livro após outro que estavam no processo de tradução. Então, mostrou-me uma pilha de livros prontos, para serem expedidos. Seu pequeno apartamento era uma verdadeira livraria evangélica secreta, na própria capital comunista da Bulgária!

Embora ele não pudesse deixar o apartamento, os livros e a literatura que ele produzia em sua velhíssima máquina de escrever, em seu minúsculo e abarrotado apartamento de Sofia, estavam levando incontáveis bênçãos a centenas e, talvez, a milhares de pessoas por toda a Bulgária.

Esses esforços heróicos da Igreja Subterrânea me comoviam profundamente. Vi sacrifícios acima das possibilidades. Contudo, nem mesmo sacrifícios tão heróicos e esforços como esses podiam satisfazer a necessidade de nosso povo por Bíblias, hinários, livros evangélicos e literatura para os jovens. Todos esses esforços heróicos produziam apenas uma fração do que era necessário.

As “fábricas de Bíblias” trabalhavam dia e noite, mas, quando muito, produziam apenas de vinte e cinco a trinta Bíblias por ano.

Crentes jovens, como aquela mocinha, pediam emprestadas qualquer Bíblia disponível, copiando-as desesperadamente, durante a noite inteira, mas isso ainda não era suficiente. Uma antiga máquina de escrever, nas mãos de um aleijado, produzia alguns livros; isso, porém, era apenas uma gota no balde, em comparação com a necessidade.

Muitas vezes, jovens crentes se aproximavam de mim, dizendo: “Pastor, precisamos de uma Bíblia. Não há uma Bíblia para nós, em algum lugar?”

Meu coração se comovia ao ver a carência das igrejas subterrâneas. Em todo o país, a tragédia se abatia sobre a Igreja Subterrânea. E meu coração chorava, quando via jovens crentes implorando pelo uso de uma Bíblia, ao menos por algumas horas.

E o que podemos dizer sobre a geração vindoura? Era simplesmente impossível ensinar-lhes a Palavra de Deus, *sem* a Palavra de Deus. Víamos os jovens levando consigo belos livros coloridos sobre

o ateísmo — e não tínhamos *nada* para lhes dar. Eu me prostrava, em meu apartamento no sótão, orando, profundamente aflito. Alguma coisa precisava ser feita. Jamais poderíamos atender à necessidade que havia entre nós, copiando Bíblias à mão. Era evidente que tínhamos de conseguir ajuda externa.

Era cada vez mais evidente que tínhamos de receber ajuda de nossos irmãos em Cristo, que viviam fora da Cortina de Ferro. Alguém tinha de ir ao Mundo Livre, para despertar nossos irmãos em Cristo para essa necessidade e, de algum modo, conseguir Bíblias para nós. Alguém tinha de falar pelas igrejas subterrâneas, que não tinham qualquer voz. Várias pessoas afirmaram que eu tinha de ser essa voz. “Afinal de contas”, eles salientaram, “o pastor tem a sua família na Suécia e melhor ‘razão’ aparente para solicitar permissão de deixar a Bulgária”. E, naturalmente, eu estava ansioso por unir-me a minha família.



Minha missão urgente

O meu coração sentia-se partido ao pensar que teria de deixar minha terra e os crentes da Bulgária, muitos dos quais eu levava pessoalmente ao Senhor e dos quais eu era o pai espiritual e o pastor.

Em meu espírito, eu estava preparado para ficar com meu povo. Contudo, muitos deles continuavam insistindo em que eu deveria partir, reconhecendo eles que, somente tornando conhecidas as nossas necessidades, obteríamos a ajuda que tanto precisávamos. Publicamente, salientavam eles, pareceria às autoridades que eu só desejava unir-me a minha família; e isso era perfeitamente natural. Em secreto, minha verdadeira e mais importante missão seria obter ajuda para a Igreja Subterrânea — uma missão muito mais importante do que somente as saudades da família.

Em vez de trazer Rute de volta à Bulgária, conforme havíamos planejado, agora eu sabia que, de alguma maneira, teria de ir ao mundo livre. *Babba* Maria e muitos crentes, em toda a Bulgária, começaram a orar para que Deus abrisse as portas, e eu pudesse cumprir essa missão. Reuniões de oração foram realizadas em todo o país. Enviei cartas a Rute, pedindo-lhe que escrevesse ao governo sueco, para que este pressionasse as autoridades búlgaras a concederem permissão para que eu fosse à Suécia. Solicitei permissão de saída e meu pedido foi imediatamente rejeitado. Os crentes continuavam orando.

Um dia, recebi uma carta do Ministro do Interior, ordenando-me

que comparecesse ao escritório deles. Quando eu estava saindo de casa, *babba* Maria me parou, e disse: “Irmão Haralan, é o seu passaporte. Você receberá permissão de sair do país!”

Quando cheguei ao escritório, ordenaram-me bruscamente que fosse ao gabinete do Secretário — o segundo oficial mais elevado daquele departamento. Era um homem enorme e gordo, dotado de traços rudes e decididos, um homem com quem não se podia brincar. Quando entrei e assentei-me, ele ficou olhando para mim de sua cadeira. Ele estava muito irado. Suas mãos quase tremiam, e ele não conseguia ocultar sua indignação. Repentinamente, ele gritou: “Popov, sua filha escreveu da Suécia para o Premier russo, pedindo a sua libertação!”

Eu não podia acreditar em meus ouvidos.

O Premier da Rússia!

Rode estava realmente dirigindo-se à cúpula. A carta fora enviada para Sofia e estava ali na escrivaninha, à minha frente. O Secretário apanhou-a e balançou-a diante de mim. “Você pensa que isso o ajudará em seu caso?”, gritou ele. “Você está redondamente equivocado.” Com o rosto vermelho de raiva, o Secretário apontou o dedo para mim e disse: “Popov, você deve escrever à sua família e dizer-lhes que nunca mais escrevam uma carta em seu favor. Você não deve nunca mais fazer outra solicitação para sair do país!”

Elevando o seu tom de voz, devido à fúria, ele gritou: “Estou lhe avisando pela última vez, Popov. Sou encarregado destas questões e nunca lhe darei um passaporte. *Você terá de passar por cima do meu cadáver!* Você é um ex-prisioneiro e um pastor sem registro. Bastaria uma só destas duas coisas para não poder sair. E você é *ambas* as coisas! Agora, suma daqui e não volte mais!”

Saí quase cambaleando, porta afora. Sentia-me desolado. Toda a esperança parecia ter desaparecido. Quem falaria em favor das igrejas subterrâneas? Quem contaria a nossa história para despertar os crentes sonolentos do mundo livre?

Comparada a esta questão, a possibilidade de não ver novamente a minha família se reduzia à insignificância. Esta era uma questão puramente pessoal. Eu tinha uma mensagem da Igreja Subterrânea para o mundo livre. Como poderia transmiti-la, se o próprio Secretário

do Ministério do Interior me barrava o caminho? Voltando ao meu sótão, caí em profundo desespero. “Deus”, eu clamei no coração, “o que acontecerá agora com os nossos jovens, que nos pedem as Escrituras? E o que acontecerá com o nosso povo, se não temos a Bíblia? De onde nos virá socorro?”

Ao chegar em casa, encontrei *babba* Maria e duas outras crentes, esperando que eu voltasse com boas notícias. Minha missão era vital para todos os crentes da Igreja Subterrânea, e todos estavam orando! Eles sabiam o quanto estava em jogo. Então, contei a *babba* Maria e às outras pessoas o que acontecera: como meu pedido fora rejeitado de uma vez por todas pelo próprio Secretário, que havia jurado que eu sairia apenas passando por cima do cadáver dele.

“Ah!”, disse *babba* Maria, rindo, “não me importo nem um pouquinho com o que ele disse. É vital que você vá”. Ela prosseguiu: “Deus já me disse que o senhor sairá do país, e será em breve. Ninguém pode impedir o caminho de Deus”.

Aquilo me deixou sem resposta. Por um lado, eu estava extremamente aflito, mas, por outro lado, *babba* Maria era uma mulher de profunda espiritualidade. Ainda aflito, subi os degraus até meu quartinho no sótão. Mas, por trás de mim, *babba* Maria ordenou, em voz alta: “Arrume a sua bagagem, Haralan. Você irá para a Suécia!”

A idosa *babba* Maria não duvidava de Deus, nem por um momento! Isso era muito característico da fé irrepreensível das mulheres crentes que vivem atrás da Cortina de Ferro! Ela continuou suplicando que Deus fizesse o impossível e abrisse as portas para mim, a fim de que eu partisse.

Então, aconteceu o milagre pelo qual ela orava.

Pouco tempo depois, o Partido Comunista da Bulgária realizou a sua conferência anual. Inesperadamente, uma grande discussão irrompeu entre os “camaradas”, e cabeças começaram a rolar. Vários oficiais comunistas graduados e secundários foram expulsos, incluindo o Ministro do Interior e, com ele, o próprio *Secretário* que jurara eu sairia apenas passando por cima do seu cadáver!

Assim, poucos dias depois da ameaça dirigida a mim, *ele mesmo foi expulso de seu cargo!* E não tinha a menor idéia de que a pequena e idosa *babba* Maria havia orado para que ele perdesse seu cargo!

Quando ouvi a notícia, apressei-me a contá-la a *babba* Maria. “*Babba*, ele não sabe, mas provavelmente é o primeiro alto oficial comunista a perder seu cargo mediante a oração!” Ela apenas sorriu e disse: “Bem, talvez não seja o último”.

O Secretário tinha certeza de que eu nunca partiria, mas não havia levado em conta os planos de Deus. Ninguém pode obstruir o caminho de Deus.

Em 28 de dezembro, recebi uma carta que dizia: “Solicitamos seu comparecimento ao Departamento de Passaportes. Seu passaporte para viajar à Suécia e encontrar seus familiares está sendo concedido”. Como louvamos a Deus! *O milagre tinha acontecido*.

Babba Maria apenas sorriu e disse: “Haralan, eu não gosto de dizer-lhe que já tinha dito, *mas eu já lhe tinha dito!* Deus nunca falha. Agora vá e receba o seu passaporte!”

Era absolutamente desconhecido o fato de ter sido um ex-prisioneiro liberado e, menos ainda, um prisioneiro que também era um pastor evangélico “ilegal”. Era algo absolutamente sem precedentes, tanto na Bulgária como na Rússia. Mas Deus tinha uma missão urgente para mim, no mundo livre; e quando Deus fala, *ninguém* pode interferir. Quando um alto oficial comunista jurou pessoalmente que eu nunca sairia do país, Deus o removeu.

Os crentes de toda a Bulgária jejuaram e oraram por esse milagre — e ele aconteceu.

As palavras da idosa *babba* Maria se cumpriram.

Fui ao Ministério do Interior e mostrei a carta a uma funcionária. Ela me disse que fosse ao Banco Nacional pagar uma pequena taxa e voltasse ali com o comprovante, para receber meu passaporte. Dez minutos depois, eu estava no Banco Nacional. Tudo o que eu precisava fazer havia sido providenciado — nem mesmo tive de ficar durante horas em uma fila. Deus cuidou de todos os detalhes.

No dia seguinte, um sábado anterior ao Dia de Ano Novo, recebi meu passaporte. Depois, recebi o visto do Cônsul da Suécia e levei o passaporte de volta ao Departamento, a fim de obter uma liberação final para viajar ao exterior. Disse-lhes que um vôo sairia para a Suécia na segunda-feira, 31 de dezembro. Disseram-me que voltasse no domingo, às onze horas, para receber de volta o meu passaporte.

Visto que 31 de dezembro seria a véspera do Ano Novo e um feriado, as pessoas trabalhavam no domingo, para compensar o feriado. Nisso também vi a mão de Deus, capacitando-me a partir imediatamente. De outro modo, eu teria de esperar mais dez dias, até que houvesse outro vôo para a Suécia. E o que aconteceria, se outra pessoa tivesse os documentos mostrando que Haralan Popov, o ex-prisioneiro e pastor evangélico “não-reformado”, estava saindo do país? Isso violava todas as normas dos comunistas.

Voltei ao Departamento de Passaportes às nove da manhã do domingo. Às onze horas, eles começaram a entregar os passaportes dos que esperavam; todavia, o meu passaporte não estava entre aqueles. Quando perguntei, disseram-me: “Estamos entregando primeiramente os passaportes para países comunistas. Você precisa esperar”. Chegou o meio-dia. Pensei comigo mesmo: “*Será que a Polícia Secreta mudou de opinião?*”

Às doze e meia, uma voz masculina anunciou: “Haralan Popov”.

Levantei-me orando: “Senhor, seja feita a tua vontade”.

“Haralan Popov, venha aqui”, a voz chamou novamente, “o seu passaporte está pronto”. Apanhei-o e corri para o Bureau de Viagens Balcânicas, a fim de comprar a passagem de avião para o dia seguinte. Exatamente às treze horas, quando o expediente diário encerrava, tudo estava pronto — o passaporte, o visto e a passagem. Estava tudo em minhas mãos.

Deus tornou possível o impossível, pois Ele tinha uma missão urgente para mim, no mundo livre. Em todo o país, as igrejas subterrâneas receberam a notícia: “O pastor Popov vai partir”. As orações dos crentes haviam sido respondidas. Houve grande regozijo.

Em 31 de dezembro de 1962, segunda-feira, às oito horas da manhã, eu já estava no aeroporto; o avião partiu às dez horas.

Depois de partirmos de Sofia, voamos para Praga; em seguida, para a Alemanha Oriental e ficamos em Berlim Oriental durante meia hora. Saí do avião, mas, com tantos guardas comunistas ao redor, senti as paredes da prisão me cercando ali. De volta ao avião, pedi à aeromoça que me dissesse quando estivéssemos cruzando a fronteira da Alemanha Oriental e entrando na Ocidental. Quando estávamos sobrevoando a fronteira, dirigi a Deus uma oração de gratidão, porque

agora estava realmente fora das paredes da prisão.

Dez minutos antes de soar a chegada do Ano Novo, o avião aterrissou no Aeroporto de Arlanda, em Estocolmo. Não tenho palavras para descrever o encontro que aconteceu em seguida.


Estavam ali Rute, Rode e Paulo, bem como meu genro, João, e meu netinho. Quatro dias antes, eu não sabia se veria novamente os meus familiares, nesta vida. Todas as normas rígidas dos comunistas haviam sido quebradas; e o Secretário do Ministro do Interior, do partido comunista, o qual dissera que eu sairia do país apenas passando por cima do seu cadáver, fora removido subitamente de seu cargo. Agora, lá estava eu! Lágrimas de alegria rolaram livremente. Quando abracei Rute, pensei: *Isto é realidade ou um sonho?*

Era realidade. Abracei Rode — Rode, a menina chorona, que eu vira pela última vez fazia quase quinze anos e que clamou: “Papai! Papai!”, enquanto eu era levado embora. Paulo, que tinha apenas quatro anos quando fui preso, agora era quase um homem e durante todos aqueles anos não tivera pai. Entre lágrimas, o agarrei nos braços. Que dia de reencontro foi aquele!

Quando saímos do aeroporto e fomos para casa, de ônibus, os sinos das igrejas retiniam, despedindo-se do ano velho e saudando o Ano Novo. Ouvindo os sinos, lembrei-me dos sinos da véspera de Natal, em Persin, quando eu estava meio afogado e deitado na lama fria, esperando a morte. Os sinos me fizeram lembrar os treze Natais que eu passei nas celas da prisão, com frio e sozinho. Para mim e minha família, era verdadeiramente Ano Novo e uma vida nova.

No entanto, essa nova vida tinha uma missão: falar em favor das igrejas subterrâneas, que eu deixara atrás da Cortina de Ferro. Assim, depois de um breve período de recuperação e de permanência com os filhos, eu disse a Rute: “Querida, chegou o tempo de fazer o que eu vim fazer. Os crentes estão contando comigo. Não devo abandoná-los”.

Rute me compreendeu. Ela sempre me compreende. Desde então, freqüentemente, tenho estado longe de meu lar e de minha família, por causa da missão em favor de minha *outra família* — a fiel Igreja Subterrânea, que luta, com as mãos vazias, para servir a Cristo em países comunistas.



Uma mensagem da Igreja Subterrânea

Minha missão entre vocês, do mundo livre, consiste em despertar sua consciência para os sofrimentos e as necessidades de nossos irmãos em Cristo que vivem atrás da Cortina de Ferro. Eles estão sofrendo hoje, por causa de sua fé, assim como sofreram Pedro, Paulo e os crentes da Igreja primitiva.

Quer seja na Bulgária, na Rússia ou nos Estados Unidos, todos somos parte do *mesmo* Corpo de Cristo. Todos somos irmãos e irmãs em Cristo, filhos do mesmo Deus. Contudo, aquela parte do Corpo de Cristo, que se acha no mundo comunista, está sendo torturada, aprisionada, sofrendo como nunca, desde os dias dos mártires da Igreja Primitiva. Vocês podem não sentir a dor desses crentes?

Recentemente, fomos informados de que vários líderes da Igreja Subterrânea, na Rússia, morreram na prisão, incluindo o Rev. Bondorenko, um homem freqüentemente chamado de “Billy Graham russo”, por causa de seu trabalho por Cristo.

Esses corajosos líderes evangélicos não foram sentenciados à morte. De acordo com a polícia Secreta, todos eles morreram de “causas naturais”, no espaço de poucos dias uns dos outros. Pessoalmente, vi centenas dessas “mortes naturais”, nas prisões, devido aos efeitos dos espancamentos, das torturas e da dieta de fome.

Muitos milhares de crentes estão presos por causa de sua fé, na

Rússia, na Bulgária, na China e em outros países comunistas. Por trás de uma imagem de liberdade religiosa, inventada com cuidado, o rol de mártires crentes de nossos dias, cresce tragicamente. Por trás da propaganda de Bíblias impressas em países comunistas, o fato cruel é que os *comunistas* controlam a distribuição dessas Bíblias, que servem quase que exclusivamente como propaganda, e poucas delas chegam às mãos do cidadão comum.

Por trás da falsa imagem de tolerância para com os crentes, os filhos destes estão sendo separados dos pais por *toda a vida* e postos em internatos de orientação ateuista. Você pode imaginar a angústia desses pais, quando seus filhos lhes são arrancados e levados embora?

Enquanto essa luta espiritual devasta por trás da Cortina de Ferro; enquanto muitos crentes morrem por sua fé; enquanto verdadeiros servos de Deus são aprisionados e seus filhos são separados deles pelo resto da vida, as igrejas do mundo livre passam anos sem que alguém ouça *uma oração* por nossos irmãos que sofrem nos países comunistas!

Já falei em vários lugares do mundo em favor da Igreja Subterrânea. E, com frequência, tenho perguntado: “Quem de vocês já orou em favor dos crentes sofredores da Igreja Subterrânea?” Quase sempre a resposta é “ninguém”!

Isto é uma vergonha para a consciência de todos os crentes livres. Nós, que vivemos em países comunistas, *somos* irmãos e irmãs de vocês, em Cristo. Somos um único corpo em Cristo.

Pedimos Bíblias e “ferramentas de evangelismo”, que precisamos tão desesperadamente para manter viva a Palavra de Deus entre nós.

A trágica falta de Bíblias é a maior necessidade em países comunistas, hoje.

Meu povo aceita o sofrimento. Eles *entendem* que esta é a sua cruz. Mas não compreendem por que seus irmãos e irmãs do mundo livre parecem havê-los esquecido — até em suas orações.

Estou longe de Rute e de nossos filhos, falando, noite e dia, em benefício da Igreja Subterrânea e rogando que os crentes do mundo livre orem por ela.

Diante de Deus, é nosso dever cristão ajudar as desamparadas,

sofredoras famílias dos homens encarcerados por causa de sua fé. Precisamos ajudá-los e temos os meios para fazê-lo.

Nunca esquecerei como os membros de minha própria família quase morreram de fome, quando eu fui preso. A mesma tragédia está acontecendo, hoje, com muitas famílias evangélicas.

Como podemos dormir tranqüilamente à noite, conhecendo os sofrimentos pelos quais aqueles crentes passam? Como podemos ler nossa Bíblia sem que nosso coração chore por aqueles que não têm nenhuma?

A mensagem que tenho para vocês, enviada pela Igreja Subterrânea, é: “Não nos esqueçam. Orem por nós. Mandem-nos Bíblias, ferramentas de trabalho, e as usaremos no serviço de Cristo.”

Lembro-me perfeitamente bem de uma das celas de confinamento solitário, em Persin. No reboco cinzento da parede da cela havia uma inscrição meio apagada, gravada por algum crente desconhecido, que estivera ali antes de mim. A inscrição dizia: “SERÁ QUE ATÉ DEUS ESQUECEU-SE DE MIM?”

Aquele grito de angústia, gravado na parede da prisão, é o clamor que hoje vem de nossos irmãos em Cristo da Igreja Subterrânea, nos países comunistas.

Não, *Deus* não os esqueceu. Tampouco nós podemos esquecê-los.

Esta é a mensagem da Igreja Subterrânea para vocês.

Se estas palavras forem ouvidas, e se meu povo receber as Bíblias e a ajuda de que necessita, os anos que passei nas prisões comunistas terão valido a pena.

Rute une-se a mim nesta firme convicção.



Outras Biografias da Editora Fiel:

Ansiedades de um Padre - Herman J. Hegger

A Verdade nos Libertou - Várias Autoras

A Vida de David Brainerd - Jonathan Edwards

Christiana Tsai, A Rainha do Quarto Escuro - Christiana Tsai

De Traficante de Escravos a Pregador - Brian Edwards

Manuel, O Índio Diplomata - Hugh Stevens

Meu Coração nas Mãos de Deus - Sharon James

Torturado por sua Fé - Haralan Popov

Verdadeiramente Livres - Richard Bennett

Peça lista completa de livros, folhetos e versículos com preços e tabela de descontos à

Editora Fiel

da Missão Evangélica Literária

Caixa Postal 1601

12230-990 - São José dos Campos, SP

TORTURADO POR SUA FE

“O propósito deste livro não é mostrar a degradação dos homens — o que experimentei dia e noite durante mais de treze anos. O seu propósito é mostrar *o irresistível amor de Deus*. Se tenho de ressaltar algo neste livro, que seja *a verdade avassaladora do amor de Deus* em meio à bestialidade humana.”

De um modo autêntico e comovente, Haralan Popov nos conta as suas experiências nas prisões comunistas da Bulgária. Sua posição como pastor da maior igreja evangélica daquele país tornou-o um alvo especial da lavagem cerebral comunista. Suas experiências de prisão, tortura e sofrimento duraram treze anos.

Nos anos de prisão, em diversos lugares, Haralan Popov continuou seu trabalho para o Senhor. Depois dos trezes anos de aprisionamento, ele se tornou um dos líderes da Igreja Subterrânea, que veio à existência quando a igreja oficial passou a ser controlada pelas autoridades comunistas.



ISBN 859914518-5



9 788599 145180